

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Ailton de Souza

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: TESTEMUNHO E POESIA

São Paulo
2010

AILTON DE SOUZA

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: TESTEMUNHO E POESIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lucia Trevisan Pelegrino

São Paulo
2010

AILTON DE SOUZA

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: TESTEMUNHO E POESIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lucia Trevisan Pelegrino
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Maria Helena Fioravante Peixoto

S729s Souza, Ailton de.

Sor Juana Inés de la Cruz: testemunho e poesia / Ailton de Souza.

159 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

À glória do Grande Arquiteto do
Universo, que é Deus.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, criador de todas as coisas, que, por graça sua, concedeu-me o privilégio de perscrutar a sublimidade da Literatura na obra de Sor Juana Inés de la Cruz.

À minha esposa Andréia Souza, fiel companheira, que, ao longo dos anos, tem me apoiado incondicionalmente.

Ao meu filho Matheus H. Souza, coroamento de nosso amor – Andréia e eu – que, não poucas vezes me incentivou a permanecer no caminho da pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Lucia Trevisan Pelegrino, pela muita paciência e pelas orientações sábias.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie que, concedendo-me bolsa de estudo, permitiu-me participar da vida acadêmica.

À Igreja Presbiteriana do Brasil pelo muito incentivo.

Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar – que fuera en mí desmedida soberbia –, sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos.
Sor Juana Ines de la Cruz.

RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo de uma das cartas escritas pela freira mexicana, Sor Juana Inés de La Cruz, denominada “Respuesta” e de quatro de seus muitos poemas, a saber, “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”. Para esse estudo, nos valem os teóricos que estudam o gênero carta, como dos teóricos que escreveram sobre o gênero poesia. Acompanhados por esses teóricos, fizemos o seguinte percurso: descobrimos quais eram as vozes presentes no Novo Mundo no séc. XVII. Conjecturamos sobre quais foram os fatos que motivaram Sor Juana Inés de la Cruz, em 1690, a emitir comentários sobre um sermão do Padre Antônio Vieira pregado em 1650: Sermão do Mandato. Fizemos uma síntese dos objetos da polêmica gerada por tais comentários. Analisamos a carta “Respuesta” em diálogo com o conteúdo e a forma dos quatro poemas acima citados, observando a relevância da reflexão filosófica de Sor Juana assim como a complexidade da estética barroca.

Palavras-chave: Carta. Poesia. México. Testemunho.

ABSTRACT

This paper proposes a study of letters written by a Mexican nun, Sor Juana Inés de La Cruz, the "Respuesta" and four of her many poems, namely "En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?", "¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama", "Hombres necios que acusáis" e "¡Válgame Dios! ¿Quién pensara". For this study, we use many of the theorists who study the epistle gender, along with the theorists who study poetry. According to these theorists, we made the following: have tread the following path to discover the voices which were present in the New World in the 17 century. We have pondered about the facts that gave rise to the epistle produced by Sor Juana Inés de la Cruz, in 1690, about a sermon preached by Father Antonio Vieira in 1650: Sermon on the Mandate. We have also produced a synthesis of the topic of the polemic that came about as a result of such an epistle. We analyzed the letter "Respuesta" in dialogue with the content and form of four poems mentioned above, noting the importance of philosophical reflection of Sor Juana as well the complexity of the baroque aesthetic.

Keywords: Epistle. Poetry. Mexico. Testimony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – AS VOZES DO NOVO MUNDO	17
1.1 UMA VOZ FEMININA EM MEIO AO VICE-REINADO DA NOVA ESPANHA	17
1.2 O CONTEXTO DE UMA POLÊMICA	21
1.3 OS OBJETOS DA POLÊMICA: SERMÃO DO MANDATO E A CARTA ATENAGÓRICA	24
1.4 CARTA DE SOR FILOTEA DE LA CRUZ: UM PEDIDO COM DUPLO SENTIDO	30
CAPÍTULO 2 – A CARTA “RESPUESTA A SOR FILOTEA”: TESTEMUNHO, LIBERDADE E REFLEXÃO	33
CAPÍTULO 3 – UM OLHAR SOBRE A ESCRITURA POÉTICA DE SOR JUANA: REFLEXÃO E ANÁLISE	56
3.1 “EN PERSEGUIRME, MUNDO, ¿QUÉ INTERESAS?”: OS SENTIDOS DA BELEZA FEMININA.....	59
3.2 “¡OH FAMOSA LUCRECIA, GENTIL DAMA”: A MORTE COMO MEIO PARA ALCANÇAR A LIBERDADE	64
3.3 “HOMBRES NECIOS QUE ACUSÁIS”: A INCOERÊNCIA MASCULINA SOB OLHAR DE SOR JUANA	69
3.4 “¡VÁLGAME DIOS! ¿QUIÉN PENSARA” QUE UM HOMEM SUBSCREVERIA UM POEMA DE SOR JUANA	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
BIBLIOGRAFIA.....	89

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
---	-----------

ANEXOS	94
---------------------	-----------

ANEXO A – CARTA ATENAGÓRICA.....	94
ANEXO B – CARTA DE SOR FILOTEIA DE LA CRUZ A SOR JUANA DE LA CRUZ.....	118
ANEXO C – RESPUESTA DE LA POETISA A LA MUY ILUSTRE SOR FILOTEA DE LA CRUZ.....	122
ANEXO D – EN PERSEGUIRME, MUNDO, ¿QUÉ INTERESAS?.....	151
ANEXO E – ¡OH FAMOSA LUCRECIA, GENTIL DAMA.....	152
ANEXO F – HOMBRES NECIOS QUE ACUSÁIS.....	153
ANEXO G – ¡VÁLGAME DIOS! ¿QUIÉN PENSARA	155

INTRODUÇÃO

A produção poética e ensaística da freira mexicana do século XVII, Sor Juana Inés de la Cruz, é o objeto do nosso estudo. A figura histórica e literária de Sor Juana tem merecido inúmeros estudos críticos ao longo dos anos, tanto no México (PAZ, 1982; PLANCARTE, 1995), como na Europa (GALINDO, 1978) e nos Estados Unidos. A beleza dos versos dessa poetisa barroca, assim como a destreza de sua argumentação e a profundidade intelectual de suas referências teológicas e filosóficas continuam encantando as novas gerações e conquistando novos leitores, que não se paralisam diante da distância que esses três séculos impõem.

Juana Inés de Asbaje e Ramírez, filha de Isabel Ramírez de Santillana e de Pedro Manuel de Asbaje, nasceu em 12 de novembro de 1648 “a las doce de la noche” em San Miguel Nepantla, estado do México, próximo a Amecameca. Aprendeu a ler e a escrever aos três anos, aos oito escreveu sua primeira poesia, aos quatorze foi dama de honra da esposa do Vice-Rei Antonio Sebastián de Toledo, Leonor Carreto. Ao completar 19 anos, ingressou no convento das Carmelitas descalças e, após quatro meses, mudou-se para o convento da Ordem de São Jerônimo, onde ficou até o último dia de sua vida. Tornou-se conhecida como Sor Juana Inés de La Cruz, a maior figura das letras hispanoamericanas do século XVII por escrever poemas, peças de teatro e cartas. Sor Juana morreu em 17 de abril de 1695, contagiada pela epidemia que atingiu o convento de Santa Paula.

Sor Juana Inés de La Cruz viveu um momento histórico – a Nova Espanha do século XVII – em que a Igreja Católica não somente era a detentora de todo o saber teológico e filosófico, como também instruía, vigiava e denunciava a população. A Nova Espanha, preocupada com a pureza de sangue, proibia, por meio de leis, que a população espanhola se misturasse com classes ditas, então, inferiores. Os indígenas, mestiços e escravos vindos da África eram em número muito maior que os espanhóis, e não obstante às determinações de pureza de sangue, a população mestiça aumentava consideravelmente. Diante de tal problema, observou-se que as mulheres de raça branca, ainda que privilegiadas no momento de contrair núpcias, eram igualmente desvalorizadas quando pensavam em uma vida que não fosse dedicada ao casamento. Caso desejassem escapar do matrimônio, deveriam, invariavelmente, dedicar-se à vida religiosa, podendo, dessa forma, ter acesso a algum tipo de conhecimento (FRANCO, 1994, p. 11-25).

A estudiosa Jean Franco (ibidem, p. 15), em sua obra *Las Conspiradoras* (1994), afirma que, no século XVII, só havia duas possibilidades de se produzir uma cultura feminina: ou por meio do misticismo ou por meio da racionalidade. Sor Juana Inés de la Cruz escolheu o caminho assaz perigoso, o da racionalidade: “La otra posibilidad para la mujer – aunque más difícil – era entablar la lucha en el terreno de la racionalidad. [...] Sin embargo, su libertad era precaria, pues en cualquier momento podía intervenir la iglesia para censurar y supervisar sus escritos”.

Vencendo todas as barreiras, Sor Juana alcançou o conhecimento estudando inúmeras obras dos sábios de seu tempo, permitindo ser por eles influenciada. Em sua obra *El ‘Sueño’ de Sor Juana Inés de la Cruz: tradiciones literarias y originalidad*, Georgina Sabat de Rivers (2006, p. 163) explica a questão:

Hemos notado en Sor Juana la influencia de poetas, o de temas usados en poesía, desde Boscán y Garcilaso hasta Salazar y Torres, con una intensificación de tono y tópicos usados por los post-gongorinos: Jacinto Polo de Medina, Gabriel Bocángel y Unzueta, y, particularmente, Francisco de Trillo y Figueroa y Agustín de Salazar y Torres. Y esto no es raro, ya que Sor Juana, al expresar abiertamente su admiración por el poeta cordobés, se sintió naturalmente inclinada a elaborar la técnica de éste, lo mismo que lo hicieron los otros continuadores del culteranismo, se dijera o no admiradores de Góngora, y que se encuentran entre don Luis y Sor Juana. De los poetas no gongorinos, era lógico que Sor Juana sintiera una afinidad especial con aquéllos en los cuales primaban la erudición y las emociones intelectualizadas, como Lope de Vega, Quevedo y, sobre todo, Fray Luis de León¹.

Da mesma forma, Mauricio Beuchot (2001), em *Sor Juana: una filosofía barroca*, científica-nos sobre os poetas, temas, filósofos e teólogos que influenciaram Sor Juana Inés de La Cruz:

Destaca la figura de Carlos de Sigüenza y Góngora, en quien, además de la presencia del hermetismo kircheriano, se percibe la de la modernidad cartesiana. Sigüenza, gran amigo de Sor Juana, es un preclaro modelo para ella en estas corrientes, que parecen confluir en su obra. [...] Sor Juana

¹ Tradução livre (Com excessão da tradução do poema “Hombres necios que acusáis” que é de Ailton de Souza e Jorge Luis Gutiérrez, todas as traduções deste trabalho foram realizadas por Ailton de Souza): “Notamos em Sor Juan a influência de poetas, ou de temas usados em poesia, desde Boscán e Garcilaso até Salazar e Torres, com uma intensificação do tom e tópicos usados pelos pós-gongorinos: Jacinto Polo de Medina, Gabriel Bocángel e Urzueta, e, particularmente, Francisco de Trillo, Figueroa, Agustín de Salazar e Torres. E isto não é estranho já que Sor Juana, ao expressar abertamente sua admiração pelo poeta cordobês, se sentiu naturalmente inclinada a elaborar a técnica deste, o mesmo que lhe fizeram os outros continuadores do cultismo, se disseram ou não admiradores de Góngora, e que se encontram entre Don Luis e Sor Juana. Dos poetas não gongorinos, era lógico que Sor Juana sentira uma afinidade especial com aqueles nos quais primavam a erudição e as emoções intelectualizadas, como Lope de Vega, Quevedo e, sobre tudo, Fray Luis de León”.

Inés de la Cruz manifestó un notable conocimiento de la escolástica, tanto en filosofía como en teología. Estos conocimientos, al ser transportados a su poesía, adquieren un ropaje literario con el que no sólo conservan su condición de ideas filosóficas y teológicas, sino que adquieren una fuerza especial que los potencia aún más para lograr llegar al ánimo del público².

Sor Juana viveu e produziu suas obras em um período literário rotulado de barroco pelos estudiosos. Nesse tempo, as obras literárias carregavam em si certas marcas que encontramos nas produções de Sor Juana. Georgina Sabat Rivers (1992), em sua obra *Estudios de literatura hispanoamericana: Sor Juana Inés de la Cruz y otros poetas barrocos de la Colonia*, auxilia-nos afirmando:

Entre las muchas características del Barroco que señala y estudia José Antonio Maravall, hay algunas que nos conviene señalar por lo que tienen de relación con América, el llamado Nuevo Mundo, y con nuestros autores; son: la dificultad; el deseo de asombrar; dinamismo; pasión por lo raro, por lo desconocido y por lo insólito; afán de medro; inconformismo; énfasis en el saber y cultivo de la inteligencia; literariedad; carácter de escritura dirigida; expresión jesuítica de lo mental; mezcla de lo ilustre y lo vulgar; ejercicio de la elección ante situaciones vitales; predominio de lo aparental; conocimiento propio a través de la experiencia; afán de sobrecoger y persuadir, y deseo de dominio³.

Octavio Paz, em 1982, após três décadas de pesquisa sobre a vida e obras de Sor Juana, construiu um valioso estudo crítico presente no livro *Sor Juana Inés de La Cruz o las trampas de la fe*, um compêndio de 659 páginas, dividido em prólogo, seis partes e mais um índice onomástico. No prólogo, composto de 66 páginas, Paz descreve a situação do reino da Nova Espanha na época em que viveu Sor Juana Inés de la Cruz; nas 75 páginas seguintes, relato-nos os 20 primeiros anos da vida de Juana Ramírez; as 79 páginas posteriores estão reservadas ao relato dos 10 anos seguintes da vida de Juana (1669-1679); as 117 páginas

² “Destaca a figura de Sigüenza e Góngora, em quem, ademais da presença do hermetismo Kircheriano, percebe-se a da modernidade cartesiana. Sigüenza, grande amigo de Sor Juana, é um excelente modelo para ela nestas correntes, que parecem confluir em sua obra [...] Sor Juana Inés de la Cruz manifestou um notável conhecimento de escolástica, tanto em filosofia como em teologia. Estes conhecimentos, ao serem transportados para sua poesia, adquirem uma roupagem literária com o que não somente conservam sua condição de ideias filosóficas e teológicas, como também adquirem uma força especial que os potencia ainda mais para lograr chegar ao agrado do público”.

³ “Entre as muitas características do Barroco assinaladas e estudadas por José Antonio Maravall, há algumas que nos convêm assinalar pelo que têm de relação com a América, o chamado Novo Mundo, e com nossos autores; são: a dificuldade; o desejo de assustar; o dinamismo; a paixão pelo estranho, pelo desconhecido e pelo insólito; o desejo pelo progresso; o inconformismo; a ênfase no saber e no cultivo da inteligência; a literariedade; o caráter de escritura dirigida; a expressão jesuítica do mental; a mescla do ilustre com o vulgar; o exercício da eleição diante de situações vitais; o predomínio da aparência; o conhecimento próprio por meio da experiência; o desejo de impressionar e persuadir; e o desejo de domínio”.

intermediárias descrevem os próximos 10 anos de Sor Juana Inés de La Cruz (1680-1690); a penúltima parte, de 147 páginas, está reservada ao estudo de algumas produções de Inés; e a última parte, de 122 páginas, ficou reservada ao estudo da Carta Atenagórica e da Carta “Respuesta” de madre Juana Inés de la Cruz.

O presente trabalho propõe um estudo de uma das cartas escritas por Sor Juana Inés de La Cruz, denominada “Respuesta”, objeto de análise da última parte do já citado livro de Octavio Paz, e de quatro de seus muitos poemas, a saber, “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”. Para este estudo, nos valeremos tanto dos teóricos que estudam o gênero carta, como dos teóricos que escreveram sobre o gênero poesia.

A fim de não nos perdemos pelo caminho, elegemos a seguinte hipótese que irá nos nortear: A carta “Respuesta” não é só um texto que surge por causa de uma circunstância histórica pessoal, mas é um texto em que ela desenvolve um tema que sustenta nesses quatro já citados poemas que serão analisados. A carta apresenta questões formais que poderão ser averiguadas nos poemas. Existe uma referenciação da ironia ou dos paradoxos nos textos estudados.

O percurso de nosso estudo será este: descobriremos quais eram as vozes presentes no Novo Mundo e como elas se impunham. Conjecturaremos sobre quais foram os fatos que motivaram Sor Juana a emitir comentários sobre um sermão de Vieira pregado quarenta anos antes, que acabaram por desencadear tamanha polêmica em seus dias. Faremos uma síntese dos objetos dessa polêmica: Sermão do Mandato, de Padre Antonio Vieira, pregado em 1650 e a Carta Atenagórica, de Sor Juana Inés de la Cruz, escrita em 1690. Traremos à luz o objetivo da carta que Sor Filotea escreveu à Sor Juana. Analisaremos a Carta “Respuesta”, de Sor Juana escrita ao Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz, para vermos qual é o tema ou quais são os temas que ali está(ao) presente(s). Analisaremos os quatro poemas para sabermos qual tema ou quais temas encontraremos. Avaliaremos se o(s) tema(s) encontrado(s) na Carta “Respuesta” é(são) ou não o(s) mesmo(s) encontrado(s) nos poemas “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”, a fim de sabermos, como já asseveramos em nossa hipótese, se, na Carta “Respuesta”, Sor Juana desenvolveu um tema por causa de uma circunstância histórica pessoal ou se desenvolveu uma ideia que já havia sustentado nesses

quatro poemas, se a carta apresenta questões formais que poderão ser averiguadas nos poemas e se existe uma referência da ironia ou dos paradoxos nos textos estudados.

CAPÍTULO 1 – AS VOZES DO NOVO MUNDO

1.1 UMA VOZ FEMININA EM MEIO AO VICE-REINADO DA NOVA ESPANHA

O poeta e ensaísta Otávio Paz e o historiador O’Gorman concordam em afirmar que a história do México contempla três períodos: o Império Mexicano, o Vice-Reinado da Nova Espanha e a Nação Mexicana (PAZ, 1982, p. 23-41). Ainda que um período esteja imbricado no outro, o que nos interessa para elaborar a construção do período histórico que compreende a produção literária de Sor Juana Inés de la Cruz é o Vice-Reinado da Nova Espanha (séc. XVI, XVII e XVIII). Nesse período, mais especificamente no séc. XVII, encontram-se o Padre Vieira, Sor Juana e suas respectivas produções literárias.

A Espanha expandiu-se com o objetivo de ampliar seu território e sua fé, fazendo com que o princípio fundador do Novo Mundo se caracterizasse pela conquista e pela conversão dos nativos. A partir do momento em que a Espanha passou a colonizar o México (1521), o catolicismo fez-se presente em todas as esferas sociais (BOIXO, 2001, p. 18), sendo a “evangelização” a palavra de ordem. O Novo Mundo, ao longo de seu processo de colonização, passou a caracterizar-se pela seguinte dicotomia: os “católicos” e os “outros”.

O regime político que se instalou no México após a conquista foi o “Patrimonialismo”, em que o Vice-Rei era, também, Governador geral e presidente da Real Audiência, além de braço forte do Monarca na colônia, que cuidava dos assuntos políticos e bélicos. Paz (1982, p. 53) afirma que “en siglo XVII se dibuja con mayor claridad la división dual en la cumbre de la sociedad. El poder político y militar era español; el poder económico, criollo; el poder religioso tendía a repartirse entre unos y otros”.

O rei da Espanha salvaguardava a fidelidade do Vice-Rei de diferentes formas: primeiro, designava-o a uma colônia por um breve período. Carlos V, por exemplo, designava seus representantes nestes termos: “por el tiempo que fuera la voluntad del Rey”; segundo, não permitia que levasse consigo suas filhas, filhos, noras e genros; terceiro, vigiava-o por meio do “Visitador”, que averiguava se o Vice-Rei empreendia ações favoráveis à corte. Entre os muitos “Visitadores”, encontra-se Palafox, que também foi Bispo de Puebla, antecessor de Manuel Fernández de

Santa Cruz. Sor Juana contou com o apoio de quatro Vice-Reis: Antonio Sebastián de Toledo – Marquês de Mancera (1664-1673); Frei Payo Enríquez de Rivera (1673-1680); Tomás Antonio de la Cerda – Marquês de Laguna e Conde de Paredes (1680-1686); Gaspar de Sandoval Cerda Silva y Mendoza – Conde de Galve (1688-1696). Ao lado do poder bélico e político do Vice-Rei, estava o poder moral e religioso representado pelo Arcebispo do México e pelo Bispo de Puebla, aliás, a ortodoxia religiosa sustentava o sistema político. Às vezes, o Vice-Rei era, também, o Arcebispo do México, como foi o caso de Frei Payo Enríquez de Rivera. O grande opositor de Sor Juana foi o Arcebispo do México, Francisco de Aguiar y Seijas (1681-1698), sendo seu aliado o Bispo de Puebla, Manuel Fernández de S. Cruz (1677-1699) (PAZ, 1982, p. 23-40, 43, 48, 49 e 521).

Somente uma pequena parcela da sociedade tinha acesso à cultura. As únicas instituições de ensino eram a Igreja e a Universidade. A teologia era a rainha das ciências e, em torno dela, ordenava-se o saber. A Corte tornava-se rival da Igreja e da Universidade ao propagar estética e cultura.

Outro aspecto importante da cultura do Novo Mundo é o confessorário, por meio do qual o clero tomava conhecimento de tudo o que se passava entre as monjas, que deviam contar-lhes até seus pensamentos mais íntimos. O Confessor era o mentor espiritual, era o responsável pela conduta religiosa daquelas que estivessem sob sua jurisdição. Além disso, ele tinha a função de delatar ao Santo Ofício (Inquisição) todas as ideias que julgasse heréticas, fato este que fazia com que ele fosse mais temido do que propriamente respeitado. Mais uma vez, uma é a voz do homem, outra, a da mulher (FRANCO, 1994, p. 33- 34):

A fin de proteger los límites entre la racionalidad y lo irracional, la Iglesia se valía del púlpito y del confesionario y de ciertos géneros de discurso – el sermón, por ejemplo – vedados a la mujer. El sacerdote tenía el poder de instruir, denunciar e vigilar a la población (idem, ibidem, p. 12)⁴.

No Novo Mundo do século XVII, os confessores obrigavam as monjas a colocarem, no papel, suas visões celestiais. Dessa forma, o trabalho de escrita se tornava um fardo quando tinham que reproduzir, em prosa laboriosa, uma

⁴ “A fim de proteger os limites entre a racionalidade e a irracionalidade, a Igreja valia-se do púlpito, do confessorário e de certos gêneros de discurso – o sermão, por exemplo – proibidos às mulheres. O sacerdote tinha o poder de instruir, denunciar e vigiar à população”.

experiência sobrenatural. Vencidos os obstáculos da escrita, os textos produzidos eram confiscados e utilizados, posteriormente, como matéria-prima de uma biografia escrita por um sacerdote. Esse material – quando não rejeitado, pois havia regras para aceitá-lo – tornava-se precioso: “En el prólogo a la vida de María de Jesús Tomelín, el padre Diego de Lemus escribió que la Nueva España no sólo había enriquecido a la monarquía con tributos en forma de metales, ‘sino con el oro de ejemplos celestiales’” (FRANCO, 1994, p. 30).

As mulheres não eram proibidas de estudar, no entanto suas leituras eram vigiadas e não se lhes exigia muito conhecimento sobre o latim, língua dos sábios. Ademais, elas não podiam discutir temas eruditos em público, nem participar de discussões que promoviam o conhecimento. A voz das mulheres era marginal, mística, subjetiva, cotidiana e manipulada conforme o desejo dos confessores:

La obligación de escribir constituía una verdadera tortura para María de San Joseph, sobre todo porque los confesores eran muy arbitrarios con ella. Por ejemplo, el padre Dionisio a veces hacía que escribiera todo el tiempo, permitiéndole descansar muy poco; pero en otras ocasiones no la dejaba leer ni escribir nada. También ella mostraba una constante preocupación por el destino final de lo que había escrito (idem, ibidem, p. 40-41)⁵.

Enquanto as mulheres produziam suas obras místicas, o clero elaborava textos a partir das discussões teológicas e escolásticas. O clero pegava partes dos textos místicos produzidos pelas monjas e inseriam em seus textos sem dar a elas o crédito devido. Aos homens pertenciam as Escrituras, o púlpito e a política. Quanto aos textos poéticos, lembremos das produções dos padres Luis de Góngora, Lope e Calderón. Nesse sentido, a voz dos homens é que era legítima, o referencial do saber (FRANCO, 1994, p. 30, 42, 52, 58 e 63; PAZ, 1982, p. 555). A literatura do Novo Mundo era douta, acadêmica, profundamente religiosa, sendo, pois, dogmática, hermética, aristocrática e escrita apenas por homens e, portanto, somente lida por eles (PAZ, 1982, p. 69).

Com a conquista, os templos e monumentos religiosos pagãos foram demolidos ou transformados. A destruição das estátuas, das pinturas pagãs representava a aniquilação da consciência dos vencidos. A arte barroca, estampada

⁵ “A obrigação de escrever constituía uma verdadeira tortura para Maria de San Joseph, sobretudo porque os confessores lhe eram muito arbitrários. Por exemplo, o padre Dionisio, às vezes, fazia com que ela escrevesse o tempo todo, permitindo-lhe pouco descanso, mas em outras ocasiões não a deixava ler nem escrever. Ela também mostrava uma constante preocupação com o destino final do que escrevia”.

nos novos templos (tetos e vigas revestidos com ouro, altares de mármore, santos pintados com várias cores, representações de feridas abertas, corpos transpassados e olhos em transe), incentivava tanto a penitência como o êxtase. Paz registra que as “Plazas, iglesias, ayuntamientos, acueductos, hospitales, conventos, palacios, colegios: las ciudades de Nueva España son la imagen de un orden que abarcó a la sociedad entera, al mundo y al transmundo” (PAZ, 1982, p. 51-52). Esse ambiente, marcado pela arte barroca, estimulava as mulheres em suas produções místicas. O caminho da racionalidade perdia-se em meios aos devaneios da alma (FRANCO, 1994, p. 35-39).

No Novo Mundo, como já afirmamos, os discursos eram produzidos na Universidade, na Corte e na Igreja, que nunca se separavam por completo. Na corte, as crianças e os adolescentes socializavam-se com regras de decoro e de comportamentos diferentes dos preconizados nas casas e nas igrejas. Nesse espaço, as mulheres encontravam a liberdade que não desfrutavam no matrimônio, nem no convento. No matrimônio, estavam cativas ao esposo, no convento estavam à mercê dos Confessores e das Universidades elas não participavam. É no palácio que a mulher ganhava personalidade, tinha voz: “Esta fase intermedia de la vida cortesana le proporcionó a Sor Juana el modelo para el espacio teatral de sus dos piezas laicas: Los empeños de una casa y Amor es más laberinto”⁶ (idem, ibidem, p. 56).

A Corte exerceu duplo papel civilizador: transmitiu à sociedade do Novo Mundo os modelos da cultura aristocrática europeia e propôs à imitação coletiva um tipo de sociabilidade distinta do que oferecia a Igreja e a Universidade, afirma Otavio (PAZ, 1982, p. 43). Continua ele (ibidem, p. 42):

Teatro de actividades sociales y culturales no menos que intrigas y decisiones políticas, la corte virreinal fue un centro de irradiación moral, literaria y estética; al influir en las actitudes y en las maneras de la gente, modificó profundamente la vida social y los destinos individuales⁷.

Sor Juana teve a oportunidade de participar de dois dos três centros produtores de conhecimento: da Corte e da Igreja. Na Corte, ela fez amigos,

⁶ “Esta fase intermediária da vida de Sor Juana, vivida na corte, proporcionou a ela o modelo para o espaço teatral de suas duas peças laicas: *Os empenhos de uma casa e Amor é mais labirinto*”.

⁷ “Teatro de atividades sociais e culturais não menos que intrigas e decisões políticas, a corte foi um centro de irradiação moral, literária e estética; ao influenciar as atitudes e as maneiras do povo, modificou profundamente a vida social e os destinos individuais”.

absorveu os princípios ali apregoados e deu sua contribuição quando produziu inúmeros poemas e peças teatrais de atividades sociais, culturais e religiosas.

1.2 O CONTEXTO DE UMA POLÊMICA

Antes de pensarmos na análise das ideias contidas na Carta Atenagórica (1690), de Sor Juana Inés de la Cruz, e no Sermão do Mandato (1650), do consagrado jesuíta Padre Antônio Vieira, cabe uma reflexão sobre as possíveis motivações que levaram Sor Juana a escrever um texto de alto teor teológico e filosófico, texto este que traçava uma interpretação diferente para os fatos bíblicos que outrora foram alvos dos estudos de Vieira, “considerado como uno de los grandes prosistas de su siglo”⁸ (PAZ, 1982, p. 511). O que levou Sor Juana a escrever a Carta Atenagórica emitindo opinião sobre um sermão que fora escrito quando ela tinha apenas dois anos de idade (1650)? Acreditamos que, ao descobirmos suas prováveis motivações, ficarão patentes os porquês de tanta polêmica.

Paz (ibidem, p. 512-515) afirma que o tema do Sermão do Mandato (amor e correspondência) sempre foi caro à Sor Juana: “El tema [del sermón], según se recordará, la había apasionado siempre y aparece en sus poemas de amor y hasta en un sainete”⁹, daí podermos inferir seu grande interesse por esse sermão de Vieira, e não por outro que ele tenha escrito.

Paixão pela retórica: “Pasión retórica, enamorada de sí misma y lejos también del auténtico sentimiento religioso: shadow boxing”¹⁰ (idem, ibidem, p. 515). Apaixonada pela retórica, pelas discussões filosóficas e teológicas, Sor Juana encontrou ocasião para dialogar com um dos maiores e melhores mestres da retórica e da prosa barroca de seus dias.

Por obediência, a solicitação do Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz: “[...] Cuenta que en una ocasión la oyó discurrir ‘bachillerías’, que su bondad llamó ‘vivezas’ sobre ‘los sermones de un excelente orador’ y tanto le gustó lo que había

⁸ “Considerado como um dos grandes prosistas de seu século”.

⁹ “O tema do sermão, segundo se lembrará, lhe era apaixonante e aparece em seus poemas de amor e até em um sainete”.

¹⁰ “Paixão retórica, enamorada de si mesma e longe também do autêntico sentimento religioso: shadow boxing”.

oído que le pidió que escribiese sus razones”¹¹ (PAZ, 1982, p. 512-513). Manuel Fernández de Santa Cruz fora consagrado e nomeado Bispo de Puebla pelo Vice-Rei e Arcebispo do México, Frei Payo Enríquez. Ocupava uma posição privilegiada na sociedade do Novo Mundo, em que os poderes político e religioso, às vezes, fundiam-se em uma única pessoa. O Bispo Manuel Fernández sempre gozou de grande prestígio junto à Corte desde o início de sua carreira religiosa. Foi a rainha Mariana da Áustria, esposa de Carlos II, regente da Espanha, quem aprovou seu nome para ser Bispo de Chiapas em 1672.

O Bispo Manuel Fernández exercia uma grande influência sobre as monjas, não somente pelo cargo eclesiástico que ocupava, mas também, por ter sido ele o idealizador de “colégios para niñas vírgenes [...], colégios de monjas y una casa para mujeres ‘recogidas’. [...] El Bispo de Puebla visitaba las monjas, conversaba con ellas, sobre todo, les escribía encendidas cartas que Torres llamó espirituales”¹² (idem, ibidem, p. 521-522).

Sor Juana estava a serviço da política eclesiástica que apoiava o grupo, grupo este que, liderado pelo Bispo de Puebla Manuel Francisco de Santa Cruz, fazia oposição ao Arcebispo do México Francisco Aguiar e Seijas. O Arcebispo do México era sucessor de Frei Payo Enríquez e alcançou essa posição com o apoio da Companhia de Jesus. O Arcebispo Aguiar de Seijas era amigo do Padre Antônio Vieira; assim, ao dialogar com Vieira por meio do texto, Sor Juana expunha o Arcebispo Aguiar e Seijas, ao mostrar que havia uma forma de aproximar-se dos fatos bíblicos diferente da que fora apresentada por Vieira. Com essa ousadia, Sor Juana ofuscou o brilho de pessoas ilustres: “Con ideas y procedimientos que venían de los jesuítas, sor Juana atacó a uno de ellos y de los más ilustres. Su ataque no fue, como el de Pascal, a una doctrina sino a una persona y a un grupo” (idem, ibidem, p. 518):

[...] entre los amigos y admiradores de Vieyra se encontraba, en primera fila, Aguiar y Seijas. Su amistad era tanta que en 1675 y 1678 se publicaron en Madrid dos volúmenes de traducciones de sermones de Vieyra, ambos

¹¹ “Conta que, em uma ocasião, o Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz ouviu Sor Juana Inés de la Cruz dizer loquacidades sobre o Sermão do Mandato que sua bondade chamou de ‘vivezas’ sobre os sermões de um excelente orador (Vieira) e tanto lhe agradou o que ouviu que pediu a ela que escrevesse suas razões”.

¹² “Escolas para meninas virgens [...], escolas de monjas e uma para mulheres recolhidas. [...] O Bispo de Puebla visitava as monjas, conversava com elas, sobretudo, escrevia-lhes cartas as quais Torres chamou de espirituais”.

dedicados a Aguiar y Seijas, entonces obispo de Michoacán. En 1683 aparecieron unas Conclusiones a toda la teología, que la Real y Pontificia Universidad de México dedicó a Vieyra. Seguramente, dice Dario Puccini, 'una sugerencia de Aguiar y Seijas, recién llegado al poder' [...]. Finalmente, en 1685 se publicó en México el sermón de Vieyra 'Heráclito defendido'" (PAZ, 1982, p. 524)¹³.

Sor Juana gozava da proteção dos Vice-Reis, entre os quais, destacamos o Vice-Rei Tomás Antonio de la Cerda – Marquês de Laguna (1680-1686), porque foi ele que, de volta à Espanha, incentivou Ivan Garcia Infanzon a publicar, em 1689, a primeira edição das obras de Sor Juana sob o título *Inundación castálida*, em 1690, surgiu a segunda edição do mesmo volume corrigida e aumentada e, em 1691, apareceu, em Barcelona, a terceira edição corrigida e ampliada por sua autora. Ainda em 1691, foi publicada a obra *Trofeo de la justicia española* preparada por Sigüenza e Góngora; entre os poemas, encontrava-se o *Epinicio gratulatorio al conde de Galve*, escrito por Sor Juana. A Corte, com isso, metia-se em assuntos da Igreja, tornando público o que o Arcebispo Aguiar queria esconder. Colocava Sor Juana no centro das discussões intelectuais. Disseminava suas ideias. Dava-lhe voz (idem, ibidem, p. 556-600).

O texto foi redigido por uma mulher: Sor Juana reescreveu um sermão de Vieira, que era venerado pelo Arcebispo Francisco Aguiar y Seijas: “La monja encarnaba una excepción doble e insuportable: la de su sexo y la de su superioridad intelectual”¹⁴ (idem, ibidem, p. 556). Sor Juana, escritora de comédias e teatros, enfrentou o Arcebispo do México, Francisco Aguiar y Seijas, que gostava de queimar livros de comédia, era inimigo declarado dos teatros e desprezava, humilhava, tinha horror às mulheres. Ele, que dava graças a Deus por não ter uma boa visão, pois, assim, não via as mulheres, teve, no entanto, de ver-se envolvido em um texto escrito por Sor Juana. Ela, que deveria produzir textos místicos e afastar-se dos centros intelectuais, envolvera-se com assuntos que eram peculiares aos homens: as Escrituras, o púlpito e a política. Com esse comportamento, colocava seu

¹³ “[...] entre os amigos e admiradores de Vieira se encontrava, principalmente, Aguiar y Seijas. Sua amizade com Vieira era tão grande que, em 1675 e em 1678, foram publicados, em Madri, dois volumes de traduções dos sermões de Vieira, ambas dedicadas a Aguiar y Seijas, então arcebispo de Michoacán. Em 1683, apareceram as conclusões a toda a teologia, que a Real e Pontificia Universidade de México dedicou a Vieira. Seguramente, disse Dario Puccini, “uma sugestão de Aguiar y Seijas, recém chagado ao poder” [...]. Finalmente, em 1685 se publicou em México o sermão de Vieira “Heráclito defendido”.

¹⁴ “A monja incorporava uma singularidade dupla e insuportável: a de seu sexo e a de sua superioridade intelectual”.

confessor, Antonio Núñez de Miranda – que tinha a função de burilar sua alma, controlar suas leituras, conhecer seus mais íntimos pensamentos – em situação totalmente constrangedora diante do Arcebispo Aguiar, que a abandonou por dois anos (PAZ, 1982, p. 526- 531, 556):

La reacción del confesor de sor Juana, el jesuita Antonio Núñez de Miranda, fue aún más dura: le retiró sus auxilios y se negó a verla. Núñez de Miranda era una figura de gran prestigio e influencia: profesor de teología, rector del Colegio de San Pedro y San Pablo, predicador de fama, hombre de crédito con los magnates, consejero incansable de monjas y calificador del Santo Oficio. Este cargo consistía en examinar, censurar y [...] condenar los libros y proposiciones sometidos a la autoridad de la Inquisición (idem, ibidem, p. 552)¹⁵.

A única coisa que não pode figurar entre nossas conjecturas é que Sor Juana foi ingênua, dirigida como uma marionete, porque os estudos nos mostram que ela sabia o que fazia e o fez por estar convicta de que deveria fazê-lo: “Sor Juana no fue un instrumento del obispo de Puebla. Fue su aliada”¹⁶ (idem, ibidem, p. 533).

1.3 OS OBJETOS DA POLÊMICA: SERMÃO DO MANDATO E A CARTA ATENAGÓRICA

Os objetos da polêmica são: Sermão do Mandato, de Padre Antônio Vieira, pregado na Capela Real em 1650, e a Carta Atenagórica, de Sor Juana Inés de la Cruz, escrita em 1690. Registramos que o que se seguirá é, apenas, uma síntese das principais ideias de um e de outro texto. O sermão está escrito em vinte e cinco páginas e a carta está escrita em vinte e quatro. Ressaltamos que vale a pena o leitor encontrar tempo para ler um e outro texto, pois, como qualquer outro escrito de ambos os autores, em uma leitura detida, somos envolvidos pelas palavras bem arranjadas pelos Mestres. Nesse sentido, a opinião de Paz é valiosa para nossa

¹⁵ “A reação do confessor de Sor Juana, o jesuíta Antonio Núñez de Miranda, foi ainda mais dura: retirou-lhe seus auxílios e negou-se a vê-la. Núñez de Miranda era uma figura de grande prestígio e influência: professor de teologia, reitor da Universidade de San Pedro e San Pablo, pregador de fama, homem de crédito com os magnatas, conselheiro incansável de monjas e qualificador do Santo Ofício. Esse cargo consistia em examinar, censurar e [...] condenar os livros e proposições submetidas à autoridade da Inquisição”.

¹⁶ “Sor Juana não foi manipulada pelo Bispo de Puebla. Foi sua aliada”.

interpretação: “No sé si mi resumen, breve y tosco, deja vislumbrar um poco la sutileza e ingenio de Vieyra y de sor Juana”¹⁷ (PAZ, 1982, p. 515).

Padre Antônio Vieira, no Sermão do Mandato, começa sua prédica salientando que Deus realizou grandes feitos no último dia da Criação, não deixando de agir diferentemente no dia da Redenção, uma vez que as últimas obras realizadas nesse dia refletem a grande proeza de seu amor: um amor que é igual sempre, nem mais nem menos. Amor perfeito, sublime! Amor, essencialmente, imutável e infinito, pois, como homem, amou perfeitamente e, como Deus, amou infinitamente. Daí não poder o amor de Cristo sofrer variação. Vieira afirma que o amor de Cristo há de ser visto por sua natureza interna e por sua natureza externa. Pela interna, o afeto é o mesmo – igual sempre –, pela externa, são maiores os efeitos, maiores as finezas no dia da partida. Nesse ponto, o padre é pontual, pois, presumindo que os efeitos são maiores finezas, indaga: Sendo as finezas do fim as mais nobres, qual delas é a sublime? Essa será a dúvida, a questão para a qual Vieira buscará respostas (VIEIRA, p. 189-190)¹⁸.

Vieira começa a desenvolver seu sermão, mostrando que seu pensamento era diferente do pensamento de Agostinho ao afirmar: “a maior fineza do amor de Cristo para com a humanidade foi o morrer por ela” (idem, p. 191). Para o pregador, a maior fineza do amor de Cristo não foi o morrer pelos homens, mas, sim, o ausentar-se. Ele pondera que não se pode questionar o fato de Cristo ter amado mais os homens que sua própria vida, já que a deu em favor deles. No entanto, ele afirma que, se é possível asseverar que o morrer foi abandonar a vida, o ausentar-se significou renunciar os homens. Daqui segue que o ausentar-se foi a maior fineza, isso porque morrer era deixar a vida que era menos amada e ausentar-se era deixar os homens que passaram a ser ainda mais amados. Tal pensamento é solidificado com muitos outros exemplos (nos quais reside a beleza do processo argumentativo), dos quais destacamos apenas um: valendo-se das palavras do evangelista João, “Siens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem [Sabendo que era chegada a hora de partir deste mundo para o Padre]” (idem, p. 191), ele mostra que o verbo “partir”, posto no lugar do verbo “morrer”, é uma

¹⁷ “Não sei se meu resumo breve e tosco deixa vislumbrar um pouco a sutileza e a perspicácia de Vieira e de Sor Juana”.

¹⁸ Todas as citações referentes à Vieira encontram-se no livro organizado por Pécora, 2003.

maneira interessante de provar o muito amor de Cristo pelos homens (idem, p. 191-195).

Padre Antônio Vieira, dialogando com Tomás de Aquino, prova ser possível conceber a fineza de Cristo de outra forma: para Tomás, “a maior fineza do amor de Cristo hoje foi deixar-se conosco, quando se ausentava de nós” (VIEIRA, p. 195). Para o pregador, comodidade é remediar a ausência com o deixar-se no Sacramento, mas o encobrir-se, o renunciar os sentimentos, estando presente corporalmente, foi grande fineza, foi a maior das maiores: “maior fineza foi no mesmo Sacramento o encobrir-se, que o deixar-se: logo a fineza de se deixar não foi a maior das maiores” (idem, p. 195).

Essa tese ganha sustentação à medida que ele vai convencendo seu auditório por meio de exemplos que demonstram que Cristo sacramentado não utiliza nem exercita seus sentimentos, que, presente nos acidentes (pão e vinho), não nos vê com olhos carnis, assim como não o vemos. Valendo-se do ocorrido com Absalão, Vieira, evidenciando grande habilidade com as palavras, prova que seu raciocínio era coerente, pois o texto bíblico demonstra que maior foi o sofrimento de Absalão quando estava vivendo na Corte sem poder ver seu pai, o rei Davi, do que quando estava ausente, foragido, escondido nas terras de Gesur. Ora, estar presente e privado da vista é grande sacrifício, é grande amor, é maior fineza, assevera Vieira (idem, p. 195-201).

O pregador chega a João Crisóstomo: “A terceira e última opinião é de S. João Crisóstomo, o qual tem para si que a maior fineza do amor de Cristo hoje foi o lavar os pés a seus Discípulos” (idem, p. 201). Para Vieira, a maior fineza de Cristo foi “não excluir dele Cristo a Judas. Muito foi, e mais que muito, lavar Cristo os pés aos Discípulos; mas lavá-los também a Judas, essa foi a fineza” (idem, p. 202). Cristo lavou os pés de Judas mesmo sabendo que ele o trairia: “[...] tendo já o Demônio persuadido o coração de Judas a que entregasse seu Mestre, então se levantando da mesa a lavar os pés dos Discípulos. [...] nesta circunstância consistia o mais profundo da humanidade, o mais subido da ação, e o mais fino amor de Cristo” (idem, p. 202). No lavar os pés dos homens, Cristo sumiu enquanto homem. É assim que ele compreende as palavras proferidas por Cristo: “Ego sum vermis, et non homo; opprobrium hominum, et abjectio plebis [Eu sou um bichinho da terra, e não sou homem, porque sou o opróbrio dos homens, e o abjeto da plebe]”. Vieira acrescenta: “O amor fino é aquele que não busca causa, nem fruto: ama porque

ama, e ama por amar” (idem, p. 207). Esse foi o caso do amor de Cristo a Judas, pois sabia que o trabalho de suas mãos não lograria bom fruto. Essa é a maior fineza do lavatório dos pés (VIEIRA, p. 201-208).

Refutados os doutos, Vieira diz o que ele considera ser a maior das maiores finezas de Cristo: “Referidas e refutadas as principais opiniões dos Doutores, segue-se por fim dizer eu a minha [...]. Digo que a maior fineza de Cristo hoje, foi querer que o amor com que nos amou, fosse dívida de nos amarmos” (idem, p. 208). Vieira entende que os homens retribuirão essa fineza a Cristo à medida que servirem uns aos outros, este é o fundamento sólido: “Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem [Dou-vos um novo mandamento, que vos ameis também uns aos outros]” (idem, p. 209). Os homens deveriam amar uns aos outros indistintamente, amar os amigos e os inimigos era a nova lei do amor de Cristo, e é nestes termos que A. Vieira coloca o seu pensamento:

Amarem-se os homens uns aos outros em satisfação do amor com que eles amam, e ainda sem essa satisfação (como sucede no amor dos inimigos) é mandamento velho com maior ou menor antiguidade: mas amarem-se porque Cristo os amou, e querer Cristo que o amor com que amou aos homens, lho paguem os homens com se amarem a si; e que sendo o amor com que ele nos amou, dívida, seja o amor com que nos amarmos, paga; este é o amor novo, e mandamento novo: *Mandatum novum do vobis*: porque nem Deus deu nunca tal preceito, nem Cristo ensinou nunca tal doutrina, nem os homens imaginaram nunca tal amor (idem, p. 210).

Com isso, está o padre Vieira satisfeito: “Daqui infiro eu que só hoje acertei a pregar o Mandato, não no discurso, que não sou tão desvanecido, mas no intento” (idem, p. 208-215).

Sor Juana Inés de la Cruz, na Carta Atenagórica, demarca sua posição: afirma, com todas as letras, que está do lado de Agostinho, e não de Antônio Vieira: “Siento con San Agustín que la mayor fineza de Cristo fue morir” (DE LA CRUZ, p. 737)¹⁹ e o faz “[con] un lenguaje claro y directo, [con] frases que no se alargan demasiado, [con] razonamientos a veces secos y pesados [...] sin olvidar las buenas maneras y la ironía”²⁰ (PAZ, 1982, p. 512).

Sor Juana entende que os bens mais apreciáveis a um homem são sua vida e sua honra, sendo justamente esses os bens de que Cristo prescindiu em sua morte.

¹⁹ Todas as citações referentes à Sor Juana Inês de la Cruz encontram-se no livro organizado por Alonso, 1976.

²⁰ “[com] uma linguagem clara e direta, com frases que não se estendem muito, com explicações secas e pesadas, sem esquecer as boas maneiras e a ironia”.

Enquanto Deus, Cristo já havia demonstrado sua fineza aos homens, criando-os e preservando-os, mas, enquanto homem, não poderia dar mais do que sua própria vida. Ela prova esse fato arranjando as palavras de Cristo em João (15: 13) – “Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis” [Ninguém tem amor maior do que este, que alguém dê a sua vida por seus amigos] –, e em outros infinitos textos. Sor Juana afirma que somente Cristo sabe qual é a maior de suas finezas e ele as declarou:

Y siendo Cristo quien sólo sabe cuál es la mayor de sus finezas, claro es que cuando se pone a ejecutarlas Él mismo, a haber otra mayor, la dijera; y no ostenta para prueba de su amor más que la prontitud a la muerte. Luego es la mayor de las finezas de Cristo (DE LA CRUZ, p. 737)²¹.

Inés de la Cruz evoca dois termos latinos para fortalecer seu pensamento: “a quo” e “ad quem”. “A quo” refere-se ao custo que tem o amante ao amar e “ad quem” diz respeito ao benefício que se concede ao amado. Para tornar-se compreendida, ela cita o ocorrido com Jacó, que teve que trabalhar quatorze anos para receber sua amada. Por meio do esforço – “a quo” –, Jacó demonstra grande fineza. Entretanto, Raquel não obteve nenhum benefício – “ad quem” –, uma vez que sua beleza lhe daria um esposo sem esse custo todo. Assim, aqui, se encontra apenas o termo “a quo”. À Ester, afirma ela, só encontramos o termo “ad quem”, pois Ester alcançou grande benefício, mas sem custo – “a quo” – algum ao Rei Asuero. Assim, conclui Sor Juana, a grande fineza caracteriza-se quando encontramos tanto um – “a quo” –, quanto outro termo – “ad quem” –, o que se verifica em Cristo, pois ele amou com grande custo (“a quo”) – deu sua vida – e logrou grande benefício (“ad quem”) – redimiu seus amados da morte (idem, p. 737-738).

Sor Juana afirma que Cristo não se ausentou e, para solidificar essa premissa, ela se vale da afirmação de Vieira – “Cristo sentiu mais o ausentar-se do que o morrer, ele prorrogou o remédio para a morte por três dias, enquanto antecipou o antídoto para a ausência ao instituir o Sacramento antes mesmo de morrer” (VIEIRA, p. 193-195) – para fazer os seguintes questionamentos: Por que souo no Horto? Por que agonizou? Por que se ausentou, se já está sacramentado no Cenáculo? Se Cristo se deixou no Sacramento antes de ausentar-se, qual é a

²¹ “E sendo Cristo quem somente sabe qual é a maior de suas finezas, claro é que, quando ele se põe a executá-las, se houvesse outra maior, ele diria; e não ostenta, para prova de seu amor, mais que a disposição para a morte”.

ausência que se sentiu, uma vez que já havia se deixado no Sacramento? Logo, a agonia não é fruto da ausência, pois esta já fora remediada antes de ser. Assim, o ausentar-se não somente não é a maior fineza, como também não é fineza, uma vez que nunca chegou a ausentar-se (DE LA CRUZ, p. 740).

Sor Juana revê o pensamento de Tomás, que afirmara que a maior fineza de Cristo foi sacramentar-se, posicionamento este negado por Padre Antônio Vieira que afirmou ser o estar no Sacramento sem uso dos sentidos a maior fineza de Cristo. Tomás de Aquino propôs uma argumentação do gênero e o pregador argumentou pela espécie. Tomás de Aquino falava do Sacramento como um todo, e não dos acidentes (pão e vinho) que nele se encerram. Por seu turno, Vieira falou dos acidentes, e não do Sacramento como um todo. Cristo não se absteve dos sentidos, pois isso implicaria em abster-se das delícias do amor. Sor Juana prova essa assertiva com o que se sucedeu a Jacó, quando este ficou privado do prazer da companhia de seu filho José e também com o que se sucedeu a Rubén, quando este se atreveu a violar o leito de seu pai. Ora, Rubén é amaldiçoado, enquanto seus irmãos, que venderam José, não. E por quê? Porque a ausência de José privou Jacó da vista e a ofensa de Rubén afetou o amor e o respeito. Assim, a maior fineza de Cristo está no sentir os agravos e perdoar, e não em não senti-los (idem, p. 742-744).

Sor Juana Inés de La Cruz revê, também, as ideias de João Crisóstomo. Ela começa sua argumentação afirmando que João Crisóstomo se valeu do efeito, pressupondo a causa, e que Vieira levou somente a causa em consideração, ignorando o efeito. Crisóstomo, sem explicitar, esperava que seus leitores inferissem o grande amor de Cristo que se humilhou ao lavar os pés de seus discípulos; ele esperava também que esses leitores compreendessem o convite de Cristo a Judas ao lavar-lhe os pés. Assim, o motivo de lavar os pés e a respectiva execução desse ato constituíram-se em causa e efeito.

A causa e o efeito são relativos e aqui não podem separar-se, afirma Sor Juana. Cristo abateu-se aos pés de Judá, cujo coração era o trono de Satanás, e esse é o efeito que São Crisóstomo pondera e expressa, sendo essa a causa: o reduzir-se a esse ponto. Sor Juana entende que, quando se apura o que é realmente fineza, consegue-se perceber o que afirmava Crisóstomo. Ter amor não é fineza. São nas demonstrações de amor que, de fato, residem as finezas. Logo, se ele está falando de finezas e atos externos, não pode trazer à tona a causa, pois a

causa é o amor e ele não está falando de amor, mas, sim, de finezas, que é o ato exterior, a demonstração (DE LA CRUZ, p. 744-746).

Sor Juana demonstra, ainda, que não comungava com o pensamento de Antônio Vieira quando este afirmou: “Cristo não quis a correspondência de seu amor para si, se não para os homens, e que esta foi a maior fineza: amar sem correspondência” (VIEIRA, p. 208). Para tanto, ele afirma: “Et vos debetis alter alterius lavare pedes” [E vós deveis lavar os pés uns dos outros], e é dessa afirmação que ele infere que Cristo não quer ser correspondido e que os homens amem uns aos outros. Vieira não acrescenta prova bíblica, por acreditar que, por ser essa a maior fineza, não são necessárias provas que a exemplifiquem.

Já Sor Juana entende que tal afirmação deverá ser contestada por dois prismas: o de que Cristo não quis ser correspondido e o de que essa fineza de Cristo carece de provas bíblicas. Cristo quis, sim, a correspondência dos homens, e esse querer é a maior fineza, além do que existem, nas Sagradas Escrituras, inúmeras provas dessa fineza, a começar pelo primeiro mandamento: “Diliges dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex tota mente tua” [Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força] (Êxodo 6: 5). A afirmação “Et vos debetis alter alterius lavare pedes”, ainda que não expresse o amor que nos pede Cristo, inclui-o, pois os homens devem amar uns aos outros com amor igual ao amor que se despende a Deus. Ademais, quando se obedece a Deus amando o próximo, grande amor devota-se a Ele (DE LA CRUZ, p. 747-751).

Se Vieira soube e não quis se pronunciar a respeito dessa compilação, não se sabe: “No és menos extraordinario que su autor, desterrado en Brasil, no se haya enterado nunca de la crítica de Sor Juana”²² (PAZ, 1982, p. 511).

1.4 CARTA DE SOR FILOTEA DE LA CRUZ: UM PEDIDO COM DUPLO SENTIDO

Em 25 de novembro de 1690, do convento da Santíssima Trindade, o Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz, assinando como Filotea de La Cruz, escreve sua carta a Sor Juana Inés de La Cruz. A carta, nem de longe, tem a complexidade e a

²² “Não é menos surpreendente que seu autor, vivendo no Brasil, nunca tenha tomado conhecimento da crítica de Sor Juana”.

sapiência encontrada em Sor Juana: “José María de Cossío supone que había un acuerdo previo entre sor Juana y el obispo: la carta del prelado era una invitación para que ella expusiste su caso y se defendiese”²³ (PAZ, 1982, p. 537).

Manuel Fernández inicia a carta afirmando que havia lido o texto em que ela, Sor Juana, comentava as finezas de Cristo discorridas por Padre Vieira. Fernández enaltece o escrito da Monja e reconhece sua sabedoria ao ver a maneira como ela apresentou os conceitos e as devidas provas (SANTA CRUZ, p. 764).

Em seguida, o bispo começa a esboçar seu plano por meio da religiosidade sagaz e o faz quando afirma que tal sapiência era fruto da benevolência de Deus para com ela, era, portanto, um dom recebido, e não adquirido. Nessa linha de argumentação, estabelecido tal pressuposto, Sor Juana é desmerecida, tornando-se eternamente cativa: “[...] Éste es uno de los muchos beneficios que debe V. md. a Dios; porque la claridad no se adquiere con el trabajo e industria: es don que se infunde con el alma”²⁴ (idem, p. 764).

O bispo de Puebla não negou à Sor Juana o direito de estudar os muitos textos profanos, de escrever versos, mas quis conduzi-la, cerceá-la, pedindo-lhe que escolhesse melhor os assuntos: “después que santa Teresa, el Nacianceno y otros santos canonizaron con los suyos esta habilidad; pero deseara que los imitara, así como en el metro, también en la elección de los asuntos”²⁵ (idem, p. 765).

Ele também não negou à filósofa, como muitos outros de seu tempo, a liberdade para lidar com as Letras, no entanto, mais uma vez, censurou-a, ao insinuar que continuasse sendo obediente, que aplicasse corretamente seus conhecimentos, que elegeisse melhor os livros, que gastasse menos tempo com filósofos e poetas (idem, p. 765-766).

O bispo, para fundamentar seu argumento de que o conhecimento que não for dirigido às coisas eternas é inútil, mostra à Sor Juana Inés de La Cruz que a sabedoria egípcia foi louvada em José, não sendo reconhecida nos egípcios, porque, neles, tais conhecimentos não os preparavam para a vida eterna: “Así lo sentió Justo Lipsio [...] Ciencia que no és del Crucificado, és necesidad y sólo vanidad

²³ “José María de Cossío supõe que havia um acordo prévio entre Sor Juana e o bispo: a carta do prelado era um convite para que ela expusesse seu caso e se defendesse”.

²⁴ “Este é um dos muitos benefícios que você deve a Deus; porque o conhecimento não se adquire com trabalho e indústria: é dom que Deus funde na alma”.

²⁵ “Depois que Santa Teresa, Nacianceno e outros santos canonizaram essa habilidade entre os seus; mas desejara que os imitara, assim como no metro, também na escolha dos assuntos”.

[...]. Esclavas son las letras humanas y suelen aprovechar a las divinas”²⁶ (SANTA CRUZ, p. 766)²⁷.

Sor Juana, diz o Bispo, com tanto conhecimento, deteve-se nas coisas terrenas, não desejando alcançar o céu. Assim, Sor Juana deveria aplicar seu conhecimento a Cristo, pois, nele, ela seria purificada, aperfeiçoada. O Bispo, nesse instante, atinge seu objetivo, ao afirmar que, olhando para o Monte Calvário, ela encontraria razão para apologias eficazes, ainda que não sem lágrimas, uma vez que olhando para lá, contemplaria a si mesma, bem como sua ingratidão (idem, p. 767).

Manuel Fernández da Santa Cruz encerra sua carta, afirmando que Sor Juana alcançaria grande lucro se, deixando as questões terrenas, pintasse e formasse uma ideia das perfeições divinas, pois, agindo assim, faria com que Deus continuasse derramando sobre ela apenas os benefícios positivos.

Chegamos à Carta “Respuesta”. Sor Juana Inés de La Cruz, na Carta “Respuesta”, mostrará à Sor Filotea que todo seu conhecimento estivera cativo às coisas espirituais, não conseguindo, aliás, compreender a nobreza dos ensinamentos bíblicos, caso não tivesse se valido das ciências terrenas. A Carta “Respuesta à Sor Filotea” é o objeto de estudo do Capítulo 2.

²⁶ “Assim, a esse respeito, pensou Justo Lipsio [...] Ciência que não é do Crucificado, é nescidade e vaidade [...] Escravas são as letras humanas e só se aproveitam as letras divinas”.

²⁷ Todas as citações referentes à Manuel Fernández de Santa Cruz encontram-se no livro organizado por Alonso, 1976.

CAPÍTULO 2 – A CARTA “RESPUESTA A SOR FILOTEA”: TESTEMUNHO, LIBERDADE E REFLEXÃO

A formação intelectual e o desejo pelo saber de Sor Juana provocaram questionamentos em seu tempo, inquietando, ainda hoje, seus leitores. Sor Juana Inés de la Cruz não foi somente uma monja dedicada às obrigações litúrgicas e uma habilidosa manejadora de jogos linguísticos do barroco literário. Ela foi uma dessas intelectuais que, sem sombra de dúvida, deixou uma obra que, para ser compreendida, deverá ser lida e relida ao longo dos anos. Nesse sentido, com o objetivo de alcançarmos alguma elucidação, contamos com o auxílio das seguintes estudiosas e dos estudiosos do gênero carta: Maria do Rosário Abreu e Sousa, Angela de Castro Gomes, Walnice Nogueira Galvão, Nadia Battella Gotlib, Marcos Antonio de Moraes, José Bento Monteiro Lobato, Demétrio de Falero e Michel Foucault.

Antes de analisarmos o texto, é bom estabelecermos alguns parâmetros e atentarmos para alguns aspectos formais do gênero carta. O gênero carta possui um caráter fronteiro por aproximar-se “de variadas tramas textuais tais como o conto, a poesia ou o romance. Aproxima-se também de outros gêneros igualmente híbridos como a reportagem, a crônica, as memórias, o ensaio. [...] e rompe as fronteiras da autobiografia” (SOUSA, 2008, p. 50-53). Portanto, não é surpreendente “que os pesquisadores sintam que trabalhar com cartas é algo fácil e agradável e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo” (GOMES, 2004, p. 21), além do que “não se pode supor que a edição de uma correspondência supra todas as lacunas ou tudo explique” (GUIMARÃES apud MORAES, 2001 p. 11). A partir, pois, dessas premissas, podemos afirmar que a correspondência de Sor Juana não faria sentido por si só, como ilustramos no Capítulo 1. É o contexto histórico que legitima os sentidos de suas cartas.

Maria do Rosário Abreu e Sousa (2008, p. 44-45), valendo-se do pensamento de Walnice Galvão para compor sua dissertação *Olhares viajantes: pai João, mãe Cecília*, adverte-nos quanto a duas dificuldades que o pesquisador de epistolografia enfrenta:

A primeira, bastante emblemática, é o estado de conservação do material, muitas vezes armazenado inadequadamente, manuseado sem os devidos cuidados, resultando isso em borrões de tinta que tornam partes da carta ilegíveis. A segunda dificuldade é o aspecto de quebra-cabeça que pode assumir esse tipo de investigação.

A primeira dificuldade exposta acima está superada em nosso trabalho, porque tivemos o privilégio de manusear um texto totalmente legível. No entanto, a segunda dificuldade é eminente, ainda mais quando nos lembramos de toda a polêmica que envolve o texto estudado. Assim sendo, o texto não somente é um quebra-cabeça em si, mas também, é uma das peças de um quebra-cabeça ainda maior: uma voz feminina em meio às intrigas poéticas e religiosas do Vice-Reinado da Nova Espanha.

Sousa (2008, p. 48), mais adiante, informa-nos que a:

[...] característica intrínseca da escrita epistolar é seu aspecto de relação, de diálogo: esse gênero textual demanda um interlocutor que lê e escreve, concretizando o pacto epistolar. Desta relação dialógica nasce o contar-se, o dar a ver-se, presente – como hipótese – na correspondência pessoal. Esse *tête-à-tête* da escrita epistolar aliado a materialidade do objeto carta, muitas vezes manuscrito, (contém ao menos a assinatura do remetente), criam uma ilusão de presença [...]. Trata-se, talvez, de uma presença metonímica: a carta como extensão de quem escreveu, guardando – literal e metaforicamente – impressões digitais do remetente, o que por extensão parece cancelar a “verdade” do que diz a carta.

Jungidos a essas informações, podemos afirmar que o elemento dialógico intrínseco à escrita epistolar se encontra em nosso texto, pois, está datado, assinado por Sor Juana e explicitamente destinado ao Sr. Manuel Fernández de Santa Cruz sob o pseudônimo de Sor Filotea de La Cruz, que, por seu turno, é alcunhada, na carta, por “Señora, mi Señora”. Lembrando-nos do quebra-cabeça, afirmamos que o pacto epistolar está reafirmado, pois essa é a terceira correspondência trocada entre Sor Juana e Manuel. É a ele que Sor Juana, por meio dessa carta pessoal, mais uma vez, dar-se-á a ser conhecida (FOUCAULT, 1992, p. 150).

E nós, mergulhados nesse labirinto, buscamos exatamente essas impressões digitais da remetente, sem nos importarmos com outro elemento desafiador dessa escrita epistolar, que é saber se esse contar-se, se esse mostrar-se ao outro é sincero, ou verdadeiro, ou parcialmente verdadeiro, ou nenhum pouco verdadeiro, ainda que comunguemos da convicção de Monteiro Lobato (1968, p. 17) que assevera que “carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o

mínimo de mentira humana”. Embora não estejamos preocupados com esse elemento valorativo, assinalaremos, no texto, as marcas que caracterizam a sinceridade da remetente e que nos revelam a máscara utilizada por ela (SOUSA, 2008, p. 48-50).

Outro aspecto relevante da carta é sua narratividade. Esse aspecto é relevante, porque, por meio dele, a carta aproxima-se da ficção, em que os interlocutores dos diálogos “mascaram-se de acordo com o personagem que desempenham” (idem, ibidem, p. 51), tal qual ocorre com os personagens dos contos e dos romances. Ora, aqui, mais uma vez, temos que colocar freios às nossas interpretações, pois “as cartas acabam por nos dar versões ficcionadas daquilo que nos querem dizer” (CASTRO apud SOUSA, 2008, p. 51). Essa advertência nos remete ao interlocutor de Sor Juana, Manuel Fernández de Santa Cruz, que se mascarou de Sor Filotea. Somamos a isso a postura contraditória de Sor Juana que, a todo instante, metamorfoseia-se de acordo com seus interesses. Esses dois recursos não são largamente utilizados pela ficção?

A estudiosa Angela de Castro Gomes (2004, p. 19), em sua obra *Escrita de si, escrita da história*, afirma que “escrever carta exige tempo, disciplina, reflexão e confiança. Há sempre uma razão ou razões para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, recordar, consolar, estimular, comemorar etc.”. Ora, também, nessa afirmativa, encontramos ecos da escrita de Sor Juana, pois todos esses requisitos estavam presentes em sua vida. No convento de Santa Paula, ela encontrou tempo para escrever uma vastidão de poemas, peças teatrais e cartas, e só o fez porque assimilou a disciplina férrea ali imposta, deu vazão à reflexão, ganhou confiança de si e estimulou não somente as mulheres de seus dias, mas também, as de todas as épocas, a posicionarem-se na vida como seres pensantes, produtoras de conhecimento. É bem verdade que essas exigências são propícias a todos os gêneros literários, no entanto, quando olhamos, nessa perspectiva, para o texto estudado, não hesitamos: estamos diante de uma carta.

Outra marca presente nas escritas de si, notada por Gomes (ibidem, p. 20), diz respeito ao ritmo que, segundo a estudiosa, pode ser espaçado e cíclico, rápido ou devagar conforme as circunstâncias e ocasiões vividas pelos missivistas. Esse aspecto, como veremos a seguir, já foi percebido na Carta “Respuesta” por Otávio Paz.

Enquanto Angela de Castro assinala o ritmo, Demétrio de Falero (1973, p. 439) discorre sobre a extensão e o estilo do gênero epistolar. Para ele:

[...] a extensão de uma carta, assim como o seu estilo, deve ser mantida dentro de limites devidos. Aquelas que são muito longas, e, além disso, mais trabalhadas no estilo de sua expressão, não são, de fato, cartas verdadeiras, mas tratados cujo título é “Meu caro Fulano de Tal”.

A Carta “Respuesta” revela seu caráter híbrido, confundindo-se, nessa perspectiva, com um tratado sobre a liberdade de reflexão, uma vez que possui 46 longos parágrafos, extremamente bem trabalhados no estilo de sua expressão quando conjuga superlativos com citações em latim e começa exatamente assim: “MUY ILUSTRE Señora, mi Señora”. Por outro lado, a Carta “Respuesta” pode, também, ser considerada como um ensaio sobre a liberdade (SOUSA, 2008, p. 50-53), pois, se, na Carta Atenagórica, a habilidade intelectual e a lucidez de Sor Juana Inés de La Cruz manifestaram-se por meio do discurso, na Carta “Respuesta” – escrita no dia primeiro de março de 1691 (PAZ, 1982, p. 537) e publicada postumamente em 1700 –, encontramos as razões de tal magnitude, descobrimos os porquês de tanta sapiência, podemos ver Sor Juana esclarecendo seus desejos, buscando conhecimento e sabedoria, elaborando um texto bem construído e colocando o tema da liberdade de reflexão feminina em debate.

Demétrio de Falero (1973, p. 439) ainda nos fornece outra contribuição valiosa quando afirma que:

[...] a carta, como diálogo, deve ser abundante em traços de caráter. Podemos dizer que todos revelam a própria alma em suas cartas. Em todas as outras formas de composição é possível discernir a personalidade do escritor, mas nenhuma oferece a clareza da forma epistolar.

Mostramos que essa verdade está na Carta “Respuesta”, quando comentamos o parágrafo décimo primeiro. A Carta “Respuesta”, longe de ser uma amostra de que se é possível construir um texto diferente daquele construído por Padre Antonio Vieira, amigo do Arcebispo do México, Francisco Aguiar y Seijas, longe de ser, como a própria Sor Juana afirmou, um atrevimento de sua parte tal ousadia, a carta é um registro das reflexões acerca das aventuras solitárias do espírito (PAZ, 1982, p. 537), a manifestação de um elemento novo, a materialização da consciência feminina (idem, ibidem, p. 533), uma defesa da liberdade de reflexão

feminina (idem, ibidem, p. 550-551; RIVERS apud ALONSO, 1976, p. 37): “¿qué inconveniente tiene que una mujer anciana, docta en letras y de santa conversación y costumbres, tuviese a su cargo la educación de las doncellas?”²⁸.

O texto estudado tem a estrutura de uma carta, é nomeado como carta pela própria autora e reconhecido como uma carta pessoal de Sor Juana por inúmeros críticos, sendo um deles a estudiosa Georgina Sabat Rivers (apud ALONSO, 1976). Essa carta apresenta, também, destinatários implícitos como seus adversários, censores – Arcebispo Francisco Aguiar y Seijas e Antonio Núñez de Miranda (PAZ, 1982, p. 538) – e a própria Sor Juana, uma vez que a carta é “uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros” (FOUCAULT, 1992, p. 149).

Sor Juana faz menção direta à Carta Atenagórica no terceiro, quinto, quadragésimo e quadragésimo terceiro parágrafos. A carta é toda acentuada pela contradição e pela ironia – recursos muito utilizados no barroco para significar e ornar o texto (CÂNDIDO, 1999, p. 90) –, além de estar escrita na 1ª pessoa do singular e assegurar, inúmeras vezes, por meio do recurso aristotélico de autoridade²⁹, que o que está sendo dito é verdade. Isso pode ser percebido quando se estabelece um diálogo com:

- a. Personagens da *Bíblia*: Jesus Cristo; Isabel; Maria; Marta; Saul; Paulo; João; Moisés; Asuero; Salomão; Jeremias; Lázaro; Débora; Rainha de Sabá; Abigail; Ester; Raabe e Ana.
- b. Doutoradas e doutores da Igreja: Leoncia; Catarina; Gertrudis; Fabiola; Blesila; Paula; Madre Tereza; Julia Eustoquio; Tomás de Aquino; Ambrósio; Gregório de Nacienceno; Jerônimo; Eusébio; Cipriano; César; Albert Magno; Vieira; Atanásio; Gracián; Lupercio Leonardo; Isidoro; Buenaventura; Pelágio; Ário; Lutero; Cazalla.
- c. Poetisa grega: Corina.
- d. Poetisa cristã: Falconia.
- e. Mãe de dois homens ilustres, Tibério e Cayo Graco: Cornelia.
- f. Rainhas: Isabel (Portugal); Cristina Alejandra (Suécia); Cenobia (Síria).
- g. Princesa judia: Salomé.
- h. Filha do filósofo grego Aristipo: Arete.

²⁸ “qual seria a inconveniência de uma mulher anciã, douda nas letras e de santa conversação e costumes, ter a seu cargo a educação das donzelas?”.

²⁹ Esse recurso se encontra na obra *Organon*, de Aristóteles, em que ele apresenta as categorias que estudam os elementos do discurso.

- i. Mulher de Marco Lucano: Romana Pola Argentaria.
- j. Personagens da mitologia grega: filha do divino Tiresias; Minerva; Júpiter.
- k. Personagem da mitologia romana: Nicostrata.
- l. Cortesã grega da cidade de Mileto: Aspasia Milesia.
- m. Mulher sábia da cidade de Alexandrina: Hipasia.
- n. Filósofos: Parmênides; Teofrasto; Sêneca; Quintiliano.
- o. Poetas latinos: Virgílio; Tito Lúcio; Plínio; Casiodoro.

A argumentação dá-se em forma de espiral, pois a autora, constantemente, avança e retrocede (PAZ, 1982, p. 550), sendo esse recurso, como apontamos anteriormente, característico do gênero carta, segundo nos informa Angela de Castro Gomes (2004, p. 20) quando assevera que a carta “têm também um certo ritmo que é descontínuo e cíclico, podendo se acelerar ou desacelerar de acordo com determinados acontecimentos e momentos da vida dos correspondentes”. Ela, Sor Juana, cita muitos textos em latim, o que não era comum para as mulheres de sua época, que eram incentivadas a escrever apenas textos que dessem conta de suas experiências sobrenaturais. A carta está abalizada pela exposição organizada das ideias e assinalada por certos acontecimentos que marcavam sua época e sua cultura (PAZ, 1982, p. 537). Essas marcas fazem com que a carta ganhe ares de erudição.

Os cinco primeiros parágrafos, à guisa de introdução, são designados as suas desculpas por não ter respondido, imediatamente, a carta recebida de seu interlocutor. São nesses parágrafos introdutórios que encontramos o que a estudiosa Rosário nos preveniu quanto às marcas que caracterizam a sinceridade e a máscara da missivista. Ela, Sor Juana, ironicamente, diz que temia respondê-lo, porque, primeiro, não estava muito bem de saúde (FOUCAULT, 1992, p. 153); segundo, não se achava competente, não tinha nada de digno para apresentá-lo; e terceiro, não sabia como agradecer o grande favor que lhe fizera ao publicar a Carta Atenagórica. Nesse sentido, por um lado, visualizamos Sor Juana com a máscara da humildade e, por outro, vemos surgir o paradoxo, a contradição, pois o conteúdo da carta desmente essas suas colocações.

Sor Juana, no primeiro parágrafo, valendo-se da estratégia de aproximação, recurso característico do gênero carta, utiliza superlativos (“doctíssima”, “discretíssima”, “santíssima”, “amoríssima”), engrandece seu interlocutor (que está mascarado de Sor Filotea), demonstra total respeito a sua pessoa e cria um

ambiente cordial para depois tocar em assuntos mais sérios, refutando-os ao expor seu pensamento a respeito da liberdade de reflexão de ambos os sexos: “El primero (y para mí el más riguroso) es saber responder a vuestra doctísima, discretísima, santísima y amorosísima carta”.

Sor Juana utiliza três recursos importantes para convencer seu leitor de que está sendo verdadeira: primeiro, distribuído em toda a carta, está, como vimos, o recurso de autoridade, ao citar pessoas e personagens que alcançaram, no decorrer dos anos, alto grau de confiabilidade, de credibilidade. Citamos dois exemplos, um que está no primeiro parágrafo, quando a monja quer justificar sua demora em responder a carta – “si veo que preguntado el Ángel de las Escuelas, Santo Tomás, de su silencio con Alberto Magno, su maestro, respondió que callaba porque nada sabía decir digno de Alberto, con cuánta mayor razón callaría, no como el Santo, de humildad, sino que en la realidad es no saber algo digno de vos”³⁰ – e outro que está no parágrafo trigésimo primeiro, quando Sor Juana argumenta que não é a primeira a entrar para o mundo das reflexões: “A una Hipasia que enseñó astrología y leyó mucho tiempo en Alejandría”³¹.

Como segundo recurso, em vários momentos, a monja emprega o recurso que demonstra alto grau de intelectualidade, ao valer-se de fontes bibliográficas eruditas escritas em latim. No parágrafo trigésimo segundo, encontramos um exemplo: “El venerable Doctor Arce (digno profesor de Escritura por su virtud y letras), en su Studioso Bibliorum excita esta cuestión: *An liceat foeminis sacrorum Bibliorum studio incumbere? eaque interpretari?*”³².

E terceiro, Sor Juana aplica o recurso da sinceridade que parece cancelar a “verdade” do que diz a carta, ratificando a máscara da humildade e assegurando o tom piedoso, o que ela faz de três formas diferentes: primeiro, humildemente, ela afirma que não sabia como responder-lhe nem como agradecer-lhe: “El segundo imposible es saber agradeceros”³³; segundo, ela se vale do performativo “perdoe-me” para fisgar o coração de seu interlocutor e o faz por meio do zeugma – [por

³⁰ “Se vejo que perguntado o Anjo das Escolas, Santo Tomás, de seu silêncio com Alberto Magno, seu mestre, respondeu que ficava calado, porque não sabia dizer algo digno de ser ouvido por Alberto, assim sendo, com maior razão se calaria não como o Santo no que diz respeito à humildade, e, sim, pelo fato de não saber dizer algo digno de ser ouvido por vós”.

³¹ “A uma Hipasia que ensinou Astrologia e leu muito tempo em Alexandria”.

³² “O venerável doutor Arce (digno professor de Escritura por sua virtude e letras), em sua obra Studioso Bibliorum levanta essa questão: *É lícito às mulheres dedicar-se ao estudo da Sagrada Escritura e a sua interpretação?*”.

³³ “O segundo impossível é saber agradecer-vos”.

quatro vezes ela utiliza o verbo “perdoar”, recurso usado na retórica do séc. XVII (CÂNDIDO, 1999, p. 94)]: “Perdonad, Señora mía, la digresión que me arrebató la fuerza de la verdad; Si fuere necedad, perdonadla; ¿qué no perdonará?, ¿qué dejará de hacer y qué dejará de perdonar?”³⁴; terceiro, no parágrafo quinto, Sor Juana compara seu interlocutor com Asuero, rei que estendeu o cetro de benevolência à Rainha Ester. Quando procede dessa maneira, a monja está dizendo que espera dele a mesma benevolência que a Rainha Ester esperou e alcançou em Asuero:

Y así, debajo del supuesto de que hablo con el salvoconducto de vuestros favores y debajo del seguro de vuestra benignidad, y de que me habéis, como otro Asuero, dado a besar la punta del cetro de oro de vuestro cariño en señal de concederme benévola licencia para hablar y proponer en vuestra venerable presencia, digo que recibo en mi alma vuestra santísima amonestación de aplicar el estudio a Libros Sagrados, que aunque viene en traje de consejo, tendrá para mí sustancia de precepto (DE LA CRUZ, p. 772)³⁵.

Sor Juana, ao se valer dos recursos acima citados – ela que há pouco exaltou seu interlocutor por meio dos superlativos e criou um abismo entre eles – aproxima-se dele pelo caminho da erudição. É nesse jogo com as palavras que se caracterizam o avançar e o retroceder de Sor Juana, o que, por seu turno, marca o ritmo descontínuo e cíclico e mostra a forma espiral pela qual se dá a argumentação, instaurando-se, assim, o paradoxo, visto que os mesmos recursos que garantem estar ela se mostrando, dando-se a conhecer sincera e verdadeiramente, também revelam, em contrapartida, uma erudição que está escondida por trás da máscara da humildade. Dessa maneira, a forma e o conteúdo estão diametralmente opostos.

As desculpas apresentadas por ela não somente constituem uma oportunidade para filosofar – quando afirma que Deus retribuiu-lhe o mal que havia feito com bem –, mas também, constituem-se em oportunidade para colocar-se em pé de igualdade com seu interlocutor, uma vez que a forma apresenta tamanha intelectualidade, além do que suas desculpas revelam grande esforço para humanizar o texto, outra característica do gênero carta. Sor Juana, ironicamente, no

³⁴ “Perdoe-me, minha Senhora, a digressão que me arrebatou a força da verdade; Si for tolice, perdoe-me; O que não perdoará? O que deixará de fazer e o que deixará de perdoar?”.

³⁵ “E assim, partindo do pressuposto de que falo com o salvo-conduto de vossos favores, debaixo da convicção que poderei contar com a vossa benignidade e de que se comportará para comigo como outro Asuero, dado a beijar a ponta do cetro de ouro de vosso carinho em sinal de me conceder benévola licença para falar e me colocar em vossa venerável presença, digo que recebo em minha alma vossa santíssima admoestação de aplicar o estudo aos livros Sagrados, que ainda que venha com aparência de conselho, terá para mim força de ordenança”.

parágrafo quarto, ao afirmar que não é capaz de responder aos questionamentos de Manuel, enaltece o silêncio de outros e termina por expressar-se quando anuncia que vai silenciar: “Dice San Juan que si hubiera de escribir todas las maravillas que obró nuestro Redentor, no cupieran en todo el mundo los libros; y dice Vieyra, sobre este lugar, que en sola esta cláusula dijo más el Evangelista que en todo cuanto escribió”³⁶. Também aqui está assinalado o paradoxo, a contradição.

No parágrafo cinco, Sor Juana expõe as causas pelas quais têm escrito mais sobre assuntos profanos do que sagrados. A monja reconhece e afirma que tem escrito pouco sobre assuntos sagrados, porque – longe de ser a falta de aplicação aos estudos sagrados, indiferença ou irreverência – está convencida de que não se vê apta para discorrer sobre as sagradas letras, acreditando, assim, que não possuía a intelectualidade requerida pelos doutos para aproximar-se dos textos sagrados e que, conforme apregoavam os valores de sua época, era mulher e tinha pouca idade. Outro fato relevante é que o Santo Ofício não a acusaria de herege por escrever sobre assuntos profanos. Ao escrever poemas, ela estaria, apenas, sujeita às censuras dos críticos e às risadas dos mais discretos (DE LA CRUZ, p. 773). Rivers (apud ALONSO, 1976, p. 38) fala-nos que há, nesse escrito de Sor Juana, eco a Góngora, pois este, quando questionado sobre seus escritos profanos, respondeu, valendo-se do mesmo tom: “Que si mi poesía no ha sido tan espiritual como debiera, que mi poca teología me disculpe, pues es tan poca que he temido por mejor ser condenado por leviano que por hereje”³⁷.

Ao assim proceder, percebemos o paradoxo da carta, pois seus argumentos desfazem sua condição de humildade, ou seja, a forma como Sor Juana responde mostra que ela estava apta para escrever sobre qualquer assunto. Assinalamos, ainda, que esse parágrafo revela o que a estudiosa Angela escreveu sobre a questão do ritmo no gênero carta, pois, nesse parágrafo, Sor Juana imprime um ritmo lento à carta, ao escrever um imenso parágrafo citando personagens bíblicos, inserindo textos em latim, enaltecendo seu interlocutor, a fim de convencê-lo: “No se hallaba digno Moisés, por balbuciente, para hablar con Faraón”; “*Quare tu enarras*

³⁶ “Diz São João que, se tivesse que escrever todas as maravilhas que realizou nosso Redentor, não caberia em todo o mundo os livros; e diz Vieira, sobre este lugar, que em somente nessa cláusula disse mais o Evangelista João que em tudo quanto escreveu”.

³⁷ “Se minha poesia não é tão espiritual como deveria ser, que minha pouca teologia me disculpe, pois é tão pouca que acho melhor ser condenado por leviano, que ser condenado por herege”.

iustitias meas, et assumis testamentum meum per os tuum?"; “vuestra pastoral insinuação”³⁸.

A monja, no parágrafo sexto, utilizando o recurso da ironia – pois há pouco afirmou que não tinha palavras para agradecer a publicação de uma de suas cartas – orna e dá significado ao seu discurso quando tenta convencer seu interlocutor que seus escritos sempre foram frutos de rogos insistentes por parte de outrem que a faziam curvar-se, que ela estava atendendo não a seus anseios, mas, sim, aos dos outros, escrevendo sem complacência, com repugnância, por obrigação, por imposição, uma vez que não se achava munida com dos atributos necessários de quem é profissional da escrita e que não possuía entendimento, não tinha estudo, não se formara profunda e adequadamente, ainda mais se se tratasse de assuntos sagrados. Dizia que a tarefa de escrever sobre assuntos sagrados deveria ser deixada para quem entendesse do ofício, para quem dominasse a técnica, para quem soubesse arranjar bem as palavras no papel, deitando-as sequencialmente em uma forma bem ordenada e significativa. A arte de escrever requeria não somente esses cuidados formais, mas também, exigia vigilância constante quanto à eleição dos temas, dos assuntos, pois o Santo Ofício não perdoava àqueles que se aventuravam por esse caminho, escrevendo e desfazendo de inteligências já canonizadas. Sor Juana acreditava que, se sentisse apta para escrever, estaria evidenciando tamanha soberba. Ela já havia declarado que não estudava para escrever, nem para ensinar, estudava para ver se, com isso, ignorava menos (DE LA CRUZ, p. 773-774). Ora, a ironia consolida-se no fato de que o conteúdo da carta acaba invalidando o discurso de humildade e desculpas, a carta acaba por demonstrar, por si mesma, a intelectualidade de Sor Juana: eis o paradoxo.

Conforme escrevemos anteriormente, Sor Juana retrocede e avança, metamorfoseia-se como os personagens dos contos e dos romances, pois acabara de afirmar que não possuía a habilidade necessária para a escrita, desenvolvendo no sétimo, oitavo, nono e décimo parágrafos, toda uma argumentação em torno do grande amor à verdade que Deus lhe havia dado. Ela entende que esse amor incontrolável pela verdade fazia com que ela superasse qualquer obstáculo que se colocasse entre ela e a reflexão. Ela afirma que, desde que lhe raiou a luz da razão,

³⁸ “Moisés não se achava digno para falar com o faraó, uma vez que tinha dificuldade de expressar-se”; “Por que você fala de meus mandamentos e coloca o meu testamento em sua boca?”; “vossa pastoral insinuação”.

teve grande inclinação às letras e que quanto mais refletia mais queria fazê-lo, pois lhe era impossível resistir a esse dom natural concedido por Deus. Os demais parágrafos da carta são utilizados para descrever essa divina inclinação de Sor Juana às letras, à reflexão.

Nos próximos cinco parágrafos, ainda comentando o sétimo, oitavo, nono e décimo parágrafos da carta, temos uma demonstração do caráter híbrido da carta, pois encontramos Sor Juana assinalando-a, ao nos fornecer um valioso esboço biográfico. Nesse sentido, são pertinentes as palavras de Maria do Rosário Sousa (2008, p. 53), quando, dialogando com Moraes:

tece comentários a respeito dessa relação de vizinhança entre a carta e a autobiografia, frisando o quanto a primeira rompe as fronteiras da segunda, revelando aspectos da vida do escritor, do seu cotidiano, talvez consideradas sem importância, indignas de figurar em um livro, mas que encantam os destinatários outros que a lêem mais de oitenta anos depois.

Sor Juana, ao fornecer-nos esse esboço biográfico, faz com que percebamos que ela adquiria o conhecimento por meio da transgressão. O conhecimento deveria ser por ela roubado, deveria ser alcançado por meio da mentira, da subversão. Teresa Cristófani Barreto a esse respeito escreveu:

Ao *invadir* a iridescência do conhecimento, ela rompe a rigidez dos limites entre o masculino e o feminino, fazendo-os análogos (BARRETO, 1989, p. 13, grifo nosso).

E não apenas o *corrompe*, mas simbolicamente o *usurpa* quando o cifra na escritura. Numa carta recentemente descoberta, na qual, dez anos antes da “Resposta a sor Filotea”, já defende seu direito ao conhecimento, sor Juana queixa-se de ter sido perseguida por causa de sua letra. “Dizem que parecia letra de homem, e que não era decente, de modo que me obrigaram a estragá-la adrede e disto toda esta comunidade é testemunha.” Além de impedida para o conhecimento, a mulher sequer poderia ter boa letra: tudo coisa de homem (idem, ibidem, p. 14-15, grifo nosso).

As mulheres jamais *invadirão* o labirinto babélico da palavra. Nem sequer poderão aproximar-se dele pois são, como comprova o Santo Ofício através de armadilhas escolásticas montadas também sobre a palavra, manifestações do mal – do mal necessário, talvez (idem, ibidem, p. 15-16 grifo nosso).

O projeto de vida de sor Juana incita, conseqüentemente, a uma perseguição pelas estações míticas da *desobediência* feminina, causa da instalação do mal no mundo e o necessário castigo imposto pelo deus-marido-pai-patrão (idem, ibidem, p. 16, grifo nosso).

Com menos de três anos de idade, quando a travessura impera em uma criança, ao acompanhar sua irmã que ia estudar em um colégio para meninas, Sor

Juana falou à professora que sua mãe havia pedido que também a ensinasse, no que sua professora fingiu acreditar, começando, assim, a passar lições para ela. Dessa maneira, em pouco tempo, Sor Juana, que ainda estava em tenra idade, aprendeu a ler, a amar as palavras sem que sua mãe soubesse. Desde sempre, havia se persuadido que, por meio delas, das palavras, podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo que é útil à vida, tomando, assim, conhecimento da existência de uma ação que somente a morte poderia deter: as operações internas da mente (DE LA CRUZ, p. 775): “*Enganando a mãe a menina Juana, de três anos de idade, pede à professora da irmã mais velha que a ensine a ler* (BARRETO, 1989, p. 11, grifo nosso).

Sor Juana nutria-se com as letras, chegando a privar-se de comer queijo, por ter ouvido que o mesmo poderia privá-la do saber. Aos seis, sete anos, Sor Juana ficou sabendo que existiam, no México, Universidade e Escolas onde homens estudavam as ciências, o que a fez pedir insistentemente à sua mãe que lhe cortasse os cabelos e lhe mudasse os trajes para que pudesse estudar:

Sor Juana, fazendo-se então impermeável ao outro, professando as letras, acaba *transgredindo* uma norma não só religiosa como também social e bíblica. Economicamente definida até há poucas décadas pelo fato de ser sustentada pelo homem e, conseqüentemente, servi-lo, a mulher está apenas pagando o preço por ter provado do fruto da árvore do conhecimento. Ao ser expulsa do paraíso, ouve de Deus: “Estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará.” Mas a *transgressão*, como foi visto, não é um achado desta mulher apaixonada pela palavra; é um legado da menina, que *precisa mentir* para conseguir penetrar o texto. Entre seus seis e sete anos, *pede a cumplicidade da mãe para vesti-la como menino e enviá-la a Universidade*. Ou seja, descobre ainda muito nova que, para poder viver sua paixão pelo logos, deve driblar a outra metade da humanidade, aquela que detém o poder e a chave do conhecimento: os homens. E, vencida, resolve “desferrar”, como ela mesma diz, seu desejo não cumprido, vencendo agora todos os castigos e repreensões que lhe impõe a família, metendo-se na biblioteca do avô (idem, ibidem, p. 12-13, grifos nossos).

Como não foi atendida, debruçou sobre os livros do avô e, debaixo de muitas repreensões, devorou-os. Dessa maneira, cedo demais, sobrepunha a muitos em conhecimento:

Sor Juana descobre que não pode usar a biblioteca do avô como seu próprio espaço consagrado à palavra. O lugar não lhe pertence, é do outro; e neste momento ela depende do outro para viver. Porém, rechaça o outro. Por isso transforma sua cela de religiosa na sua biblioteca, no “teto do seu”

e, graças ao dote – oferecido por um protetor – com que ingressa no convento, soma aliás bastante valiosa para a época, não tem mais preocupação de ordem financeira. Octávio Paz vê aí a razão do abandono do convento carmelita: o rigor da ordem não lhe teria permitido professar as letras. *Fica, porém, o estigma da contravenção*. A biblioteca – o Universo – é, agora, de uma mulher. Situação rara, em que uma freira *ousa corromper* o poder milenar do homem: o conhecimento (BARRETO, 1989, p. 14, grifos nossos).

Sor Juana Inés de la Cruz começou a estudar gramática e menos de vinte aulas lhe foram suficientes para apreender a língua latina. Sor Juana impunha a si mesma uma disciplina férrea: saber ou saber. Sua obsessão pelo conhecimento era tão intensa que não podia conceber uma mulher com a cabeça bem ornamentada pelos cabelos, mas tão vazia de conhecimento, o que a fez desprezar essa beleza material, a ponto de desfazer-se desse adorno natural, cortando seis dedos de seus cabelos cada vez que julgava não ter aprendido adequadamente o que havia intentado. Para ela, pois, era mais apreciável a beleza que reside no mundo das ideias que aquelas que simplesmente servem para embelezar o corpo, e não a mente (DE LA CRUZ, p. 776).

Sor Juana, atendendo os ditames de sua razão, fugiu do matrimônio. Tornou-se religiosa. Perseguiu a liberdade dos estudos. Alcançou o mundo das ideias. Por amor às letras, exceto quando forçada, nunca se separou dos livros, sempre viveu perscrutando os mundos: “Volví (mal dije, pues nunca cesé); proseguí, digo, a la estudiosa tarea (que para mí era descanso en todos los ratos que sobraban a mi obligación) de leer y más leer, de estudiar y más estudiar, sin más maestro que los mismos libros”³⁹ (idem, p. 777). À semelhança de seus contemporâneos John Locke e Descartes, consolidou-se como amante do saber, seguiu os passos de seus Mestres – São Jerônimo e Santa Paula –, leu de tudo, estudando todas as ciências e artes; conheceu o significado de muitos ditos antigos, entendia o porquê das variadas formas de premiações romanas, colocando tudo a serviço da Teologia.

Se quiséssemos escolher apenas um parágrafo da carta para mandá-lo como resposta à Sor Filotea, o parágrafo décimo primeiro seria o escolhido, pois, neste, abunda traços de seu caráter, revela todos os movimentos de sua alma (FOUCAULT, 1992, p. 131) e, com muita clareza, escancara-a (FALERO, 1973, p.

³⁹ “Voltei (disse mal, pois nunca parei); prossegui, digo, a proveitosa tarefa (que para mim era descanso em todos os espaços de tempo que sobravam à minha obrigação) de ler e ler, de estudar e estudar, sem mais mestre que os mesmos livros.”

439), avisa-nos que sempre estudou com o intuito de melhor compreender as Sagradas Escrituras, sempre perscrutou todas as ciências e artes humanas, a fim de colocá-las a serviço da Teologia. Ora, quem, como vimos com a estudiosa Angela de Castro Gomes (2004, p. 19), escreveria uma carta com tantas informações, se não tivesse tido tempo, disciplina, reflexão e confiança? Quem assim procederia se não houvesse uma razão? Sor Juana escreveu muito bem do que bem sabia e, ao assim proceder, reafirma o paradoxo, pois revela alta intelectualidade que se opõe às humildes palavras iniciais.

No décimo primeiro parágrafo, demonstra que era preciso estudar “Lógica”, caso se quisesse discernir os métodos gerais e particulares existentes em toda a *Bíblia*; “Retórica”, caso se intentasse perceber, com clareza, as figuras e locuções empregadas pelos inúmeros escritores; “Física”, caso se ambicionasse aprofundar-se no conhecimento sobre os inúmeros sacrifícios que envolviam inúmeros animais; “Aritmética”, caso se ansiasse decifrar os anos, os meses, os dias, as horas que se apresentam, muitas vezes, tão misteriosas, como no caso de Daniel; “Geometria”, caso se apetecesse medir e compreender a perfeição métrica da Arca santa do testamento, da cidade de Jerusalém e de tantos outros objetos sagrados; “Arquitetura”, caso esperasse descobrir o significado dos mais variados símbolos existentes no grande Templo de Salomão; “História”, caso se mirasse compreender as regras que norteiam os muitos livros históricos existentes na *Bíblia Sagrada*; “Direito”, caso se desejasse extrair ensinamentos dos livros que prescrevem inúmeras leis, costumes, ritos, maneira de falar; “Astrologia”, caso quisesse entender os escritos de Jó; “Musica” se almejasse compreender as proporções musicais e seus primores que há em várias partes da *Bíblia Sagrada*, especialmente aquelas proporções harmônicas existentes naquelas petições que fez Abraão a Deus pelas cidades, pedindo-lhe que não as destruíssem, se encontrasse nelas 50 pessoas justas, depois baixou de 50 para 45, que é sesquinona, e de 45 para 40, que é sesquioctava, de 40 para 30, que é sesquitercia e é a do proporção harmônica do diatesarão, de 30 para vinte, que é a sesquiáltera e é a do diapente, de 20 para 10, que é a dupla e é a proporção harmônica do diapasão.

Sor Juana termina esse parágrafo afirmando que não apenas essas ciências, mas todas as artes mecânicas deveriam ser estudadas se quisesse compreender o livro que encerra em si todos os livros, a ciência que contém em si todas as ciências. E depois de sabê-las todas, o que não seria tarefa fácil, precisava, também, possuir

uma continua pureza de vida, para alcançar da parte de Deus aquela iluminação de mente necessária para compreensão de coisas tão sagradas, tendo em vista que, se essa última característica faltasse, para nada haveria de servir todo conhecimento das mais diversas ciências (DE LA CRUZ, p. 778-779).

Os próximos sete parágrafos na sequência desse trabalho são exemplos do que afirmamos sobre a narratividade da carta que faz com que ela se aproxime da ficção. Sor Juana, como acontece nos contos e nos romances, cria um personagem de si mesma.

No décimo segundo parágrafo da carta, Sor Juana se apresenta como quem nunca limitou seus estudos ao tempo, como quem vivia estudando pelo prazer de estudar e especulando para ignorar menos. Ela, bem antes de Michael (FOUCAULT, 1992, p. 130), mostra-nos, no parágrafo décimo terceiro, que aprendeu que o livro mudo e o tinteiro insensível eram seus fiéis companheiros: ao primeiro, chamou-lhe Mestre, e ao segundo, Condiscípulo. O que não entendia em um autor, buscava compreensão em outro. Qualquer outra atividade que não o estudo, parecia-lhe perda de tempo, estorvo, prejuízo. Assim, como quem sente dores de parto, dava luz ao conhecimento em meio a lutas e perseguições⁴⁰. Cito um trecho do parágrafo referido:

Del Angélico Doctor Santo Tomás dice la Iglesia estas palabras: *In difficultatibus locorum Sacrae Scripturae ad orationem ieiunium adhibebat. Quin etiam sodali suo Fratri Reginaldo dicere solebat, quidquid sciret, non tam studio, aut labore suo peperisse, quam divinitus traditum accepisse.* Pues yo, tan distante de la virtud y las letras, ¿cómo había de tener ánimo para escribir? Y así por tener algunos principios granjeados, estudiaba continuamente diversas cosas, sin tener para alguna particular inclinación, sino para todas en general; por lo cual, el haber estudiado en unas más que en otras, no ha sido en mí elección, sino que el acaso de haber topado más a mano libros de aquellas facultades les ha dado, sin arbitrio mío, la preferencia. Y como no tenía interés que me moviese, ni límite de tiempo que me estrechase el continuado estudio de una cosa por la necesidad de los grados, casi a un tiempo estudiaba diversas cosas o dejaba unas por otras; bien que en eso observaba orden, porque a unas llamaba estudio y a otras diversión; y en éstas descansaba de las otras: de donde se sigue que he estudiado muchas cosas y nada sé, porque las unas han embarazado a las otras⁴¹.

⁴⁰ A ideia de luta e perseguição foi muito bem marcada pela estudiosa Jean Franco em sua obra *Las conspiradoras: la representación de la mujer en México*. México: El Colegio de México, 1994.

⁴¹ “A Igreja diz estas palavras a respeito do Angélico Doutor Santo Tomás: *In difficultatibus locorum Sacrae Scripturae ad orationem ieiunium adhibebat. Quin etiam sodali suo Fratri Reginaldo dicere solebat, quidquid sciret, non tam studio, aut labore suo peperisse, quam divinitus traditum accepisse.* Pois eu, tão distante da virtude e das letras, como teria ánimo para escrever? E assim, por ter adquirido alguns princípios, estudava continuamente diversas coisas, sem ter particular inclinação para alguma delas, e sim por todas em geral; pelo qual, o ter estudado em umas mais que em outras,

Sor Juana informa-nos, no parágrafo décimo terceiro, que queria, a todo tempo, estudar, decifrar os livros, compreender os valores contraditórios de seus dias que subjugavam as mulheres e lamentava quando precisava abandonar esse momento de reflexão por causa dos muitos estorvos provocados não somente por sua religiosa obrigação, mas também, por causa daqueles ocasionados pelas coisas acessórias de uma comunidade. Esse parágrafo é um exemplo do que a estudiosa Angela de Castro Gomes (2004, p. 19), em sua obra *Escrita de si, escrita da história*, afirma que “escrever carta exige tempo, disciplina, reflexão”:

[...] y en vez de explicación y ejercicio muchos estorbos, no sólo los de mis religiosas obligaciones (que éstas ya se sabe cuán útil y provechosamente gastan el tiempo) sino de aquellas cosas accesorias de una comunidad: como estar yo leyendo y antojárseles en la celda vecina tocar y cantar; estar yo estudiando y pelear dos criadas y venirme a constituir juez de su pendencia; estar yo escribiendo y venir una amiga a visitarme, haciéndome muy mala obra con muy buena voluntad, donde es preciso no sólo admitir el embarazo, pero quedar agradecida del perjuicio. Y esto es continuamente, porque como los ratos que destino a mi estudio son los que sobran de lo regular de la comunidad, esos mismos les sobran a las otras para venirme a estorbar; y sólo saben cuánta verdad es ésta los que tienen experiencia de vida común⁴².

Assim, seu trabalho, diferentemente do que acontece com outras pessoas, era duro, penoso, inexplicável, pois, ao desejar adquirir o saber, deveria vencer não somente as dificuldades inerentes ao aprendizado, que não são poucas, como nos informa Michel ao analisar a escrita de si de Atanásio – “nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional podem adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem uma *askesis*, que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo” (FOUCAULT, 1992, p. 132) – mas também,

não foi em mim eleição, se não que o acaso de ter em mãos mais livros daquelas faculdades sem decisão de minha preferência. E como não tinha interesse que me movesse, nem limite de tempo que diminuísse o estudo contínuo de uma coisa pela necessidade de graduação, quase ao mesmo tempo estudava diversas coisas ou deixava umas por outras; bem que nisso observava ordem, porque a umas chamava estudo e a outras, diversão; e nestas descansava das outras: de onde se segue que estudei muitas coisas e nada sei, porque umas embaraçaram as outras”.

⁴² “e em vez de explicação e exercícios, muitos estorvos, não somente os de minhas religiosas obrigações (que estas já se sabem quanto útil e proveitosamente gastam o tempo) se não daquelas coisas acessórias de uma comunidade: como estar eu lendo e começar no quarto ao lado tocar e cantar; estar eu estudando e brigarem duas criadas e constituir-me juíza de sua pendência; estar eu escrevendo e vir uma amiga a visitar-me, fazendo-me muito mal serviço com muito boa vontade, de onde é preciso não somente admitir o embaraço, mas ficar agradecida do prejuízo. E isto é constantemente, porque como os períodos que destino a meu estudo são os mesmos que sobram regularmente para a comunidade, esses mesmos sobram a elas para vir estorvar a mim; e só sabem quanta verdade há nisso os que têm experiência de vida em comum”.

deveria vencer aquelas penúrias causadas pelo dia-a-dia de uma comunidade (DE LA CRUZ, p. 781-782). Sor Juana, fazendo uma auto-análise, não titubeia e afirma que poderia fazer suas as palavras de seu pai São Jerônimo, quando, falando de si mesmo, asseverou:

[...] que dificuldades suportei, quantas vezes perdi a esperança e quantas vezes abandonei e novamente retomei a obstinação de aprender. O que sofri testemunham-no tanto a minha consciência como a dos que passaram a vida comigo (DE LA CRUZ apud BARRETO, 1989, p. 76-77).

Sentiu, na pele, a dor que sente aqueles que, como Sócrates, caminham à frente de seu tempo. Percebeu o quanto é difícil fazer e apresentar algo significativo à sociedade, pois essas atividades requerem, muitas vezes, a vida daqueles que labutam, como foi o caso de Cristo crucificado, que recebeu, por prêmio de sua evidência, uma coroa de espinhos: sua bondade foi a causa de sua morte, sua sabedoria foi a causa de sua coroa de espinhos, seu comportamento justo foi a causa de muitas injúrias, sua inocência foi seu grande pecado, isto porque “cerebro sabio en el mundo no basta que esté escarnecido, ha de estar también lastimado y maltratado; cabeza que es erario de sabiduría no espere otra corona que de espinas”⁴³ (DE LA CRUZ, p. 785).

Em vão, foi o tentar puni-la, inútil foi forçá-la a abandonar seus estudos, pois ignoraram que somente a morte põe fim às operações internas da mente. Assim, com ou sem livros, lá estava ela aprendendo com o universo, pois havia percebido, como muitos filósofos demonstraram, que se alcança o conhecimento por meio da experiência (LOCKE, 1996); por outro, a punição serviu-lhe como suspensão dos juízos dados, assim como ocorreu com Descartes (1996, p. 50, 70-71, 78-79), que confessou em seu trabalho *Discurso do método*: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências, ser necessário suspender os juízos caso se quisesse ter uma visão real da vida. Sor Juana, sem dúvida, foi afetada pelo espírito de sua época.

Sor Juana, no vigésimo sexto parágrafo, afirma que uma vez conseguiram afastá-la dos estudos por um período de três meses, proibindo-lhe os livros, o que foi em vão, pois, privada dos livros, voltou-se para a natureza, extraindo da máquina

⁴³ “Não basta que cérebro sábio no mundo esteja escarnecido, deve estar também lastimado e maltratado; cabeça que é erário de sabedoria não espere outra coroa que não seja a de espinhos”.

universal suas reflexões. Se observava uma figura geométrica, combinava a proporção de suas linhas, medi-as com o entendimento e fazia comparações com outras proporções diferentes. Quando passeava em algum dormitório, analisava as linhas de seus lados paralelos com o nível do teto e concluía, como concluiu Descartes, que a visão é enganosa, pois a sensação era a de que as linhas se inclinavam uma na outra e o teto parecia ser mais baixo no fundo do que na frente (DE LA CRUZ, p. 789-790). Isso não é um paradoxo, quando pensamos na introdução da carta? Desapareceram as expressões “sou incapaz”, “não sei o que dizer”, “não estou apta para o ofício da escrita”? Essa reflexão contínua não é um traço de seu caráter, como assevera Falero ao discorrer sobre o gênero carta?

No parágrafo vigésimo sétimo, ela continua a demonstrar que, tomada pelo espírito de época, ávida pela reflexão, buscava o conhecimento por meio da experiência, ao relatar que, em certa ocasião, observando duas meninas brincando com um peão, determinava quanto durava o movimento do objeto depois de ter as mãos de quem brincava, a causa motiva, se desprendido do peão. Não contente com somente essa observação, Sor Juana pedia às crianças que colocassem polvilho no chão para saber se a figura geométrica gerada pela movimentação do peão era um círculo perfeito ou não, notando que não passava de linhas espirais que iam perdendo a forma circular na medida em que o movimento se esgotava.

Outro relato da monja constante no referido parágrafo diz respeito a que outras meninas brincavam de formar figuras geométricas com alfinetes, brincadeira esta que também foi atentamente observada por Sor Juana. Dentre as várias figuras, quando as crianças conseguiam formar um triângulo entrelaçado um no outro, a monja perguntava a si mesma se este não era a figura impressa no misterioso anel de Salomão que representava a Santíssima Trindade e, também, se não era a mesma figura cunhada na harpa do jovem Davi, que curou Saul ao ser dedilhada pelo musicista (DE LA CRUZ, p. 790):

Este modo de reparos en todo me sucedía y sucede siempre, sin tener yo arbitrio en ello, que antes me suelo enfadar porque me cansa la cabeza; y yo creía que a todos sucedía esto mismo y el hacer versos, hasta que la experiencia me ha mostrado lo contrario; y es de tal manera esta naturaleza o costumbre, que nada veo sin segunda consideración⁴⁴.

⁴⁴ “Este modo de prestar atenção em tudo me sucedia e sucede sempre, sem que tenha eu domínio sobre ele, que antes me causa dano, porque me cansa a cabeça; e eu acreditava que a todos sucedia assim, assim como o fazer versos, até que a experiência me mostrou o contrário; e é de tal maneira esta natureza ou costume, que nada vejo sem segunda consideração”.

No vigésimo oitavo parágrafo, continua Sor Juana:

Pues ¿qué os pudiera contar, Señora, de los secretos naturales que he descubierto estando guisando? Veo que un huevo se une y fríe en la manteca o aceite y, por contrario, se despedaza en el almíbar; ver que para que el azúcar se conserve fluida basta echarle una muy mínima parte de agua en que haya estado membrillo u otra fruta agria; ver que la yema y clara de un mismo huevo son tan contrarias, que en los unos, que sirven para el azúcar, sirve cada una de por sí y juntos no. Por no cansaros con tales frialdades, que sólo refiero por daros entera noticia de mi natural y creo que os causará risa; pero, señora, ¿qué podemos saber las mujeres sino filosofías de cocina? Bien dijo Lupericio Leonardo, que bien se puede filosofar y aderezar la cena⁴⁵.

No trigésimo e no trigésimo primeiro parágrafos, Sor Juana Inés de La Cruz deixa-nos um verdadeiro tributo à mulher, mostrando-nos sua capacidade e suas contribuições para a humanidade, as quais a fizeram entrar para os anais da história humana. Sor Juana afirma que são muitos os exemplos que encontrou nas histórias profana e sagrada de mulheres que fizeram a diferença. Ela, insistimos, como escreveu a estudiosa Angela de Castro Gomes (2004, p. 19), tinha razão para escrever, ou seja, intentava convencer os “doutos” de seus dias que a reflexão é inerente ao ser humano.

Assim, da história sagrada, cita: a famosa Débora, mencionada no livro de Juízes, capítulo quatro, a qual se notabilizou, em seus dias, como juíza e libertadora de Israel; a Rainha de Sabá, referida no primeiro livro dos Reis, capítulo dez, e no segundo livro das crônicas, capítulo nove, mulher esta que se atreveu, por meio de enigmas, a testar a sabedoria de Salomão sem ser advertida por ele. A sábia Abigail, viúva de Nabal e, posteriormente, esposa do rei Davi, mencionada no primeiro livro de Samuel, capítulo 25. Ester, referida no livro que leva seu nome, que – com sua sabedoria – livrou os Judeus do massacre promovido por Hamã. Raabe, mencionada no livro de Josué, capítulo dois, a qual deu guarida aos espias enviados por Josué à cidade de Jerusalém. A estéril Ana, mencionada no primeiro livro de

⁴⁵ “Pois, que lhe pudera conta, Senhora, dos segredos naturais que descobri estando a cozinhar? Vejo que um ovo se une e frita na manteiga ou azeite e, ao contrário, despedaça-se no licor; veja que para que o açúcar se conserve fluido, basta colocar uma pequena parte de água em que tenha estado o marmelo ou outra fruta ácida; veja que a gema e a clara de um mesmo ovo são tão contrárias, que quando usado em doce, cada uma vale por si e não juntas. Por não cansar-te com tais friezas, que só refiro por dar-te inteira notícia de minha natural inclinação a reflexão e creio que você rirá, mas, Senhora, que podemos saber as mulheres se não filosofia de cozinha? Bem disse Lupericio Leonardo, que bem se pode filosofar e enfeitar a ceia”.

Samuel, a qual, na perspectiva bíblica – alcançando graça da parte de Deus, pois era estéril – concebeu Samuel, que fora separado para exercer o sacerdócio em Israel.

Voltando-se para a literatura profana, citou: Minerva, adorada como mãe de toda a sabedoria em Atenas; Pola, nascida em Núrcia e filha de Vespásio Polião, e que ajudou seu marido a escrever a Batalha Farsália; Nicostrata, conhecida na mitologia romana como a mestra das letras gregas e inventora das letras latinas; Aspasia Milesia, filósofa e professora do filósofo Péricles; Hispasia, douta, por muito tempo, ensinou astrologia na Alexandria; a sábia Cenobia, rainha dos Palmirenos; Tiresias, figura da mitologia grega, mais douta que seu pai; Arete, mãe e mestra do filósofo Aristipo, o jovem; Leoncia, assassinada na África pelos arianos, por defender a fé católica, e contestadora do filósofo Teofrasto; Corina, poetisa grega do séc. VI a. C. e mestra de Píndaro; Cornélia, mãe de Tibério e considerada a mãe perfeita de Roma; Catarina de Alexandria, também conhecida como a Egípcia, considerada sapientíssima e decapitada por um imperador romano; Gertrudes, conhecida na Bélgica por sua austeridade pessoal, por suas contemplações, por seus escritos e ensinamentos (GARFIELD, 1992; BARRETO, 1989);

Sor Juana continua destacando várias mulheres que fizeram diferença na Igreja Católica e nos Palácios de seus dias, como: Paula, douta nas línguas hebraica, grega e latina e apta para interpretar as Escrituras, recebendo de seu cronista, Máximo Jerônimo, elogios dignos de nota, a saber: “Se todos os membros de meu corpo fossem línguas, não bastariam para publicar a sabedoria e a virtude de Paula”; Blesila; Eustóquio, a esclarecida virgem conhecida como Prodígio do Mundo; Fabiola, douta na Sagrada Escritura; Proba Falcônia, mulher romana que escreveu um elegante livro com centões de Virgílio; a rainha Dona Isabel, mulher do décimo Afonso e que escreveu sobre astrologia; a grande Cristina Alexandra, Rainha da Suécia, tão douta como valorosa; e, por fim, as excelentes senhoras Duquesa de Aveiro e a Condessa de Villaumbrosa (DE LA CRUZ, p. 793).

Sor Juana caminha um pouco mais e prova que a história mostra inúmeras mulheres reconhecidas como sapientíssimas. As Sagradas Escrituras e os Mestres da Igreja reconhecem que não pode haver objeção à liberdade de reflexão feminina, como postulavam muitos que, achando-se sábios, comportavam-se como néscios ao engendrarem opiniões malélicas, que causavam muito dano ao exercício reflexivo e à produção do conhecimento não dogmático.

Os três últimos parágrafos da carta são utilizados para sua despedida. Nesses parágrafos, a exemplo da introdução, vêmo-la com a máscara da humildade, vêmo-la, até o último instante, valendo-se de palavras que, de alguma forma, humanizam a missiva. Ela afirma que, se, por acaso, escrevesse mais alguma outra coisa, faria isso submetendo seu escrito ao crivo de seu interlocutor. Assim sendo, ela lhe pede, mais uma vez, perdão, caso ele julgue que o estilo da carta não é adequado, enaltece-o e, ironicamente, afirma que ele saberá completar, na carta, o que certamente faltou. Por fim, encerra-a, pedindo-lhe que a mantenha em sua graça:

Si algunas otras cosas escribiere, siempre irán a buscar el sagrado de vuestras plantas y el seguro de vuestra corrección, pues no tengo otra alhaja con que pagaros, y en sentir de Séneca, el que empezó a hacer beneficios se obligó a continuarlos; y así os pagará a vos vuestra propia liberalidad, que sólo así puedo yo quedar dignamente desempeñada, sin que caiga en mí aquello del mismo Séneca: *Turpe est beneficiis vinci*. Que es bizarría del acreedor generoso dar al deudor pobre, con que pueda satisfacer la deuda. Así lo hizo Dios con el mundo imposibilitado de pagar: diole a su Hijo propio para que se le ofreciese por digna satisfacción⁴⁶.

Si el estilo, venerable Señora mía, de esta carta, no hubiere sido como a vos es debido, os pido perdón de la casera familiaridad o menos autoridad de que tratándoos como a una religiosa de velo, hermana mía, se me ha olvidado la distancia de vuestra ilustrísima persona, que a veros yo sin velo, no sucediera así; pero vos, con vuestra cordura y benignidad, supliréis o enmendaréis los términos, y si os pareciere incongruo el Vos de que yo he usado por parecerme que para la reverencia que os debo es muy poca reverencia la Reverencia, mudadlo en el que os pareciere decente a lo que vos merecáis, que yo no me he atrevido a exceder de los límites de vuestro estilo ni a romper el margen de vuestra modestia⁴⁷.

Y mantenedme en vuestra gracia, para impetrarme la divina, de que os conceda el Señor muchos aumentos y os guarde, como le suplico y he menester. De este convento de N. Padre San Jerónimo de Méjico, a primero

⁴⁶ “Se algumas outras coisas escrever, sempre irão buscar o sagrado de vossa presença e a segurança de vossa correção, pois não tenho outra joia com que pagar-te, e na visão de Sêneca, o que começou a fazer benefício se obrigou a continuar a fazer; e assim pagará a vós vossa própria liberalidade, uma vez que só assim posso eu ficar dignamente tranquila sem que caia em mim aquilo que Sêneca disse: *Turpe est beneficiis vinci*. Que é bizarrria do credor generoso dar ao devedor pobre, de modo que possa satisfazer a dúvida. Assim fez Deus com o mundo impossibilitado de pagar: deu-lhe seu próprio filho para que se oferecesse a ele por digna satisfação”.

⁴⁷ “Se o estilo, minha venerável Senhora, desta carta, não foi como vós a merece, peço-vos perdão pela caseira familiaridade ou pela pouca autoridade com que vos tratando como uma religiosa, minha irmã, esqueci-me da distância de vossa ilustríssima pessoa, que a ver-te sem velo, não sucederia assim, mas vós, com vossa candura e benignidade, suprirás ou emendarás os termos, e se vos parecer incongruente o vós que eu usei por parecer-me que para a reverência que vos devo é muito pouca reverência a Reverência, mudai-o para o que vos parecer decente ao que vós mereceis, que eu não me atrevo a exceder os limites de vosso estilo nem a romper a margem de vossa modéstia”.

día del mes de marzo de mil seiscientos y noventa y un años. B. V. M. vuestra más favorecida Juana Inés de la Cruz⁴⁸.

Relatado o conteúdo da Carta “Respuesta”, podemos dizer de Sor Juana Inés de la Cruz, o que Nadia Battella Gotlib (apud GALVÃO, 2000, p. 230) disse de Luísa Margarida Portugal de Barros, a condessa de Barral:

[...] a vida da autora, que aí aparece relatada com marcação temporal de ano, mês, dia, hora e minuto, ainda que com certas interrupções, ganha, com isso, um novo sentido: firma-se no traçado do percurso do [galopar] que leva e traz os pacotes dessa substanciosa correspondência.

Sor Juana Inés de La Cruz foi uma intelectual mal compreendida em seus dias, e os leitores, 300 anos depois, não conseguem apreender a amplitude de sua reflexão apenas em um primeiro contato. Sor Juana aproximou-se de um sermão de Vieira, expôs seu pensamento e não fechou as portas para possíveis outras interpretações. Foi duramente criticada. No entanto, imortalizou-se por meio de suas ideias, as quais são preciosas por defender a ação moral, aquela que acontece por ela mesma; por postular as verdades defendidas pelos empiristas (alcançar o conhecimento por meio da experiência); por propagar a tolerância; por incentivar a humildade; por reiterar o “só sei que nada sei” de Sócrates; por privilegiar a pesquisa; por valorizar os sábios e as sábias que adentraram o oriente eterno; por incentivar o amor e a busca pela verdade; por defender a liberdade de reflexão de ambos os sexos, ou melhor, de todas as inclinações sexuais, uma vez que todo ser humano está dotado com a capacidade para refletir; por abrir as comportas de sua alma e desnudar-se diante de todos que viessem a manusear sua missiva.

Quanto a essa carta, o Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz, quebrando o pacto dialógico, fez completo silêncio. Seu confessor, o jesuíta Antonio Nuñez de Miranda, guardião da ortodoxia, por dois anos (1691 e 1692), não mais a auxiliou, recusando-se a vê-la (PAZ, 1982, 551-554). Algumas pessoas queriam convertê-la em uma teóloga, outras em uma Santa, mas todos queriam que ela se calasse.

⁴⁸ “E mantenha-me em vossa graça, para impetrar-me a divina, da qual vos conceda o Senhor muitos aumentos e vos guarde, como lhe suplico e tenho mister. Deste convento de N. Pai São Jerônimo do México, ao primeiro dia do mês de março de mil seiscientos e noventa e um años. B. V. M. vossa mais favorecida Juana Inés de la Cruz”.

Contudo não faltou quem a apoiasse; assim “sus escritos y actividades de esse período – 1691 y 1692 – la revelan tranquila y dueña de si”⁴⁹ (idem, ibidem, p. 557).

⁴⁹ “seus escritos e atividades desse período – 1691 e 1692 – mostram-na tranquila e dona de si”.

CAPÍTULO 3 – UM OLHAR SOBRE A ESCRITURA POÉTICA DE SOR JUANA: REFLEXÃO E ANÁLISE

A fim de compor o corpus poético para a análise e a confrontação propostas neste estudo, selecionamos quatro poemas de Sor Juana, ainda que seja oportuno afirmar que sua produção é imensa (MORA, 1995, p. XXI). Boa parte dessa produção se perdeu ao longo do tempo por inúmeras razões, sendo uma delas foi a falta de interesse da própria autora em conservar seus escritos (BOIXO, 2001, p. 36-37).

Analisamos os poemas “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”. Ao analisarmos esses poemas, procuraremos demonstrar se as ideias presentes na Carta “Respuesta” se encontram presentes nessas suas produções; se, no Século de Ouro, havia um cordão de ouro perpassando toda a produção sorjuanina.

Os poemas “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama” e “Hombres necios que acusáis” foram publicados pela primeira vez, em 1689, na edição *Inundación castálida*, sem a indicação de um critério cronológico e temático (idem, ibidem, p. 37, 222, 254, 262). O poema “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara” aparece na coletânea organizada por Dámaso Alonso, em 1976.

Observamos que a edição comentada de José Carlos González Boixo traz uma cuidadosa indicação de referências às outras edições dos poemas “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama” e “Hombres necios que acusáis”. Ele nos informa que tais poemas aparecem nas obras de Georgina Sabat de Rivers, em 1982, e de Alfonso Méndez Plancarte, em 1995. Nessa mesma obra, somos alertados para o fato de que Alfonso Méndez Plancarte, ao publicar o poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, substituiu o substantivo “entendimiento” por “pensamiento” no 7º e no 8º versos (idem, ibidem, p. 222, 254 e 262).

O poema “Hombres necios que acusáis” aqui analisado é o que aparece na obra de Tereza C. Barreto, o poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?” é o que figura na obra de Alfonso Méndez Plancarte e os poemas “¡Válgame Dios!

¿Quién pensara” e “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama” são os que estão publicados na obra de Dámaso Alonso.

Na análise dos textos literários, daremos relevância aos estudos realizados por Georgina Sabat de Rivers, por José Carlos González Boixo e por Antonio Cândido. Georgina Sabat de Rivers (apud ALONSO, 1976, p. 23), prefaciando a obra de Dámaso Alonso, comenta:

Más que de su poesía dramática, la fama de la ‘Musa Décima’ mejicana ha dependido siempre de sus versos de tono más íntimo, sobre todo de los amorosos. Pero no es fácil presentar al lector moderno el conjunto de la poesía lírica de Sor Juana: es una mezcla de poemas de alta expresión personal con otros de encargo, una mezcla de saludos amistosos con ejercicios de composición formal. Los temas y las métricas se combinan de muchas maneras diferentes⁵⁰.

Mas, especificamente quanto aos sonetos “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?” e “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, não negligenciamos a complexidade dos aspectos formais anunciada por Rivers (idem, ibidem, p. 25-27):

Sus poemas de arte mayor, mucho menos numerosos, son casi todos sonetos. Algunos de éstos son pequeñas obras maestras, primorosamente trabajados. El soneto, como forma métrica muy limitada, se prestaba en manos de nuestra poetisa a la concisión epigramática del antiguo dístico elegíaco, con sus equilibrios formales muy claramente definidos. El razonamiento conceptista se parece a veces al silogismo escolástico; otras veces una larga serie de ejemplos de metáforas se engastan sintácticamente en una sola frase compleja. [...] En estos y en otros sonetos se puede desentrañar una sola oposición fundamental, sea metafórica o sea moral: es la oposición entre el alma, o lo espiritual, y el cuerpo, o lo material⁵¹.

O estudioso José Carlos González Boixo afirma que “la poesía de SJ es fiel reflejo de la culminación del Barroco” (BOIXO, 2001, p. 44), para, mais adiante, advertir- nos que “técnicamente, la poesía de SJ se fundamenta en el dominio de

⁵⁰ “Mais que de sua poesia dramática, a fama da ‘Décima Musa’ mexicana dependeu sempre de seus versos de tom mais íntimo, sobretudo dos amorosos. Mas não é fácil apresentar ao leitor moderno o conjunto da poesia lírica de Sor Juana: é uma mescla de poemas de alta expressão pessoal com outros poemas aconselháveis, uma mescla de saudações amistosas com exercícios de composição formal. Os temas e as métricas se combinam de muitas maneiras diferentes”.

⁵¹ “Seus poemas de arte maior, muito menos numerosos, são quase todos sonetos. Alguns deles são pequenas obras mestras, primorosamente trabalhadas. O soneto, como forma métrica muito limitada, prestava-se em mãos de nossa poetisa à concisão epigramática do antigo dístico elegíaco, com seus equilíbrios formais muito claramente definidos. O raciocínio conceptista parece-se, às vezes, com o silogismo escolástico; outras vezes, uma longa série de exemplos de metáforas engasta-se, sintaticamente, em uma só frase completa [...]. Nestes e em outros sonetos, pode-se descobrir uma só oposição fundamental, seja metafórica ou moral; é a oposição entre a alma, ou o espiritual, e o corpo, ou o material”.

tres campos: la versificación, las alusiones mitológicas y el uso del hipérbaton” (BOIXO, 2001, p. 44). Quanto à versificação, Boixo afirma que, por exemplo, é impossível encontrar rimas inadequadas ou acentuações forçadas. Quanto às alusões mitológicas, assinala que é por meio delas que Sor Juana expressava seu sentimento, ilustrando, simbolicamente, uma situação ou uma conduta. Quanto à inversão, faz saber que é uma técnica que alcançou sua máxima expressão no barroco e que Sor Juana a utilizou, constantemente, em toda a sua obra (idem, ibidem, p. 44-46). Mais adiante, comentando os poemas de circunstâncias, jocosos, satíricos e religiosos, vêmo-lo enfatizar que o valor literário dos poemas de Sor Juana Inés de la Cruz fica evidente quando percebemos os recursos literários de sua época, sendo utilizados na construção de seus poemas:

La valoración de estos poemas ha de hacerse desde una perspectiva exclusivamente estética. En ellos SJ utiliza los más variados recursos de la poesía barroca: la imagen sorprendente, el cultismo léxico, la siempre presente alusión mitológica, los recursos sintácticos aprendidos de Góngora y el juego de los conceptos (idem, ibidem, p. 55)⁵².

O crítico Antonio Cândido (1999, p. 19) também auxilia-nos quando nos adverte que “num texto literário há essencialmente um aspecto que é a *tradução* de sentido e outro que é a tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão de mundo e do homem”, continua ele, “o comentário é uma espécie de tradução, feita previamente à interpretação, inseparável dela essencialmente, mas teoricamente podendo consistir numa operação separada”. Em outra obra sua (2008, p. 5), somos incentivados a não esquecer que:

[...] com maior ou menor minúcia conforme o caso, as análises focalizam os aspectos relevantes de cada poema: às vezes a função estrutural dos dados biográficos, às vezes o ritmo, a oposição dos significados, o vocabulário etc. Mas em todas elas está implícito o conceito básico de estrutura como correlação sistemática das partes, e é visível o interesse pelas tensões que a oscilação ou a oposição criam nas palavras e na estrutura, frequentemente com estratificação de significados.

⁵² “A valorização destes poemas deve ser feita desde uma perspectiva exclusivamente estética. Neles Sor Juana utiliza os mais variados recursos da poesia barroca: a imagem surpreendente, o léxico culto, a sempre presente alusão mitológica, os recursos sintáticos aprendidos com Góngora e o jogo dos conceitos”.

3.1 “EN PERSEGUIRME, MUNDO, ¿QUÉ INTERESAS?”: OS SENTIDOS DA BELEZA FEMININA

Transcrevemos o poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”. É por ele que começamos nossa análise:

En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?
¿En qué te ofendo, cuando sólo intento
poner bellezas en mi entendimiento
y no mi entendimiento en las bellezas?

Yo no estimo tesoros ni riquezas;
y así, siempre me causa más contento
poner riquezas en mi pensamiento
que no mi pensamiento en las riquezas.

Y no estimo hermosura que, vencida,
es despojo civil de las edades,
ni riqueza me agrada fementida,

teniendo por mejor, en mis verdades,
consumir vanidades de la vida
que consumir la vida en vanidades⁵³.

Temos, diante de nós, um soneto, um poema decassílabo com quatro estrofes, sendo que as duas primeiras contêm quatro versos e as duas últimas, três versos.

As palavras de José Carlos González Boixo ganham proeminência com relação à versificação quando verificamos que a sonoridade dos versos se faz notar com a presença da rima perfeita, que “concorda todos os fonemas a partir da vogal tônica” (CÂNDIDO, 1999, p. 44), do tipo ABBA, ABBA, CDC e DCD, criando “a recorrência do som de forma marcante, estabelecendo uma sonoridade contínua e

⁵³ “Em perseguir-me, Mundo, que interessas?
Em que te ofendo, quando somente tento
colocar belezas em meu entendimento
e não meu entendimento nas belezas?

Eu não estimo tesouros nem riquezas;
e assim, sempre me causa mais contentamento
colocar riquezas em meu pensamento
e não meu pensamento nas riquezas.

E não estimo formosura que, vencida,
é despojo civil das posteridades,
nem riqueza me agrada fementida,


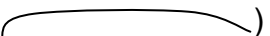
tendo por melhor, em minhas verdades,
consumir vaidades da vida
que consumir a vida em vaidades.”

nitidamente perceptível no poema” (CÂNDIDO, 1999, p. 44): (ABBA: esas / ento / ento / ezas; ABBA: ezas / ento / ento / ezas; CDC: ida / ades / ida; DCD: ades / ida / ades).

Ao lado do efeito sonoro assinalado acima, encontramos o efeito visual marcado pelo uso da recorrência: o verbo “poner” é repetido no 3º e no 7º versos, enquanto o verbo “consumir” se repete no 13º e no 14º versos, bem como os substantivos “bellezas”, que se repete no 3º e 4º versos; “entendimiento”, no 3º e no 4º; “riquezas”, no 7º e 8º; “pensamiento”, no 7º e 8º; e “vanidades”, no 13º e 14º versos.

Ressaltemos a repetição da consoante (aliteração) momentânea, oral, labial, oclusiva, surda “t” e da consoante contínua, oral, alveolar, vibrante simples, líquida “r” (TORREGO, 2007, p. 388) em quase todos os versos. Observemos, ainda, que a consoante momentânea oclusiva surda “t” exprime e ajuda a dar ideia de um ruído seco e repetido, própria para realçar a sensação de choque (CÂNDIDO, 1999, p. 39).

O vocabulário é apropriado para um ambiente onde notamos a presença de conflito (verbos: “perseguir”, “ofender”, “consumir”), de interesses (substantivos: “riquezas”, “tesouros”) e de intelectualidade (Substantivos: “mundo”, “beleza”, “entendimento”, “pensamento”).

Asseveremos que a curva melódica do primeiro verso é ascendente, marcada pela anticadência (), enquanto que as dos demais versos são descendentes, marcadas pela cadência, pela curva melódica típica de uma modalidade assertiva () (TORREGO, 2007, p. 406-408).

A oposição fundamental (“alma, ou espiritual e o corpo, ou material”) assinalada por Rivers está explícita no poema quando Sor Juana assinala a oposição entre o mundo masculino, que persegue, e o mundo feminino, que é perseguido, ou quando opõe o físico ao metafísico. Notemos ainda que a oposição entre o físico e o metafísico se dá por meio da figura de linguagem denominada “quiasmo”, também conhecida como “antimetábole”. Essa figura de linguagem permite que, por meio do cruzamento de um grupo sintático paralelo, seja estabelecida a antítese. Essa antítese está presente nos dois últimos versos da 1ª, da 2ª e da 4ª estrofes. Reparemos que na 1ª e na 2ª estrofes o primeiro grupo sintático aparece invertido no segundo grupo sintático (AB X BA):

poner bellezas (A) en mi entendimiento (B)
y no mi entendimiento (B) en las bellezas (A)?

poner riquezas (A) en mi pensamiento (B)
que no mi pensamiento (B) en las riquezas (A).

Enquanto que na 4ª estrofe o quiasmo está como habitualmente aparece na prosa:

consumir vanidades de la vida
que consumir la vida en vanidades

Sor Juana Inés de la Cruz coloca, na primeira estrofe, duas proposições interrogativas: “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?” e “¿En qué te ofendo, cuando sólo intento / poner bellezas en mi entendimiento / y no mi entendimiento en las bellezas?”. Assinalamos que essa prática é típica dos filósofos que, constantemente, reavaliam seus conceitos em busca da verdade e é justamente aqui que encontramos correspondência na Carta “Respuesta”, na qual Sor Juana expressa sua predisposição à filosofia ao rever seus pensamentos: “vivo siempre tan desconfiada de mí, que ni en esto ni en otra cosa me fio de mi juicio” (DE LA CRUZ, p. 791). Sor Juana não somente se vale desse recurso filosófico, mas também, se vale do recurso literário, uma vez que expõe seu pensamento por meio de um soneto que, como afirma Antonio Cândido (1999, p. 22), é a forma apta pela sua estrutura a exprimir uma dialética, uma forma ordenada e progressiva de argumentação, ou seja, uma forma apta para exprimir o silogismo escolástico anunciado anteriormente por Rivers.

Sor Juana, nesse primeiro verso, valendo-se de uma metáfora “em que se emprega inanimado por animado” (idem, ibidem, p. 91), usa o substantivo masculino singular “Mundo” no lugar do substantivo masculino plural “Senhores”. Nesse mesmo verso, a monja agiganta-se, ao valer-se do recurso formal caracterizado pela curva melódica ascendente, marcada pela anticadência: ela choca-se com os clérigos de seu tempo ao estabelecer um diálogo em pé de igualdade com eles, que, metaforizados, somente ouvirão o que a poetisa lhes dirá no restante de seu poema. Asseveramos, ainda, que os recursos formais traduzem o conflito que dá a tônica do poema, pois é visível o poderoso travamento temporal provocado pela aliteração da consoante momentânea oclusiva surda “t”.

Sor Juana busca saber se há razão em tal perseguição (“En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?” / En qué te ofendo, [...]?) e o faz por meio de um vocabulário específico (“perseguirme” / “interesas”) que denuncia o ambiente do séc. XVII, marcado pelo conflito e pelo interesse. Ela, com muita clareza (princípio cartesiano tão em voga em seus dias) e por meio da oposição tão cara ao período barroco, diz que, apenas, tem buscado compreender o mundo das ideias, uma vez que o belo, segundo Platão, reside no metafísico. Ela assevera, por meio da escolha pontual do vocabulário e pela recorrência dos mesmos, que a única coisa que tem feito é averiguar se seu pensamento está correto, buscando apurar a verdade em seu entendimento: “[...] cuando sólo intento / poner bellezas en mi entendimiento / y no mi entendimiento en las bellezas”.

Acreditamos haver, aqui, uma relação direta com a Carta “Respuesta”, uma vez que ela está manifestando seu pesar com relação às acusações que lhe foram feitas, à perseguição sem motivos, sem razão. O que é a Carta “Respuesta” senão uma manifestação contra uma opressão vã, sem fundamento, que ela delatara, com muita propriedade, lá e aqui: ao lermos as estrofes de “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, é impossível não lembrarmos das palavras escritas no vigésimo terceiro parágrafo da Carta “Respuesta”:

[...] Yo confieso que me hallo muy distante de los términos de la sabiduría y que la he deseado seguir, aunque a longe. Pero todo ha sido acercarme más al fuego de la persecución, al crisol del tormento; y ha sido con tal extremo que han llegado a solicitar que se me prohíba el estudio (DE LA CRUZ, p. 789)⁵⁴.

Sor Juana, utilizando o quinto verso, construído com a nítida intenção de ser assertiva, uma vez que se valeu do recurso formal melódico descendente, marcado pela cadência, afirma que sua preocupação está voltada para o metafísico, e não para o físico: “Yo no estimo tesoros ni riquezas [físico]; / y así, siempre me causa más contento / poner riquezas en mi pensamiento [metafísico] / que no mi pensamiento en las riquezas [físico]”. É lá no mundo das ideias que reside seu prazer. Tudo o que deseja, como afirmara no final do quinto parágrafo da Carta “Respuesta”, é ignorar menos: “[...] yo no estudio para escribir, ni menos para

⁵⁴ “Eu confesso que me acho muito distante dos termos da sabedoria e que a tenho desejado seguir ainda que de longe. Mas tudo foi com tal extremo que chegaram a solicitar que se me proíba o estudo”.

enseñar – que fuera en mi desmedida soberbia –, sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos” (DE LA CRUZ, p. 774).

Na terceira estrofe, vemos Sor Juana declarar que não estima a beleza que se perde, que se torna despojo: “Y no estimo hermosura que, vencida, / es despojo civil de las edades”. Se, aqui, ela zomba dos metais preciosos, na Carta “Respuesta”, ela refina seu pensamento e escarnece a beleza exterior:

[...] Sucedió así que él crecía [cabello] y yo no sabía lo propuesto, porque el pelo crecía aprisa y yo aprendía despacio, y con efecto le cortaba en pena de la rudeza: que no me parecía razón que estuviese vestida de cabellos cabeza que estaba tan desnuda de noticias, que era más apetecible adorno (idem, ibidem, p. 776)⁵⁵.

Sor Juana desprezou as riquezas efêmeras desse mundo: “ni requeza me agrada fermentida” e valorizou as riquezas que se eternizam no mundo das ideias, riquezas que não se desvanecem, que não perdem seu brilho, que vencem o desbastar contínuo do tempo e adentra os anos vindouros, alcançando, três séculos e meio depois, os nossos dias.

A quarta estrofe, à guisa de conclusão, – “teniendo por mejor, en mis verdades, / consumir vanidades de la vida / que consumir la vida en vanidades” – está representando o que a poetisa repugnava no seu dia-a-dia. Essa sua aversão aos acasos cotidianos também está narrada na Carta “Respuesta”:

[...] y en vez de explicación y ejercicios muchos estorbos, no solo los de mis religiosas obligaciones (que éstas ya se sabe cuán útil y provechosamente gastan el tiempo) sino de aquellas cosas accesorias de una comunidad: como estar yo leyendo y antojarseles en la celda vecina tocar y cantar; estar yo estudiando y pelear dos criadas y venirme a constituir juez de su pendencia; estar yo escribiendo y venir una amiga a visitarme, haciéndome muy mala obra con muy buena voluntad [...] (idem, ibidem, p. 781)⁵⁶.

Enfim, recordemos o comentário que Rivers (apud ALONSO, 1976) fez sobre o poema “Sonho”, de Sor Juana. Isso se justifica, na medida em que consideramos

⁵⁵ “Sucedia assim que ele crescia (cabelo) e eu não sabia o proposto, porque o cabelo crescia rápido e eu aprendia devagar, e com efeito cortava-o em pena da rudeza: que não me parecia razoável que estivesse vestida de cabelos a cabeça que estava sem notícias, que era mais apetecível adorno”.

⁵⁶ “[...] e em vez de explicação e exercícios, muitos estorvos, não somente os de minhas religiosas obrigações (que já se sabe quanto útil e proveitosamente gastam o tempo) senão de aquelas coisas acessórias de uma comunidade: como estar eu lendo e começar, no quarto ao lado, tocar e cantar; estar eu estudando e brigar duas criadas e constituir-me juiz de sua pendência; estar eu escrevendo e vir uma amiga a visitar-me, fazendo muito má obra com muita boa vontade”.

haver nas considerações dessa estudiosa uma ligação entre o poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?” e a Carta “Respuesta”:

Es Sor Juana hermoso resumen y epílogo de un período lleno de luces que, al irse apagando, ella supo elaborar y renovar hasta darle un brillo del todo inesperado. A pesar de la hostilidad hispana contra el intelectualismo, especialmente el de la mujer letrada, la poetisa se mantuvo fiel a sí misma, según nos dice en los cuartetos de uno de sus más conocidos sonetos [en perseguirme mundo]⁵⁷.

Analisada a correlação sistemática das partes do poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, afirmamos que Sor Juana imprimiu nele sua visão de mundo e do homem, apontando questões relacionadas à opressão que sofreram as mulheres de seus dias, opressão disfarçada por uma ideologia bem arquitetada, que, de uma forma ou de outra, tranquiliza a consciência, estendendo-se até os dias de hoje. E o fez por meio de recursos formais que nos remetem à Carta “*Respuesta*”, pois, também nesse poema, como vimos, ela se valeu do paradoxo, da antítese.

3.2 “¡OH FAMOSA LUCRECIA, GENTIL DAMA”: A MORTE COMO MEIO PARA ALCANÇAR A LIBERDADE

O segundo poema que transcrevemos para nossa análise é “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”:

¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama,
de cuyo ensangrentado noble pecho
salió la sangre que extinguió a despecho
del rey injusto la lasciva llama!

¡Oh, con cuánta razón el mundo aclama
tu virtud, pues por premio de tal hecho
aún es para tus sienas cerco estrecho
la amplísima corona de tu fama!

Pero si el modo de tu fin violento
puedes borrar del tiempo y sus anales,
quita la punta del puñal sangriento

⁵⁷ “É Sor Juana um formoso resumo e epílogo de um período cheio de luzes que, ao ir-se apagando, ela soube elaborar e renovar até dar-lhe um brilho de todo inesperado. Apesar da hostilidade hispânica contra o intelectualismo, especialmente o da mulher letrada, a poetisa manteve-se fiel a si mesma, segundo nos diz nos quartetos de um de seus mais conhecidos sonetos [em perseguir-me mundo]”.

con que pusiste fin a tantos males;
que es mengua de tu honrado sentimiento
decir que te ayudaste de puñales⁵⁸.

Esse soneto é um exemplo do que afirmou Otávio Paz (1982, p. 555): “Su culto a las figuras femeninas del pasado era tal que dedico una serie de sonetos Morales – medallones verbales en el gusto parnasiano – a Lucrecia, Julia y Porcia”. Todo o soneto é um louvor de Sor Juana Inés de La Cruz à Lucrecia que, como nos afirma Alessandra Carbonero Lima em sua obra *Exempla Romanos: homens de “gloria” e mulheres de “honor”* (2006), mesmo sendo esposa de Lúcio Tarquínio Colatino, um dos líderes militares de Roma, e conhecida por sua virtuosidade, foi violentada por um jovem príncipe, Sexto Tarquínio (BOIXO, 2001, p. 262). Após ter sido vituperada, não hesitou em tirar a própria vida, já que fora desonrada. É isso que lemos em *Exempla Romanos: homens de “gloria” e mulheres de “honor”*:

“Vós vereis o que se lhe deve fazer; eu, por mim, conquanto me absolva de pecado, não me isento de castigo. De futuro, nenhuma mulher viverá desonrada à sombra do exemplo de Lucrecia”. Pega num cutelo que trazia oculto na veste e enterra-o no coração; sucumbindo ao ferimento, cai expirante. O marido e o pai soltam um grito (LIMA, 2006).

Sor Juana, assim como fez William Shakespear em seu poema “The Rape of Lucrece”, deixa para a história da humanidade um tributo àquela que se tornou o mito fundador de Roma (idem, ibidem) por causa de sua coragem. Sor Juana, ao valer-se dessa figura histórica transformada em mito, apresenta-se como quem sabia utilizar os recursos literários de seus dias para expressar seu sentimento e

⁵⁸ “Oh famosa Lucrecia, gentil dama,
de cujo ensanguentado nobre peito
saiu o sangue que extinguiu a despeito
do rei injusto a lascívia chama!

Oh com quanta razão o mundo aclama
tua virtude, pois por prêmio de tal feito
também é para tua cabeça uma coroa pequena
a amplíssima coroa de tua fama!

Mas se o modo de teu fim violento
podes apagar do tempo e seus anais,
tira a ponta do punhal sangrento

Com que puseste fim a tantos males;
que é falta de teu honrado sentimento
dizer que te ajudaste com punhais.”

ilustrar, simbolicamente, uma situação ou uma conduta. O poema, como bem afirmou o estudioso Carlos González Boixo, não somente tem conteúdo, mas também se expressa por meio dos recursos do barroco.

O poema, por se tratar de um soneto, está, como o anterior, assinalado por uma rima perfeita do tipo ABBA, ABBA, CDC e DCD que garante o efeito sonoro (ABBA: ama / echo / echo / ama; ABBA: ama / echo / echo / ama; CDC: ento / ales / ento; DCD: ales / ento / ales). Notamos que o adjetivo “sangriento” do 11º verso e o substantivo “sentimiento” do 13º verso possuem ditongos crescentes “ie”, formados por uma vogal fechada “i” e uma aberta “e”; nesse caso, o núcleo silábico do ditongo encontra-se na vogal aberta “e”, assim poderemos dizer que a rima está perfeita no esquema CDC DCD (TORREGO, 2007, p. 400).

Sor Juana, surpreendentemente, alcança a oposição tão recorrente no período barroco, ao utilizar, repetidas vezes (assonância), as vogais abertas para falar de um assunto sombrio: o assassinato de Lucrecia. A vogal aberta é predominante em todo o texto. Visualizemos como elas estão distribuídas na primeira estrofe:

1º verso - “o” aberta / “a” aberta / “o” aberta / “a” aberta / “u” fechada / “e” aberta / “i” fechada / “a” aberta / “e” aberta / “i” fechada / “a” aberta / “a” aberta;

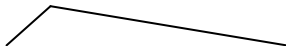
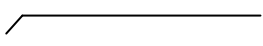
2º verso – “e” aberta / “u” fechada / “o” aberta / “e” aberta / “a” aberta / “e” aberta / “a” aberta / “o” aberta / “o” aberta / “e” aberta / “e” aberta / “o” aberta;

3º verso – “a” aberta / “i” fechada / “o” aberta / “a” aberta / “a” aberta / “e” aberta / “e” aberta / “e” aberta / “i” fechada / “u” fechada / “i” fechada / “o” aberta / “a” aberta / “e” aberta / “e” aberta / “o” aberta;

4º verso – “e” aberta / “e” aberta / “i” fechada / “u” fechada / “o” aberta / “a” aberta / “a” aberta / “i” aberta / “a” fechada / “a” aberta / “a”aberta.

A predominância das vogais abertas não somente marca o sentido de oposição com o tema sombrio do assassinato descrito no poema, como, também, traz, implicitamente, uma oposição de gênero.

Já o vocabulário é marcado pelo uso excessivo de adjetivos: “famosa” e “gentil” no primeiro verso, “ensangrentado” e “noble” no segundo, “injusto” no quarto verso, “estrecho” no sétimo verso, “amplíssima” no oitavo verso, “violento” no nono verso, “sangriento” no décimo primeiro verso e “honrado” no décimo terceiro verso.

A curva melódica da primeira e da segunda estrofes é marcada por uma forte ascendência, seguida por uma descendência abrupta e brusca, assim, as duas estrofes contemplam a anticadência e a cadência (), enquanto que as duas últimas estrofes estão marcadas pela suspensão, em que não há ascendência nem descendência () (TORREGO, 2007, p. 406-409).

Quanto ao ritmo, asseveramos que, se dividirmos os versos em seguimentos rítmicos, vê-los-emos representado, esquematicamente, com o seguinte movimento de ondulação:

¡OH / famosa LuCRE / cia, gentil DA / ma,
de CU / yo ensangrenTA / do noble PE / cho
salió la SAN / gre que extinguiÓ / a desPE / cho
del rey inJU / sto la lasCI / va LLA / ma!

¡OH, / con cuanta raZÒN / el mundo aCLA / ma
tu virtud, PUES / por PRE / mio de tal HE / cho
aún ES / para tus SIE / nes cerco estRE / cho
la amPLÍ / sima coRO / na de tu FA / ma!

PE / ro si el MO / do de tu fin vioLEN / to
puedes boRRAR / del TIE / mpo y sus aNA / les,
QUI / ta la PU / nta del puñal sanGRIEN / to

con que puSIS / te fin a TAN / tos MA / les;
que es MEN / gua de tu HON / ra do sentiMIEN / to
deCIR / que te ayuDAS / te de puÑA / les.

A primeira e a segunda estrofes são marcadas não somente pelo ponto de exclamação (!), mas também pela interjeição expressiva (Oh). O uso desses dois recursos gramaticais revela a grande carga emocional presente no poema (idem, ibidem, p. 248 e 505). Sor Juana expressa sua total devoção à Lucrecia e quer que seus leitores, de igual forma, façam o mesmo: “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama, [...]! / ¡Oh, con cuanta razón el mundo aclama [...]!”. Ela quer que eles sintam esse sentimento confuso, marcado, também, pela mistura da claridade das vogais abertas com a nebulosidade do assunto, esse sentimento que se verifica no gráfico melódico que ascende e descende brusca e brutalmente.

Sor Juana, fazendo uso dos adjetivos, qualifica Lucrecia: Ela é “famosa”; reconhecida como “gentil dama”, apregoada como alguém que tem o peito ensanguentado e nobre, que possui uma amplíssima coroa da fama. Por outro lado,

seu agressor, dominado pela lascívia, injusto é. Percebemos que todos os adjetivos colocados no poema, com exceção de um, estão ligados à Lucrecia, enobrecendo-a, enquanto que o único adjetivo que foi utilizado para qualificar o homem, o foi para desqualificá-lo. A oposição foi acentuada. Nessa primeira estrofe, está marcada a diferença entre a atitude das mulheres e a dos homens: de um lado está Lucrecia, apresentada com comportamentos dignos de serem louvados, do outro, o agressor, indicado como quem tem postura passível de censura.

Na segunda estrofe, Sor Juana afirma que o mundo tem muitos motivos para cantar as virtudes de Lucrecia – “¡Oh, con cuánta razón el mundo aclama / tu virtud” –, pois, pela morte, alcançou a liberdade, a fama, a coroa que lhe é digna: “pues por premio de tal hecho / aun es para tus sienes cerco estrecho / la amplísima corona de tu fama!”. O substantivo “razón” deve ser notado, pois, ao contrário do mundo conservador que age sem porquês convincentes, Lucrecia teve justificativas para apresentar, justificativas que foram aceitas pelas gerações futuras. Ela teve motivo forense para agir como agiu: foi abusada, desonrada.

Se, a terceira estrofe – “Pero si el modo de tu fin violento / puedes borrar del tiempo y sus anales, / quita la punta del puñal sangriento” – assinala, por um lado, que o ocorrido com Lucrecia (suicídio) – a mulher honrada, a mulher que vivia de acordo com os princípios éticos de seus dias – marcou, de forma trágica, o tempo, a história da humanidade, a quarta estrofe – “con que pusiste fin a tantos males; / que es mengua de tu honrado sentimiento / decir que te ayudaste de puñales” – mostra, por outro lado, que esse ato violento de se por fim à vida tornou-se louvável quando trouxe à luz a brutalidade da ação masculina sobre a frágil mulher.

Outrossim é o fato de que essas duas estrofes foram construídas de forma que a perenidade de Lucrecia fosse garantida, pois a linha melódica marcada pela suspensão, onde não há ascendência nem descendência, projeta Lucrecia – por meio de um movimento ondulatório, formado por três unidades rítmicas, onde as sílabas tônicas e átonas se sequenciam – em um horizonte sem fim que atravessa os séculos, justificando o oitavo verso: “la amplísima corona de tu fama”.

Se, na Carta “Respuesta”, Sor Juana Inés de La Cruz elencou uma série de mulheres dignas de serem louvadas, nesse poema, ela escolheu e exaltou Lucrecia, a qual preferiu a morte a tornar-se motivo de vergonha para o mundo de sua época e viver à sombra da ação masculina. Sor Juana, sem saber, ao exaltar Lucrecia, louva a si mesma nesse poema. Ela pode ser Lucrecia. Ela, ao fugir do matrimônio,

percorreu o caminho assaz mais fácil ao ingressar no mundo do conhecimento, da intelectualidade, nesse sentido, ela chocou-se com os valores vigentes. Esse caminho a levou ao sacrifício. Um sacrifício em favor de sua liberdade e da de todas as mulheres que viriam a existir. Depois da Carta “Respuesta”, como já afirmamos neste trabalho, a vida de Sor Juana tornou-se nebulosa (RIVERS apud ALONSO, 1976, p. 14-18). O punhal da censura de um período inquisidor ficou cravado em seu nobre peito, privando-a de seus melhores mestres: seus livros. Hoje, podemos dizer dela o que ela bem disse de Lucrecia: “¡Oh, con cuánta razón el mundo aclama / tu virtud, pues por premio de tal hecho / aun es para tus sienes cerco estrecho / la amplísima corona de tu fama!”. Nesse louvor à Lucrecia, Sor Juana evidencia as razões pelas quais ela não hesitou em colocar, no papel, suas ideias: louvava o sacrifício que liberta.

O fio de ouro está estendido, liga o poema à Carta “Respuesta”, pois, se, no poema, ela exalta Lucrecia, na carta, com mais demora e justificativas, ela elogia Tereza, Débora, Rainha de Sabá, Abigail, Ester, Raabe, Ana, Minerva, Pola Argentária, Cenobia, Arete, Nicostrata, Aspasia Milesia, Hipasia, Leoncia, Jucia, Corina, Cornélia, Catarina, Gertrudes, Paula, Blesila, Fabiola, Falconia, Isabel, Cristina Alejandra (DE LA CRUZ, p. 792-793). Assim, esse poema ganha status universais quando, na pessoa de Lucrecia, Sor Juana louva todas as mulheres, mulheres de todas as épocas.

3.3 “HOMBRES NECIOS QUE ACUSÁIS”: A INCOERÊNCIA MASCULINA SOB OLHAR DE SOR JUANA

O terceiro poema que analisaremos é “Hombres necios que acusáis”⁵⁹. Manuseando-o, tentaremos explicitar as “técnicas, as imagens, o espírito do Barroco incrustados” nele (CÂNDIDO, 2008, p. 8). Procuraremos mostrar como a poetisa barroca busca a redenção da mulher por meio da argumentação.

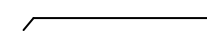
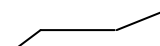
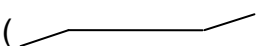
O poema contém 68 versos, divididos em 17 estrofes com quatro versos cada. Percebemos que essas dezessete estrofes possuem rimas externas e internas assim distribuídas: A / B / B / A, C / D / D / C, E / F / F / E, G / H / H / G, I / A / A / I, J / K / K / J, D / C / C / D, L / M / M / L, A / N / N / A, O / P / P / O, Q / R / R / Q, Q / S / S

⁵⁹ Para ler esse poema na íntegra, consultar o Anexo D deste trabalho.

/ Q, T / O / O / T, U / V / V / U, A / X / X / A, U / B / B / U, Z / Y / Y / Z. As rimas tipo A, B, C, D e Q repetem-se no poema. A rima tipo A aparece na 1ª, na 5ª, na 9ª e na 15ª estrofes. Na 1ª, na 9ª e na 15ª estrofes a rima é externa (**A / B / B / A, A / N / N / A, A / X / X / A**) e na 5ª estrofe ela é interna (I / **A / A / I**); a rima tipo B aparece na 1ª e na 16ª estrofes e em ambas ela é interna (A / **B / B / A, U / B / B / U**); a rima tipo C aparece na 2ª e na 7ª estrofes e é externa na 2ª e interna na 7ª (**C / D / D / C, D / C / C / D**); a rima tipo D aparece na 2ª e na 7ª estrofes e é interna na 2ª e externa na 7ª (**C / D / D / C, D / C / C / D**); a rima tipo Q figura na 11ª e na 12ª estrofes, sendo externas nas duas estrofes (**Q / R / R / Q, Q / S / S / Q**). Assim, as recorrências das rimas acontecem na 1ª, na 2ª, na 5ª, na 7ª, na 9ª, na 11ª, na 12ª, na 15ª e na 16ª estrofes.

A recorrência do vocabulário acontece por meio do verbo “culpar” que se faz presente no 4º, no 35º e no 36º versos, do verbo “pecar” no 55º e no 56º versos, do substantivo “culpa” que está no 49º, no 53º e no 58º versos, do substantivo “razón” que figura no 2º e no 62º versos, do substantivo “pena” presente no 41º e no 45º versos, do adjetivo “necios” que aparece no 1º e no 33º versos, do adjetivo “bien” no 7º e no 28º versos, do adjetivo “buena” que aparece no 44º e no 48º versos. As rimas acima apontadas e essas recorrências fazem com que o poema, ainda que extenso, não perca sua unidade sonora.

O efeito visual, que também reforça a unidade, é garantido por meio dessas rimas, dessas recorrências do vocabulário e pelo uso da mesma palavra em classe gramatical diferente como é o caso do verbo “culpar” e do substantivo “culpa”, do verbo “pagar” no 56º verso e do substantivo “paga” no 55º verso.

A curva melódica da 1ª, 3ª, 4ª, 5ª, 7ª, 8ª, 9ª, 11ª, 12ª, 16ª, 17ª estrofes e dos dois últimos versos da 15ª é marcada pela suspensão (), enquanto que a dos dois primeiros versos da 2ª estrofe é semianticadência () e a dos dois últimos versos é a anticadência, assim como a 6ª, a 10ª, a 13ª, a 14ª estrofes e os dois primeiros versos da 15ª estrofe ().

Sor Juana, nesse poema, demonstrou estar atenta ao que se passava no mundo de sua época, dando provas de que o havia decifrado. Demonstrou que havia absorvido os princípios que norteavam a Corte, mostrando que a Igreja não era o único centro produtor de conhecimento e todos aqueles que negassem essa verdade eram merecedores do epíteto: “homens néscios”. Foi na Corte que ela adquiriu personalidade, encontrou a liberdade e alçou sua voz, tecendo tamanha

crítica aos doutores da Igreja. Ela, a exemplo da dialética socrática, faz emergir a ignorância daqueles que se reconheciam sábios, que arrogavam para si o direito exclusivo da reflexão por meio de seis perguntas (2ª, 6ª, 10ª, 13ª, 14ª e 15ª estrofes):

¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?⁶⁰

¿Qué humor puede ser más raro
que el que, falto de consejo,
él mismo empaña el espejo,
y siente que no esté claro?⁶¹

¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata, ofende,
y la que es fácil, enfada?⁶²

¿Cuál mayor culpa ha tenido
en una pasión errada:
la que cae de rogada,
o el que ruega de caído?⁶³

¿O cuál es más de culpar,
Aunque cualquiera mal haga:
la que peca por la paga,
o el que paga por pecar?⁶⁴

Pues ¿para qué os espantáis?
de la culpa que tenéis?⁶⁵

⁶⁰ A tradução desse poema é de Ailton de Souza e Jorge Luis Gutiérrez publicada na Revista Pandora, 2010.

“por que quereis que procedam bem
se as incitais ao mal?”

⁶¹ “Que humor pode ser mais estranho
que aquele que, sem conselho,
ele próprio embaça o espelho,
e reclama que não está claro?”

⁶² “Pois como há de ser moderada
a que vosso amor pretende,
se a que é ingrata, ofende,
e a que é fácil, entedia?”

⁶³ “Qual maior culpa tem tido
em uma paixão errada:
a que cai pelos rogos
ou quem roga por caído?”

⁶⁴ “Ou quem tem maior culpa,
independente do mal que faça:
a que peca por salário,
ou quem para pecar paga?”

⁶⁵ “Pois, para que vos espantais
da culpa que tens?”

A curva melódica marcada pela semianticadência e pela anticadência dessas estrofes mostra-nos que ela ascendeu ao nível intelectual dos homens de seus dias e é em pé de igualdade que ela pode questioná-los. A oposição homem culto x mulher ignorante tão evidente no séc. XVII desaparece.

Ela inicia a primeira estrofe, qualificando o substantivo “hombres” com o adjetivo “necios”, algo inesperado para uma cultura masculina que, à mão de ferro, detinha, exclusivamente, para si o direito de saber. Ela, nesse verso construído com uma curva melódica marcada pela suspensão que não ascende nem descende, sem titubear, chama-os de tolos, afirmando que há neles falta de sabedoria e deixando claro (conceito cartesiano) que, em sua opinião, eles não percebem que são incultos: “Hombres necios [...]”. Ela os derruba de seus pedestais da intelectualidade e, lançando-os no abismo profundo da ignorância. A oposição mulher culta x homem ignorante emerge e permanece até o fim do poema.

Nas duas primeiras estrofes, ela não somente os qualifica, como, também, mostra-lhes a razão pela qual merecem ser assim chamados. São parvos, porque acusam as mulheres sem razão, sem perceber que são eles que fazem com que elas hajam da forma como estão agindo. Nesse sentido, guardadas as devidas diferenças, as palavras do crítico literário Antonio Cândido sobre o soneto de Camões – “Amor é fogo que arde sem se ver” – são propícias, pois, o poema de Sor Juana também “exprime sob uma aparente rigidez lógica, uma densa e dramática tensão existencial; é o encerramento de uma profunda experiência humana, baseada na perplexidade ante o caráter contraditório da vida humana” (CÂNDIDO, 1999, p. 24). Ela os inquiriu, exigiu-lhes uma resposta, convocou-os à reflexão:

[...] que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis.⁶⁶
 si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?⁶⁷

⁶⁶ “que acusáis
a mulher sem razão,
sem ver que sois a causa
do mesmo que culpais”.

⁶⁷ “se com ânsia sem igual
solicitais seu desdém,
por que quereis que obrem bem
se as incitais ao mal?”

Insistimos na força semântica e filosófica de três expressões: “sin razón”; “sin ver”; “¿por qué queréis que obren bien / si las incitáis al mal?”. Na primeira, a poetisa afirma não ter motivo forense para a formulação da denúncia. Na segunda, diz que os homens são cegos, e faz tal afirmação em uma época em que o pensamento cartesiano está em efervescência, quando se busca a clarividência. Aqueles que governavam o mundo o faziam às escuras, conduziam-no ao abismo, defraudavam, cometiam injustiça. Na terceira expressão, ela quer saber desses homens o porquê que levavam as mulheres a agirem contra o fluxo das circunstâncias históricas.

Como se nota, Sor Juana, com essas expressões de cunho filosófico, apresenta-se, tanto no poema quanto na carta, não somente como quem dominava as técnicas barrocas para a escrita de poemas, mas também, como quem sabia filosofar por meio deles. O argumento que assinala o fato de que Sor Juana se consagra como filósofa na Carta “Respuesta” é tão evidente, que nos tornamos medíocres ao afirmar, novamente, essa verdade. No entanto, nosso interesse está calcado no desejo de mostrar que essa verdade também se verifica em seus poemas, em especial, nessas estrofes de “Hombres necios que acusáis”. Ora, toda a carta procura demonstrar que os homens não tinham razão para criticá-la, para acusá-la de herética; além disso, não viam que era impossível estudar as Sagradas Escrituras sem conhecer as demais ciências, não enxergavam que, na história da saga humana, muitas mulheres sobrepujaram muitos homens em conhecimento e sabedoria.

No poema, os homens insensatos pedem, concomitantemente, às mulheres que lhes deem castidade e amor. Combatem sua castidade, vencem-nas pela força (Lucrecia), alcançam seus objetivos e acusam-nas de levianas (Thais). É essa dualidade que marca todo o poema, do qual destacamos três estrofes (3ª, 9ª e a 10ª) que expressam tal dualidade:

Combatís su resistencia
y luego, con gravedad,
decís que liviandad
lo que hizo la diligencia⁶⁸.

Siempre tan necios andáis

⁶⁸ “Combateis sua resistência
e logo, com gravidade,
dizeis que leviandade
o que fez a diligência”.

que, con desigual nivel,
a una culpáis por cruel
y a otra por fácil culpáis⁶⁹.

¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata, ofende,
y la que es fácil, enfada?⁷⁰

Os homens são loucos, têm medo de seus feitos, não compreendem suas criações. Nesse poema, bem antes de Feuerbach, Sor Juana Inés de La Cruz afirma que o mundo é produzido pelos próprios homens, os quais não têm consciência disso. Os sujeitos não se reconhecem nos objetos, por si próprios produzidos. Valendo-se da razão e do sentimento, voltam-se contra sua condição precária, criam outra realidade, norteadada pela perfeição. Os homens encontram uma forma de afastarem-se de sua situação pífida. A poetisa mexicana do Século de Ouro, por meio da conscientização, busca a superação (4^a e 6^a estrofes):

Parecer quiere el denuedo
de vuestro parecer loco,
al niño que pone el coco
y luego le tiene miedo⁷¹.

¿Qué humor puede ser más raro
que el que, falto de consejo,
él mismo empaña el espejo,
y siente que no esté claro?⁷²

A quinta estrofe faz menção a duas personagens da história da humanidade: Thais e Lucrecia. A Lucrecia referida é a mesma do poema anterior, àquela que foi possuída por Sexto Tarquínio e que se tornou o mito fundador de Roma. A Thais

⁶⁹ “Sempre tão néscios andais
que, com desigual cota,
a uma culpáis por cruel
e a outra por fácil culpáis”.

⁷⁰ “Pois como há de ser moderada
a que vosso amor pretende,
se a que é ingrata, ofende,
e a que é fácil, entedia?”

⁷¹ “Assemelhar-se quer a ousadia
de vosso parece louco,
ao menino que faz um monstro
e logo lhe tem medo”.

⁷² “Que humor pode ser mais estranho
que aquele que, sem conselho,
ele próprio embaça o espelho,
e reclama que não está claro?”

aqui mencionada é a famosa cortesã ateniense que acompanhava Alexandre, o Grande, em suas viagens e que, posteriormente, casou com Ptolomeu I Sóter. A estudiosa Maristela Rempel Ebert (2006) informa-nos que as cortesãs, diferentemente “das esposas que não recebiam nenhuma instrução, eram iniciadas na arte, na música, na dança, e, em alguns casos, participavam dos debates filosóficos”. Sor Juana, como sugere o espírito do barroco, vale-se dessas duas figuras emblemáticas para exemplificar o desejo presunçoso dos homens:

Queréis, con presunción necia,
hallar a la que buscáis,
para pretendida, Thais,
y en la posesión, Lucrecia⁷³.

A última estrofe acentua ainda mais a oposição marcada em todo o poema (masculino X feminino; saber X não saber; culpa X inocência) quando coloca o profano em oposição ao sagrado, quando afirma que aqueles que deveriam estar fundidos com sagrado conseguiram, por meio de muitas armas, reunir os três elementos essenciais que caracterizam o profano, o diabo, a carne e o mundo:

Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogancia,
pues en promesa e instancia
juntáis diablo, carne y mundo⁷⁴.

Asseveramos que, se adotarmos o ponto de vista de Cândido (1965), podemos afirmar que Sor Juana assimilou as técnicas barrocas de comunicação e rompeu com a estrutura social, com os valores e ideologias de seus dias que não a permitiam fazer críticas dessa natureza, que a publicação do poema “Hombres necios que acusáis” só foi possível, como já assinalamos no Capítulo 1, por causa da conjugação de vários fatores que garantiram sua posição social e fizeram com que ela mantivesse vivo o forte laço fraterno com os membros da corte, que não só a acolheu, como também publicou seus escritos com notas de elogios quanto à

⁷³ “Quereis, com presunção néscia,
achar à que buscais,
para pretendida, Thais,
e para possessão, Lucrecia”.

⁷⁴ “Bem com muitas armas fundo
que luta a vossa arrogância,
pois em promessa e instância
juntais diabo, carne e mundo”.

forma e ao conteúdo (CÂNDIDO, 1965, p. 19-46). Com isso, a Corte provocava os intelectuais religiosos e firmava-se como propulsora do conhecimento. Nele, no poema, Sor Juana não apenas comunicou noções e conceitos, mas, mais do que isso, expressou as realidades contraditórias da vida humana que estavam profundamente radicadas na sua alma. O poema “Hombres necios que acusáis” permite-nos afirmar que a literatura não somente “é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte” (idem, ibidem, p. 215), mas também, é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de gênero.

Encerramos a análise com as sábias palavras de Rivers (apud ALONSO, 1976, p. 25): “[...] este poemita burlesco [...] ataca radicalmente el doble sistema de honra machista y vergüenza mujeril que tradicionalmente controla los papeles sociales de los dos sexos”⁷⁵.

3.4 “¡VÁLGAME DIOS! ¿QUIÉN PENSARA” QUE UM HOMEM SUBSCREVERIA UM POEMA DE SOR JUANA

O quarto poema é “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”⁷⁶, que possui 54 estrofes com 4 versos cada. Nesse poema, percebemos o alto grau de erudição de Sor Juana, pois conseguimos ver a poetisa usar e abusar das metáforas tão caras aos conceptistas, conforme afirma a estudiosa Georgina Rivers. Logo de saída Sor Juana, para dizer que o poema foi fruto de uma provocação do doutor Josef de Veiga, escreve: “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara / que un pobre romance mío / que para salir de madre / hubo menester padrino”⁷⁷. Ironicamente, a poetisa estranha o fato de um homem doutor dar-lhe ocasião para produção.

O poema é uma réplica da carta “*Respuesta*”, uma vez que, nele, encontramos o tema e o paradoxo entre o que se diz e o que se escreve. Sor Juana quer convencer seu interlocutor que não é digna de ter seu romance subscrito por ele, porque não se via digna de tamanha honra e para convencê-lo ela se vale de

⁷⁵ “Este poema burlesco ataca radicalmente o duplo sistema de honra machista e de vergonha para as mulheres que tradicionalmente controla os papéis sociais dos sexos”.

⁷⁶ Para ler esse poema na íntegra, consultar o Anexo E deste trabalho.

⁷⁷ “Valha-me, Deus! Quem pensara / que um pobre romance meu / que para vir à existência/ precisou de padrinho”.

uma argumentação que somente uma intelectual como ela poderia fazer, assim, ela condena a si mesma, ao vestir a máscara da humildade.

Sor Juana, em seu raciocínio aguçado, prova que o elogio emitido por Veiga a um outro escrito seu é ocasião para desqualificá-la. Ela afirma que as imperfeições de seu escrito, que poderiam muito bem passar despercebidas, vieram à tona quando foram colocadas ao lado do escrito de um insigne intelectual como ele. Assim, ironicamente, ela diz que o elogio é antes advertência, admoestação, exortação:

“merecía aquella ofensa
que me hacéis, pues imagino
que es vituperio, y no elogio,
la alabanza en el indigno?
Que a los defectos por sí,
cuando carecen de aliño,
el mirarlos como malos
los hace desatendidos:
que como en la inadvertencia
está el reparo dormido,
tiene de no censurados
lo que de no conocidos”⁷⁸.

A estrofe seguinte – “pero si exterior adorno / es de la vista atractivo, / lo que buscó para aplauso / suele halla para castigo”⁷⁹ – parece àquele leitor voraz da carta uma réplica da ideia exposta em um célebre parágrafo ali posto:

Empecé a deprender gramática, en que creo no llegaron a veinte las lecciones que tomé; y era tan intenso mi cuidado, que siendo así que en las mujeres -- y más en tan florida juventud -- es tan apreciable el adorno natural del cabello, yo me cortaba de él cuatro o seis dedos, midiendo hasta dónde llegaba antes, e imponiéndome ley de que si cuando volviese a crecer hasta allí no sabía tal o tal cosa que me había propuesto deprender en tanto que crecía, me lo había de volver a cortar en pena de la rudeza. Sucedió así que él crecía y yo no sabía lo propuesto, porque el pelo crecía

⁷⁸ “merecia aquela ofensa
que me fizeste, pois imagino
que é vitupério, e não elogio,
a cortesia para com o indigno?
Que aos defeitos por si,
quando carece de reparo,
o olhá-los como maus
faz com que estejam desamparados:
assim como na inadvertência
está o reparo dispensado,
não se pode censurar
o que não é conhecido”

⁷⁹ “Mas se a beleza exterior / é atrativo para a vista, / o que buscou para aplauso / encontra o que é para castigo”.

aprisa y yo aprendía despacio, y con efecto le cortaba en pena de la rudeza: que no me parecía razón que estuviese vestida de cabellos cabeza que estaba tan desnuda de noticias, que era más apetecible adorno (DE LA CRUZ, p. 776)⁸⁰.

Sor Juana, mais uma vez, prova que havia assimilado o espírito de sua época, mais uma vez ela dá evidências de que se pode alcançar o conhecimento partindo da observação, da experiência. Assim, por meio de comparações extraídas de suas observações, ela encontra ocasião para questionar aquele que, na perspectiva dela, quis antes magoá-la que honrá-la. Ela prova que não se dedicava apenas às suas obrigações litúrgicas:

Quando el frio y el calor
llegan a verse vecinos,
está más ardiente el fuego,
está más helado el frío.
Quando destierran la noche
del sol los dorados rizos,
parece ella más obscura
y él parece más lucido.
Pues siendo esto así, señor,
decidme: ¿con qué motivo
me hicisteis aquel agravio
con capa de beneficio?
¿No veis que es querer que, juntos
vuestros versos a los míos,
hagan vuestras perfecciones
más disformes mis delirios?⁸¹.

⁸⁰ “Comecei a aprender gramática, em que creio não chegaram a vinte as lições que tomei: e era tão intenso meu cuidado, que sendo assim que nas mulheres – e mais em florida juventude – é tão apreciável o adorno natural do cabelo, eu cortava-o quatro ou seis dedos, medindo até onde chegava antes, e impondo-me lei de que se quando voltasse a crescer até ali não soubesse tal e tal coisa que me havia proposto aprender em tanto que crescia, voltaria a cortar em pena de rudeza. Sucedia assim que ele crescia e eu não sabia o proposto, porque o cabelo crescia depressa e eu aprendia devagar, e com efeito o cortava em pena da natureza: que não me parecia razão que estivesse vestida de cabelos cabeça que estava desprovida de noticias, que era mais apetecível adorno”.

⁸¹ “Quando o frio e o calor

chegam a ser vizinhos,
está mais quente o fogo,
está mais gelado o frio.

Quando surge a noite
por causa do sol dourado,
a noite se apresenta mais escura
e o sol mais brilhoso.

Pois sendo isto assim, senhor,
diz-me: com que motivo
fizeste-me aquele agravo
com aparência de benefício?

Não vês que colocar
vossos versos juntos aos meus,
faz com que vossa perfeição

Ora, não está aqui uma evidência de que ela, realmente, apropriou-se das ciências, segundo afirmara no extenso décimo primeiro parágrafo da Carta “Respuesta”? Não está, aqui, uma amostra de que, verdadeiramente, ela, em tudo, encontrava ocasião para aprender? Não foi observando a natureza que chegou a tal conclusão?

Nos numerosos versos seguintes, a fim de elogiar seu interlocutor, Sor Juana dá demonstrações de completa erudição, provando, tal qual na carta “Respuesta”, conhecer a história da humanidade, os clássicos de todas as ciências. Era – ela – enfim, a erudição em pessoa e, como tal, como vimos na Carta “*Respuesta*”, não fazia alusões atabalhoadas às pessoas e personagens do mundo intelectual:

¿Cuándo diera el sol sus rayos
a que os sirvieran de estilos
y os ministraran los cielos
los azules pergaminos
¿Cuándo, si que lo alaberais
pensara o prado florido,
hicierais costa a las flores
de buscar nuevos aliños?
¿Cuándo, a temer que haríais vos
de sus versos escrutinio,
mandara con más razón
quemar la *Eneida* Virgilio?
¿Cuándo, si os viera maestro
de su Alejandro, Filipo,
con más justa causa hiciera
a sus dioses sacrificio;
y si el Macedón, vivir
viera en los preservativos
aromas vuestros, sus glorias
a los venideros siglos,
no tuviera, al contemplar
los hechos de los argivos,
ni a Aquiles por tan dichoso
ni a Homero por tan divino?
¿Cuándo, si César gozara
vuestro numen descriptivo,
solicitará, en sus hechos,
aumentarlos, no escribirlos?
¿Vos, a quien por Tolomeo
veneraran los egipcios,
por Solón los atenienses,
los romanos por Pompilio,
los árcades por Apolo,
por Fidón los de Corinto,
los magnesios por Platón
y los cretenses por Minos?
Porque ¿qué Dracón, qué Eaco,

qué Mercurio Trismegisto,
 qué Deucalión, qué Licurgo,
 qué Belo, qué Tulo Hostílio,
 qué Saturno, qué Carondas,
 qué Filolao, qué Anicio,
 qué Samolio, qué Seleuco,
 qué Rómulo, qué Tranquilo
 llegaron a vuestras letras,
 cuando todos los antiguos
 legisladores apenas
 os pueden servir de tipos?
 Pues a faltar todos ellos,
 pudiera vuestro juicio
 substituir ventajoso
 por sus inmensos escritos
 [...]
 Pues no igualan vuestros versos
 un Homero, un Vario Livio,
 un Andronio y un Lucano,
 un Marcio, un Montano Emilio,
 un Licofronte, un Alceo,
 un Nevio, un Sexto Turpilio,
 un Filoxeno, un Terpandro,
 un Sófocles, un Esquilo,
 un Cornelio Galo, Un Accio,
 un Tito Valgio, un Atilio,
 un Sexto Aurelio Prospercio,
 un Lucio y Clodio Sabino.
 Tanto, que pudierais ser
 (si hubierais antes nacido)
 para Escipión un Ennio,
 para Alejandro un Querilo,
 un Virgilio para Augusto,
 para Domiciano un Sirio, para Graciano un Ausonio,
 y un Menandro al rey de Egipto.

Nos versos seguintes, mais uma vez, valendo-se da máscara da humildade, Sor Juana afirmará que seu interlocutor deveria, em vez de escrever sobre seus escritos, emitir juízos sobre os textos de ilustres pessoas que se consagraram como sábias. Ora, ao citar essa multidão de intelectuais, ela acaba por inserir-se entre eles, daí o paradoxo, uma vez que teve a pretensão de citá-los para provar que os escritos deles mereciam mais atenção do que os seus. Ao assim proceder, ela acaba cometendo com Josef de Veiga o mesmo paradoxo que cometeu com o Bispo de Puebla, Sr. Manuel Fernández de Santa Cruz:

Pues ya, si fuera el asunto
 la alabanza de una Clío,
 de una Erina, de una Safo,
 de una Artemia, de una Fito;
 de Corina, o de Minerva,
 o de Cenobia, que hizo
 con su pluma más ilustres

los hechos alejandrinos;
 de la hija de Tiresias,
 o hermana de Cornificio,
 de la mujer de Lucano
 o la madre de Aristipo;
 de aquel délfico milagro
 o de aquel espanto libio,
 de aquel itálico pasmo
 o de aquel asombro frigio;
 o de la excelsa duquesa
 de Aveiro, de nuestro siglo
 honra y corona, y gloriosa
 afrenta de los antiguos:
 en cuya divina pluma,
 en cuyo altos escritos,
 España goza mejores
 oráculos sibilinos,
 fuera digno asunto vuestro.
 Pero alabar versos míos.

Reparemos que, aqui, encontramos algumas mulheres que também foram citadas na Carta “Respuesta”: a poetisa grega Corina; a conhecida personagem da mitologia grega, Minerva; a rainha da Síria, Cenobia. Sor Juana, por meio da carta e de seus poemas, não cansou de mostrar à sociedade de sua época que não havia razão para caçar a palavra às mulheres, não havia por que persegui-las. A história provava que seus dias andavam na contramão do fluxo da existência humana. Sor Juana alertava os incautos homens, avisando-os que a prática de seus dias faria com que eles entrassem – como entrou – para a história de horror da espécie humana.

Enfim, Sor Juana, como mostramos nos dois parágrafos anteriores, não hesita em citar homens e mulheres. Não age com má fé: não exclui os homens, a fim de dar proeminência às mulheres. Ela apenas mostra que ambos são capazes de, fazendo uso da razão, contribuir com o progresso da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, a produção poética e ensaística da freira mexicana Sor Juana Inés de La Cruz não é somente vasta, como, também, valiosa, e que toda essa sua produção aconteceu no séc. XVII, no segundo período da história do México, caracterizado pelos historiadores de Vice-Reinado da Nova Espanha, no qual encontramos o regime político denominado “Patrimonialismo”, cujo Vice-Rei, representante do Monarca na colônia, tinha a incumbência de fazer valer os interesses da Corte. É nesse Vice-Reinado que encontramos o Sr. Francisco de Aguiar y Seijas, Vice-Rei e Arcebispo do México que se tornou o grande opositor de Sor Juana.

Nessa Nova Espanha, a cultura era privilégio de uns poucos que tinham acesso ou à Universidade ou à Igreja ou à Corte. A produção do conhecimento, quase que exclusivamente, cabia aos homens. Eram deles as Escrituras, o púlpito e a política. Era deles o mundo das reflexões e, por meio do confessorário, eles o controlavam.

Sor Juana venceu esses difíceis obstáculos de sua época que impediam toda e qualquer mulher de trilhar o caminho do estudo, do conhecimento, do exercício intelectual. A fim de ter acesso à cultura, ela ingressou no Convento São Jerônimo, colocou-o a seu serviço e só saiu de lá sem vida, liquefeita.

No Convento, como vimos, esteve sob a tutela de seus confessores, que tinham por missão conduzi-la à produção de textos que dessem conta de suas experiências sobrenaturais. Sor Juana também soube lidar com essas exigências de modo que não perdeu o contato com os eruditos da história da humanidade e, com o apoio de alguns Vice-Reis, conseguiu produzir inúmeros textos dos mais variados gêneros: cartas, poemas, peças teatrais.

Um desses textos, a Carta Atenagórica, foi a causa da grande polêmica, conforme mostramos no Capítulo 1. Nesse texto, ela teceu comentários a respeito do Sermão do Mandato, pregado por Padre Antônio Vieira. Nesse sermão, Vieira, valendo-se do evangelho de João, encontrou ocasião para contestar o pensamento de Agostinho, Tomás e Crisóstomo, concluindo ser sua interpretação a mais sublime, a mais coerente, a mais correta: a maior fineza de Cristo foi querer que o amor com que nos amou fosse dívida de nos amarmos.

O sermão do Mandato, pregado em 1650, por um lado encantou Sor Juana por sua beleza, pela perícia do pregador com as palavras e, por outro, deu a ela uma grande oportunidade para mostrar que se é possível construir um texto totalmente diferente, mesmo quando se aborda o mesmo assunto.

A poetisa retomou Agostinho, Tomás de Aquino e João Crisóstomo, para mostrar que esses pais da Igreja escreveram o que escreveram sendo fiéis aos pressupostos defendidos pela Igreja Católica. Ela provou que os doutores da Igreja foram, cada um em seu tempo, fiéis às Sagradas Escrituras, às tradições e aos dogmas da Igreja Católica, não hesitando em afirmar que se colocava do lado destes em oposição a Padre Antônio Vieira.

Bispo Manuel Fernández de Santa Cruz, como mostramos, escreveu a Sor Juana, vindo à tona a Carta de Sor Filotea de La Cruz, em 25 de novembro de 1690. A Carta de Sor Filotea, ainda que vinda da parte de um amigo, de um aliado, não é outra coisa que não uma tentativa de desencorajar Sor Juana a continuar escrevendo sobre assuntos que eram de responsabilidade dos homens. Não há uma frase, uma oração que aponte um deslize sequer da monja, portanto, o único argumento que sobrou ao bispo foi este: Pare de falar, porque você é mulher e mulher deve escrever textos que dão conta de suas experiências sobrenaturais e nada mais.

Sor Juana Inés de La Cruz respondeu-lhe ao escrever-lhe a Carta “Respuesta”. Ao analisarmos a carta, percebemos que Sor Juana, ao longo dos anos, instalada no Convento de São Jerônimo, adquiriu disciplina férrea, o que fez com que ela soubesse lidar com os estorvos do dia-a-dia sem perder o seu objetivo: mostrar a seu interlocutor que não havia mal algum em as mulheres fazerem parte do mundo das reflexões e, junto com os homens, produzir o conhecimento.

Sor Juana provou que dominava esse gênero de escrita. Ela atendeu todos os requisitos formais exigidos em uma escrita de si, tornado-a complexa, pois, como mostramos, ora acreditamos piamente que estamos diante de uma carta, ora diante de um ensaio, ora diante de um tratado, e é o saber escrever carta que gera essa hibridez peculiar do gênero escrita de si.

Sor Juana soube manter o caráter dialógico intrínseco à carta, ao reconquistar seu interlocutor logo nas primeiras linhas por meio de elogios escritos no superlativo. Trabalhou muito bem com o ritmo, avançando e retrocedendo, fez excelente uso das máscaras, uma vez que soube metamorfosear-se adequadamente todas as vezes

que isso foi necessário: ora humilde, ora erudita. Deixou que seu interlocutor conhecesse de seu caráter somente aquilo que lhe interessava deixar conhecer, com isso criou uma perfeita ilusão de presença. Valeu-se dos recursos necessários para cancelar a “verdade” do que dizia na carta. No entanto, pudemos perceber que a forma como escreveu contradisse o que estava escrito, fazendo emergir a contradição e a ironia tão peculiares ao período barroco.

Se a Carta Atenagórica possuía um cunho religioso, a Carta “Respuesta” possuía um cunho notadamente filosófico. Se, na Carta Atenagórica, ela refutou as ideias de Vieira, na Carta “Respuesta”, ela refutou as ideias de uma época. Se, naquela, ela condenou representantes do sistema, nesta ela condenou o sistema todo. Se, naquela, ela mostrou que conhecia uma Ciência (Religião), nesta ela provou que conhecia muitas outras.

Sor Juana, por meio da Carta “Respuesta”, levou, ao tribunal da história humana, uma época marcada pelo preconceito exacerbado. A juíza, denominada consciência histórica, condenou, condena e condenará toda ação daquela natureza. Sor Juana defendeu com maestria a liberdade de reflexão feminina, a liberdade de reflexão da humanidade. Resgatou a glória de inúmeras mulheres intelectuais, dignas, cultas, sábias. Provou que as palavras que escoavam por sua boca eram palavras que nasceram de um cérebro pensante, aguçado, vivo, reflexivo.

Sor Juana lembrou os doutos de seus dias de que eles não eram os únicos que faziam bom uso do intelecto. Avisou-lhes que a cabeça não fora feita somente para que os cabelos ali descansassem. Asseverou que a beleza exterior em detrimento da interior era loucura, insensatez. Alertou-lhes para o fato de que muitos sábios encontravam uma mulher, uma mestra, uma sábia em sua genealogia intelectual, mostrando-lhes, assim, que essas mulheres estavam espalhadas por todo o mundo, compondo literaturas sacras e profanas.

Na Carta “Respuesta”, percebemos que Sor Juana perscrutou os mundos das ideias, leu-os, decifrou-os, absorveu-os. Estudava com os livros e, na falta destes, aprendia com os eventos da natureza, com os objetos existentes no planeta, com as brincadeiras dos animais racionais e irracionais, com os relacionamentos destes, com os afazeres culinários, com a quietude da noite, com a agitação do dia: tudo lhe era motivo para reflexão.

Debruçamo-nos sobre sua Carta “Respuesta” e sobre apenas quatro de seus muitos poemas – “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia,

gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara” – e percebemos que Sor Juana era o que era em todas as circunstâncias. Afirmamos, pois, que há um fio condutor de ouro que perpassa toda sua produção: um espírito crítico.

A Carta “Respuesta” não foi simplesmente uma escrita de si circunstancial. Sor Juana, valendo-se do gênero carta, adequado, como escreveu Foucault, para revelar a alma, o caráter, deixou-se conhecer. Ora, esse mesmo caráter, essa mesma alma se revelaram bem antes, como vimos, por meio de outro gênero literário: a poesia.

Nossa análise provou que Sor Juana Inês de la Cruz conseguiu escrever sobre o mesmo tema, valendo-se de gêneros diferentes. Ela não só dominava os aspectos formais intrínsecos ao gênero carta, como também, de igual forma, dominava os aspectos formais inerentes à escrita de poemas. Como afirmou Georgina Sabat Rivers, os poemas de Sor Juana possuem uma alta expressão pessoal, uma mescla de saudações amistosas, um exercício de composição formal primorosamente trabalhado.

Sem forçar nas rimas e nas acentuações, Sor Juana soube escrever poemas que denunciavam a conduta contraditória dos governantes de seus dias. Fez abundante uso da mitologia, criou forte tensão ao entrelaçar ritmo e vocabulário adequado.

No poema “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, o eu lírico, valendo-se dos recursos formais a sua disposição, faz surgir o espírito crítico encontrado nas duas cartas. As ideias da Carta “Respuesta” são notórias no poema. Sor Juana, por meio de vocabulário específico, criou uma sonoridade agradável ao formar a rima perfeita e, ao formá-la, fez com que seu escrito tornasse belo à vista de seus leitores. Mostrou, ao usar a aliteração, o ruído seco, conflituoso emitido pela conduta equivocada de seus líderes. É por meio desses aspectos formais que ela, claramente, questiona o sistema vigente em seus dias, ao afirmar, peremptoriamente, que sua única ambição era ignorar menos, era colocar beleza em seu entendimento, era fazer parte do mundo da reflexão e isso ela afirma, por meio de uma curva melódica ascendente, sem se deixar intimidar pelas pressões sociais. Ela, nesse soneto, desprezou a efemeridade da beleza física para honrar a eternidade da beleza que se encontra nas ideias. Sabendo que o tempo deixa suas marcas na mente, ela absteve-se das questiúnculas da vida. Utilizou o contraste

caro ao barroco para mostrar a oposição existente entre os gêneros feminino e masculino e o fez por meio de uma dialética ordenada e progressiva, explorando, em um soneto, as contradições humanas e utilizando uma linguagem permeada por antíteses, paradoxos, etc.

Em “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, o eu lírico lança mão de uma figura histórica mitológica para repudiar a ação descabida de um homem que, movido por suas paixões, procurou manchar a honra de uma dama imaculada, tentando corromper o incorruptível. Além disso, ela prova que – naquela ocasião, como em seus dias – o homem apresentou-se como um verdadeiro insano, enquanto Lucrécia – assim como Sor Juana – permaneceu com sua sanidade intacta no momento mais agudo de sua existência. Para a monja, Lucrécia imortalizou-se na história como exemplo de luta pela liberdade, ao tirar a própria vida e isso ela assevera por meio da curva melódica que aponta para o horizonte longínquo. Sor Juana usa e abusa dos recursos gramaticais e faz com que seus leitores sejam envolvidos pelo soneto, ainda que não tenham consciência do porquê. Aqui, mais uma vez, assinalamos que esse soneto revela os mesmos ideais encontrados na Carta “Respuesta”; aliás, como vimos, Lucrécia foi citada na carta. Na Carta “Respuesta”, Sor Juana soube criar a ironia, a contradição, ao fazer com que o que dizia se opusesse à forma. Nesse soneto, da mesma maneira, ela conseguiu escrever sobre um assunto sombrio utilizando uma vastidão de vogais abertas, do que depreendemos que não somente somos remetidos à Carta “Respuesta” pelo tema do soneto, como, também, somos a ela enviados pela forma.

Em “Hombres necios que acusáis”, um poema extenso, o eu lírico sorjuanino é direto, objetivo, pois inquire os homens, para verificar se eles têm respostas sólidas, que justifiquem suas ações preconceituosas, as quais serão sempre repudiadas com veemência pela humanidade. Nesse poema, fica evidente que os homens estavam agindo segundo os ditames de suas emoções, não sendo suas atitudes fruto de uma reflexão sadia. Sor Juana, nesse poema, mostra-se perplexa diante da incoerência da vida. O poema é uma evidência de que o que ela requereu na Carta “Respuesta” não era nada mais, nada menos do que aquilo que ela acreditava ser a expressão do direito: a liberdade para todos os gêneros. Essa evidência presente no texto se dá por meio de rimas, por meio de recorrências de certos vocabulários, por meio da curva melódica que está em um constante ascender.

Em “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”, o eu lírico, ao louvar a sapiência de seu interlocutor, prova, mais uma vez, que Sor Juana é merecedora do epíteto: Sor Juana, a erudição em pessoa. O eu lírico prova que Sor Juana não somente era perita com as palavras deitadas no papel em forma de carta, como também o era em forma de poesia. Assim, ela mostrou que sabia exercer a crítica por meio dos dois gêneros literários. Sor Juana, nesse poema, à semelhança da carta, defendeu a liberdade das mulheres quando, novamente, exalta algumas delas: Corina, Minerva, Cenobia. Desprezou o adorno exterior. Exercitou a reflexão ao afirmar, ironicamente, que seus poemas, comparados com os poemas de Veiga, não passavam de delírios disformes. Provou que teve acesso aos textos que marcaram a história da intelectualidade humana e que esses textos apresentavam inúmeras mulheres participando ativamente na produção dos saberes.

Percorremos o caminho proposto para nosso estudo e tentamos, de alguma forma, inserir o leitor e a leitora no ambiente da discussão. Explicitamos os obstáculos que procuravam abafar a voz feminina no Vice-Reinado da Nova Espanha, conjecturamos a respeito das causas prováveis da polêmica, analisamos os objetos que geraram a polêmica – o Sermão do Mandato e a Carta Atenagórica –, apresentamos a Carta de Sor Filotea e analisamos a Carta “Respuesta” e os quatro poemas mencionados.

Além disso, mostramos que Sor Juana, por meio da Carta Atenagórica, provou que era possível construir um texto diferente daquele escrito por Vieira, o Sermão do Mandato; provamos que a Carta de Sor Filotea de La Cruz nada mais foi que uma tentativa de silenciar aquela que nasceu para denunciar; alcançamos nosso desígnio ao analisarmos a Carta “Respuesta” e mostrarmos que, em última instância, ela é uma defesa da liberdade de pensar do gênero feminino.

Analisamos também os poemas “En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?”, “¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama”, “Hombres necios que acusáis” e “¡Válgame Dios! ¿Quién pensara”, podendo, enfim, concluir e comprovar que a Carta “Respuesta” não é apenas um texto que surge por causa de uma circunstância histórica pessoal: ela, Sor Juana, expressa, nessa carta, idéias que já havia sustentado, pelo menos nesses quatro poemas analisados.

Afirmamos que tanto a Carta “Respuesta”, como os quatro poemas possuem conteúdos, notadamente, filosóficos e que as ideias que Sor Juana Inés de La Cruz

defendeu diante dos doutos da Igreja Católica, desde sempre, estiveram grafadas em suas produções, fossem elas profanas ou sagradas.

Chegamos ao final de nosso trabalho com uma certeza: nossa hipótese tornou-se fato. A Carta “Respuesta” não é só um texto que Sor Juana Inés de la Cruz escreveu por causa de uma circunstância histórica pessoal. Trata-se de um texto em que ela desenvolveu um conceito que já havia sustentado nas obras poéticas e ensaísticas analisadas, a saber, a liberdade de reflexão feminina. Sor Juana sustentava que as mulheres deveriam participar ativamente da produção do conhecimento, sem constrangimento de quem quer que fosse. Acreditava que a voz feminina não deveria continuar na marginalidade, não deveria continuar sendo objeto da manipulação da voz masculina.

Assim, nosso estudo ganha relevância social quando nos permite asseverar que Sor Juana Inés de la Cruz se consagra na história da saga humana como mais uma que lutou com todas as forças e com muita coragem contra a violência e a opressão exercidas sobre o gênero feminino. Violência e opressão que, ainda em nossos dias, insistem em subjugar as mulheres, persistem em fazer com que elas permaneçam à margem da sociedade. Violência e opressão que continuam, a todo custo, a silenciar a voz daquelas que nasceram para falar, daquelas que, como escreveu Marta Baião, devem gritar, devem falar mesmo sem precisar, devem falar muito, devem falar até pelos cotovelos, devem despejar sem dó tudo que calou, devem falar sem medo.

Concluimos afirmando que acreditamos que a figura histórica e literária de Sor Juana continuará merecendo inúmeros estudos críticos ao longo dos séculos vindouros em todo lugar que preza a intelectualidade. O que aqui registramos é apenas o princípio dessa longa caminhada, uma vez que ansiamos prosseguir em nossos estudos dessa vasta produção sorjuanina e, apenas para aguçar o leitor, informamos que, na próxima etapa, nos debruçaremos sobre as peças teatrais escritas por ela, Sor Juana Inés de la Cruz.

BIBLIOGRAFIA

ALATORRE, Antonio. Para leer la fama y obras póstumas de Sor Juana, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, v. XXXV, 1987.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de estudo pentecostal*. São Paulo: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1985.

_____. *Bíblia Sagrada*. 2. ed. rev. e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

_____. *Bíblia de estudo de Genebra*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

_____. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

AQUINO, Tomás. *Tomás de Aquino*. Trad. Luís J. Baraúna et al. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

BERKHOF, Louis. *Historia de las doctrinas cristianas*. Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1995.

_____. *Teologia sistemática*. 2. ed. Trad. Adayr Olivetti. Campinas: Luz para o caminho, 1992.

BEUCHOT, Mauricio. *Sor Juana: una filosofía barroca*. 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=13769&portal=0>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

COMISIÓN NACIONAL EDITORIAL. *Sor Juana Inés de la Cruz: sonetos e endechas*. Barcelona: Labor, 1980.

DEISS, Lucien. *A ceia do Senhor: eucaristia dos cristãos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

DESCARTES. *Discurso do método. As paixões da alma. Meditações. Objeções e resposta*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

EBERT, Maristela Rempel. O papel das mulheres no mundo greco-romano. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 63, ago 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/063/63ebert.htm>>. Acesso em: 21 set. 2010.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

HARRIS, R. et al. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HODGE, Archibald Alexander. *Esboços de teologia*. São Paulo: PES, 2001a.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001b.

LOCKE, Jonh Locke. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores).

MIGNOLO, Walter. *Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa*. CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. Trad. Joyce Rodrigues Ferraz. São Paulo: Edusp, 1993.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. 2. ed. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. *Santo Agostinho*. Tradução de J. Oliveira Santos et al. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).
- ALONSO, Dámaso. *Sor Juana Inés de la Cruz: obras selectas*. Barcelona: Editorial Noguer, 1976.
- AQUINO, Tomás. *Tomás de Aquino*. Trad. Luís J. Baraúna et al. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.
- _____. *Aristóteles. Organon*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.
- BARRETO, Teresa Cristófani. *Sor Juana Inés de la Cruz: letras sobre o espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- BEUCHOT, *Mauricio*. *Sor Juana: una filosofía barroca*. 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=13769&portal=0>>. Acesso em: 29 mar. 2010.
- BOIXO, José Carlos González. *Sor Juana Inés de la Cruz: poesía lírica*. 5. ed. Madri: Cátedra, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. *A interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- _____. *O estudo analítico do poema*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- FALERO, Demétrio de. *Sobre o estilo*. Trad. Bianca Ribeiro Manfrini. Cambridge: Havard University, 1973.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 2. ed. Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernandez Cascais. Portugal: Vega, 1992.
- FRANCO, Jean. *Las conspiradoras: la representación de la mujer en México*. México: El Colegio de México, 1994.
- GALINDO, L. Ortega. *Sor Juana Inés de la Cruz: selección*. Madri: Editora Nacional, 1978.

GARFIELD, Evelyn Picon; SCHULMAN, Ivan A. *Las literaturas hispánicas: introducción a su estudio*. 1992. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=DS777KWGs9cC&pg=PA49&lpg=PA49&dq=evelyn+picon+garfield+Y+para+no+buscar+ejemplos+fuera+de+casa,+veo+una+sant%C3%ADsima+madre+m%C3%ADa,+Paula,+docta+en+las+lenguas+hebraea,+griega+y+latina+y+apt%C3%ADsima+para+interpretar+las+Escrituras.&source=bl&ots=d_VL81YnmC&sig=8cNH5YFnTSY898YBqESmeoHZ3QU&hl=pt-BR&ei=GTEUTMaMCMP98AaHIMmNCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q=Y%20para%20no%20buscar%20ejemplos%20fuera%20de%20casa%2C&f=false>. Acesso em: 26 maio 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia das letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*. GOMES A. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. São Paulo: FGV, 2004.

GOMES, Eugênio. *Vieira: Sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

LIMA, Alessandra Carbonero. *Exempla Romanos: homens de "gloria" e mulheres de "honor"*. 2006. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand12/ale.htm>>. Acesso em: 26 maio 2010.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

MORA, Guilherme Schmidhuber de La. *Segundo tomo de las obras de Sor Juana Inés de la Cruz: la segunda Celestina*. México: Frente de Afirmación Hispanista, 1995.

MORAES, Marcos Antonio de. *Correspondências de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. Barcelona: Seix Barral, 1982.

PÉCORA, Alcir (Org.). *Sermões: Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Hedra, 2003, v. II.

PLANCARTE, Alfonso Méndez. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz: Lirica Personal*. Mexico: Fondo de cultura economica, 1988, v. I. p. 277-278, soneto 146.

_____. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz: villancicos y letras sacras*. Toluca: Instituto Mexiquense de Cultura, 1995, v. II.

PRÉ-SOCRÁTICOS. *Pré-Socráticos*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

RIVERS, Georgina Sabat. *El "Sueño" de Sor Juana Inés de la Cruz: tradiciones literarias y originalidad*. 2006. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/132504.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

RIVERS, Georgina Sabat. *El "Sueño" de Sor Juana Inés de la Cruz: tradiciones literarias y originalidad.* 2006. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/132504.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

_____. *Estudios de literatura hispanoamericana: Sor Juana Inés de la Cruz y otros poetas barrocos de la Colonia.* 1992. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=14515&portal=0>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

RUBIN, Harriet. *A princesa: Maquiavel para mulheres.* Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SALAS, Francisca Chica. *Sor Juana Inés de la Cruz: poesías escogidas.* 2. ed. Buenos Aires: Angel Estrada y Cia, s/d.

SOUSA, Maria do Rosário Abreu. *Olhares viajantes: pai João, mãe Cecília.* São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

SOUZA, Ailton. *Sor Juana Inés de la Cruz: filósofa hispânica do século de ouro.* São Paulo: Revista Pandora, 2010. ISSN 2175-3318. http://revistapandora.sites.uol.com.br/mujer_poesia/sor_juana.htm

TORREGO, Leonardo Gómez. *Gramática didáctica del español.* Madri: Ediciones SM, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA ATENAGÓRICA. ALONSO, Dámaso. *Sor Juana Inés de la Cruz: obras selectas*. Barcelona: Editorial Noguer, 1976, p. 733-763.

Carta de la Madre Juana Inés de la Cruz, religiosa del convento de San Jerónimo de la ciudad de Méjico, en que hace juicio de un sermón del Mandato que predicó el Reverendísimo P. Antonio de Vieyra, de la Compañía de Jesús, en el Colegio de Lisboa.

Muy Señor Mío: De las bachillerías de una conversación, que en la merced que V. md. me hace pasaron plaza de vivezas, nació en V. md. el deseo de ver por escrito algunos discursos que allí hice de repente sobre los sermones de un excelente orador, alabando algunas veces sus fundamentos, otras disintiendo, y siempre admirándome de su sinigual ingenio, que aun sobresale más en lo segundo que en lo primero, porque sobre sólidas basas no es tanto de admirar la hermosura de una fábrica, como la de la que sobre flacos fundamentos se ostenta lucida, cuales son algunas de las proposiciones de este sutilísimo talento, que es tal su suavidad, su viveza y energía, que al mismo que disiente, enamora con la belleza de la oración, suspende con la dulzura y hechiza con la gracia, y eleva, admira y encanta con el todo.

De esto hablamos, y V. md. gustó (comg ya dije) ver esto escrito; y porque conozca que le obedezco en lo más difícil, no sólo de parte del entendimiento en asunto tan arduo como notar proposiciones de tan gran sujeto, sino de parte de mi genio, repugnante a todo lo que parece impugnar a nadie, lo hago; aunque modificado este inconveniente, en que así de lo uno como de lo otro, será V. md. solo el testigo, en quien la propia autoridad de su precepto honestará los errores de mi obediencia, que a otros ojos pareciera desproporcionada soberbia, y más cayendo en sexo tan desacreditado en materia de letras con la común acepción de todo el mundo.

Y para que V. md. vea cuán purificado va de toda pasión mi sentir, propongo tres razones que en este insigne varón concurren de especial amor y reverencia mía. La primera es el cordialísimo y filial cariño a su Sagrada Religión, de quien, en

el afecto, no soy menos hija que dicho sujeto. La segunda, la grande afición que este admirable pasmo de los ingenios me ha siempre debido, en tanto grado que suelo decir y lo siento así), que si Dios me diera a escoger talentos, no eligiera otro que el suyo. La tercera, el que a su generosa nación tengo oculta simpatía. Que juntas a la general de no tener espíritu de contradicción sobran para callar (como lo hiciera a no tener contrario precepto); pero no bastarán a que el entendimiento humano, potencia libre y que asiente o disiente necesario a lo que juzga ser o no ser verdad, se rinda por lisonjear el comedimiento de la voluntad.

En cuya suposición, digo que esto no es replicar, sino referir simplemente mi sentir; y éste, tan ajeno de creer de sí lo que del suyo pensó dicho orador diciendo que nadie le adelantaría (proposición en que habló más su nación, que su profesión y entendimiento), que desde luego llevo pensado y creído que cualquiera adelantará mis discursos con infinitos grados.

Y no puedo dejar de decir que a éste, que parece atrevimiento, abrió él mismo camino, y holló él primero las intactas sendas, dejando no sólo ejemplificadas, pero fáciles las menores osadías, a vista de su mayor arrojo. Pues si sintió vigor en su pluma para adelantar en uno de sus sermones (que será solo el asunto de este papel) tres plumas, sobre doctas, canonizadas, ¿qué mucho que haya quien intente adelantar la suya, no ya canonizada, aunque tan docta? Si hay un Tulio moderno que se atreva a adelantar a un Augustino, a un Tomás y a un Crisóstomo, ¿qué mucho que haya quien ose responder a este Tulio? Si hay quien ose combatir en el ingenio con tres más que hombres, ¿qué mucho es que haya quien haga cara a uno, aunque tan grande hombre? Y más si se acompaña y ampara de aquellos tres gigantes, pues mi asunto es defender las razones de los tres Santos Padres. Mal dije. Mi asunto es defenderme con las razones de los tres Santos Padres. (Ahora creo que acerté.)

Y entrando en él, digo que seguiré en la respuesta el método mismo que siguió el orador en el sermón citado, que es del Mandato; y es en esta forma:

Habla de las finezas de Cristo en el fin de su vida: in finem dilexit eos (Ioan. 13 cap&); y propone el sentir de tres Santos Padres, que son Augustino, Tomás y Crisóstomo, con tan generosa osadía, que dice: "El estilo que he de guardar en este discurso será éste: referiré primero las opiniones de los Santos, y después diré también la mía; mas con esta diferencia: que ninguna fineza de amor de Cristo dirán los Santos, a que yo no dé otra mayor que ella; y a la fineza de amor de Cristo que

yo dijere, ninguno me ha de dar otra que la iguale". Éstas son sus formales palabras, ésta su proposición, y ésta la que motiva la respuesta.

La opinión primera es de Augustino, que siente que la mayor fineza de Cristo fue morir, probándolo con el texto: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* (Ioan. 15 cap. I.)

Dice este orador que mayor fineza fue en Cristo ausentarse que morir. Pruébalo por discurso: porque Cristo amaba más a los hombres que a su vida, pues da la vida por ellos; luego más fineza es ausentarse que morir. Pruébalo con el texto de la Magdalena, que llora en el Sepulcro y no al pie de la Cruz; porque aquí ve a Cristo muerto y allí ausente, y es mayor dolor la ausencia que la muerte. Pruébalo más, con que Cristo no hace demostraciones de sentimiento en la Cruz cuando muere: *Inclinato capite emisit spiritum* y las hace en el Huerto, porque se aparta: *factus in agonia*, porque le es más sensible la ausencia que la muerte. Pruébalo con que, pudiendo Cristo resucitar al segundo instante que murió y sacramentarse después de la Resurrección --que lo primero era el remedio de la muerte y lo segundo de la ausencia--, dilata el remedio de la muerte hasta el tercero día, y el de la ausencia no sólo no lo dilata, sino que le anticipa, sacramentándose el día antes de morir; luego siente más Cristo la ausencia que la muerte.

Prueba más. Dice que Cristo murió una vez y se ausentó una vez; pero que a la muerte no le dio más que un remedio, resucitando una vez, mas que a la ausencia le buscó infinitos, sacramentándose. Y así, a la muerte dio una resurrección por remedio; pero por una ausencia multiplica infinitas presencias. Luego siente más la ausencia que la muerte. Dice más: que siente Cristo tanto más la ausencia que la muerte, que --siendo así que el Sacramento de la Eucaristía, en cuanto sacramento, es presencia, y en cuanto sacrificio es muerte, en que muere Cristo tantas veces cuantas se hace presente-- no repara en que cada presencia le cuesta una muerte. De manera que siente tanto más Cristo el ausentarse que el morir, que se sujetó a una perpetuidad de muerte por no sufrir un instante de ausencia. Luego fue mayor fineza ausentarse que morir.

Éstas son, en substancia, sus razones y pruebas, aunque por no dilatarme las estrecho a la tosquedad de mi estilo, en que no poco pierden de su energía y viveza; y será preciso hacerlo así en todos los discursos, pues V. md. los podrá leer despacio en el mismo autor a que me refiero, y esto no es más que unos apuntamientos o reclamos para dar claridad a la respuesta, que es ésta:

Siento con San Agustín que la mayor fineza de Cristo fue morir. Pruébese por discurso: Porque lo más apreciable en el hombre es la vida y la honra, y ambas cosas da Cristo en su afrentosa muerte. En cuanto Dios, ya había hecho con el hombre finezas dignas de su Omnipotencia, como fue el criarle, conservarle, etc.; pero en cuanto hombre, no tiene más que poder dar, que la vida. Pruébese no sólo con el texto: *Maiorem hac dilectionem*, etc., el cual se puede entender de otros amores; sino con otros infinitos. Sea uno el en que Cristo dice que es buen Pastor: *Ego sum pastor bonus. Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis*, donde Cristo habla de sí mismo y califica su fineza con su muerte. Y siendo Cristo quien solo sabe cuál es la mayor de sus finezas, claro es que cuando se pone a ejecutarlas Él mismo, a haber otra mayor, la dijera; y no ostenta para prueba de su amor más que la prontitud a la muerte. Luego es la mayor de las finezas de Cristo.

Más. Dos términos tiene una fineza que la pueden constituir en el ser de grande: el término a quo, de quien la ejecuta\$ y el término ad quem, de quien97la logra. El primero hace grande una fineza, por el mucho costo que tiene al amante; el segundo, por la mucha utilidad que trae al amado.

Hay muchas finezas que tienen el un término, pero carecen del otro. Sea ejemplo de las primeras Jacob sirviendo catorce años. ¡Oh qué trabajos! ¡Oh qué hielos! ¡Oh qué soles! Gran fineza de parte de Jacob. Pero veamos qué utilidad trae eso a Raquel (que es el otro término). Ninguna: pues el tener esposo, sin esas diligencias lo lograría su belleza. Esta fineza tiene sólo el término a quo. Sea ejemplo de las segundas, Ester, elevada al trono real en lugar de la reina Vasti. ¡Gran dicha, por cierto! ¡Gran ventura! ¡Grande utilidad para Ester! Pero veamos el otro término. ¿Qué costo le tiene a Asuero esa fineza? Ninguno: sólo querer. Esta fineza tiene sólo el término ad quem. Luego para ser del todo grande una fineza ha de tener costos al amante y utilidades al amado. Pues pregunto, ¿cuál fineza para Cristo más costosa que morir? ¿Cuál más útil para el hombre que la Redención97que resultó de su muerte? Luego es, por ambos términos, la mayor fineza morir.

Encarna el Verbo, y mide por nuestro amor la inmensa distancia de Dios a hombre; muere, y mide la limitada que hay de hombre a muerte. Y siendo así que aquella es mayor distancia, cuando nos representa sus finezas y nos recomienda su memoria, no nos acuerda que encarnó y nos representa que murió: *Hoc est Corpus*

meum, quod pro vobis tradetur; hoc facite in meam commemorationem. Pues ¿no nos podía decir Cristo: éste es mi Cuerpo, que por vuestro amor le tomé y me hice hombre? No, que la Encarnación no le fue penosa, ni obró luego nuestra redención; y quiere Cristo acordarnos su costo y nuestra utilidad, que son los dos términos que hacen perfecta una fineza, y que sólo comprende su Muerte, que es la mayor de sus finezas.

Porque la Encarnación fue mayor maravilla, pero no fue tan grande fineza: pues en cuanto a maravilla, mayor maravilla fue hacerse Dios hombre, que morir siendo hombre; pero en cuanto a fineza, mayor costo le tuvo morir que encarnar, porque en encarnar no perdió nada del ser de Dios cuando se hizo Cristo, y en morir dejó de ser Cristo, desuniéndose el cuerpo del alma, de que se hacía Cristo. Luego fue mayor fineza el morir.

Y parece que el mismo Señor lo reguló así. Pruébese por discurso. Todos aquellos que se eligen por medios para algún fin, se tienen por de menor aprecio que el fin a que se dirigen. La Encarnación fue medio para la muerte, pues Cristo se hizo hombre para morir por el hombre; conque fue mayor fineza morir que encarnar, aunque sea mayor maravilla encarnar que morir. Luego morir fue la mayor fineza en la graduación del mismo Cristo, siendo su Majestad quien únicamente las sabe graduar. Por eso al expirar Cristo dice: Consummatum est, porque el expirar fue la consumación de sus finezas.

Compra Cristo (dice el autor) cada presencia con una muerte en el Sacramento; yo entiendo que compra la muerte con la presencia, pues tiene la presencia por acordarnos su muerte: Quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis. Aquella fineza que el amante desea que se imprima en la memoria del amado, es la que tiene por mayor. Cristo dice: Acordaos de que morí; y no dice: Acordaos de que os crié, de que encarné, de que me sacramenté, etc. Luego la mayor es morir.

Confírmase esta verdad. Aquella fineza que el amante ostenta y reitera más, tiene por la mayor. Cristo reitera su muerte, y no otra. Luego ésta fue la mayor. Y teniendo infinitos beneficios que podernos acordar, sólo nos acuerda que murió. Luego ésta es la mayor.

Más. Las demás finezas de Cristo se refieren, pero no se representan. La muerte se refiere, se recomienda y se representa. Luego no sólo es la mayor fineza, pero es compendio de todas las finezas. Pruébolo. Cristo en su muerte nos repite el

beneficio de la Creación, pues nos restituye con ella al primitivo ser de la gracia. Cristo con su muerte nos reitera el de la Conservación, pues no sólo nos conserva vida temporal, muriendo porque vivamos, sino que nos da su Carne y Sangre por sustento. Cristo en su muerte nos reitera el beneficio de la Encarnación, pues uniéndose en la Encarnación a la carne purísima de su madre, en la muerte se une a todos, derramando en todos su sangre. Sólo el Sacramento parece que no se representa en la muerte: y es porque el Sacramento es la representación de su muerte. Y esto mismo prueba ser la mayor fineza la muerte: pues siendo tan grande fineza el Sacramento, es sólo representación de la muerte.

Pues en verdad que hasta ahora no hemos respondido al autor, sino sólo defendido el sentir de Augustino, de que la mayor fineza de Cristo fue morir. Vamos a las razones del autor, pues ya dejamos dichos sus fundamentos. A que, desde luego, le concedemos que Cristo amó más a los hombres que a su vida, pues la dio por ellos. Pero le negamos el supuesto de que Cristo se ausentó; y dado que se ausentase, negamos también el que la ausencia sea mayor dolor que la muerte.

Vamos a lo primero que es probar que Cristo no se ausentó. Sirva de prueba, al mío, su propio argumento. Si dice que Cristo Siente tanto el ausentarse y tan poco el morir, que dilata el remedio de la muerte en la Resurrección hasta el tercero día y anticipa el de la ausencia en el Sacramento, ¿por qué suda en el Huerto: factus est sudor eius? ¿Por qué agoniza de congoja: factus in agonia? ¿Porque se ausenta, si queda ya presente Sacramentado en el Cenáculo? Y si remedia la ausencia antes que llegue, ¿cuál ausencia es la que siente, ya remediada? Luego la agonía no es de que se aparta quien deja ya asegurado el que se queda. Luego, de todo esto, se infiere que el ausentarse no sólo no se debe contar por la mayor fineza de Cristo, pero ni por fineza, pues nunca llegó el caso de ejecutarla. Dice el autor que Cristo se va porque nos importa: *Expedit vobis ut ego vadam*. Es verdad que se va, pero es falso que se ausenta. No gastemos tiempo: ya sabemos la infinidad de sus presencias.

Probado el que Cristo no se ausentó, no sirve la prueba de la Magdalena para esta conclusión, pues sólo sirviera suponiendo el autor la ausencia que yo niego. Y mi argumento es que la muerte de Cristo fue la mayor fineza de las finezas que obró: no de la supuesta ausencia, que en ésta niego todo el supuesto y no hay relativo de comparación entre lo que tiene ser y lo que no le tiene. Pero porque propuse probar que no es la ausencia mayor dolor que la muerte, y por consiguiente, ni mayor

fineza, sino al contrario, será preciso responder a la prueba de la Magdalena. Y así digo: que de llorar la Magdalena en el sepulcro y no llorar al pie de la Cruz, no se infiere que sea mayor dolor el de la ausencia que el de la muerte; antes lo contrario.

Pruébolo. Cuando se recibe algún grande pesar, acuden los espíritus vitales a socorrer la agonía del corazón que desfallece; y esta retracción de espíritus ocasiona general embargo y suspensión de todas las acciones y movimientos, hasta que, moderándose el dolor, cobra el corazón alientos para su desahogo y exhala por el llanto aquellos mismos espíritus que le congojan por confortarle, en señal de que ya no necesita de tanto fomento como al principio. De donde se prueba, por razón natural, que es menor el dolor cuando da lugar al llanto, que cuando no permite que se exhalen los espíritus porque los necesita para su aliento y confortación.

Pruébese con que este mismo efecto suele ocasionar un gozo; luego no son indicio de muy grave dolor las lágrimas, pues es un signo tan común, que indiferentemente sirven al pesar y al gusto.

A dos hombres gradúa Cristo con el dulce título de amigos. El uno es Lázaro: Lazarus amicus noster dormit. El otro es Judas: Amice, ad quid venisti? Suceden, a los dos, dos infortunios: muere Lázaro muerte temporal; muere Judas muerte temporal y eterna. Bien claro se ve que ésta sería más sensible para Cristo; y vemos que llora por Lázaro: lacrymatus est Iesus, y no llora por Judas: porque aquí el mayor dolor embargó al llanto, y allí el menor le permitía.

La Reina de los Dolores para serlo también de los méritos, se halla al doloroso espectáculo de la muerte de su Unigénito; y cuando lloran con tan distante conocimiento las hijas de Sión, no llora la traspasada Madre: Stantem video, flentem non video. Porque el inferior dolor, llora; el supremo, suspende y no deja llorar.

Dentro del mismo caso de la Magdalena hallaremos otra prueba. No hay duda que la Magdalena amó mucho a Cristo; el mismo Señor lo testifica: Remittuntur ei peccata multa, quia dilexit multum. Pues siendo este amor tan meritorio, claro está que sería perfecto; y el perfecto, claro está que es amar a Dios sobre todas las cosas. Luego amaba la Magdalena más a Cristo que a Lázaro su hermano. Pues ¿cómo llora en la muerte de su hermano: ut vidit eam Iesus flentem, etc., y no llora en la muerte de Cristo? Es porque tuvo menor dolor en la muerte de Lázaro que en la muerte de su Maestro. Luego se prueba ser mayor dolor el que no deja llorar, que el que llora.

Pruébolo más. ¿Qué dolor hay en la ausencia, sino una carencia de la vista de lo que se ama? Pues éste, claro está que le tiene la muerte más circunstanciado: porque da ausencia trae una carencia limitada; la muerte, una carencia perpetua. Luego es mayor dolor el de la muerte que el de la ausencia, pues es una mayor ausencia.

Aprieto más. El ausente siente sólo no ver lo que ama, pero ni siente otro daño en sí, ni en lo que ama; el que muere, o ve morir, siente la carencia y siente la muerte de su amado, o siente la carencia de su amado y la muerte propia. Luego es mayor dolor la muerte que la ausencia: porque la ausencia es sólo ausencia; la muerte, es muerte y es ausencia. Luego, si la comprende con aditamento, mayor dolor será.

Vamos al segundo sentir, que es de Santo Tomás. Dice este Angélico Doctor que la mayor fineza de Cristo fue el quedarse con nosotros Sacramentado, cuando se partía a su Padre glorioso. (Ajustadme esto con aquella tan ponderada ausencia del discurso pasado.) Vamos al caso.

Dice este sutilísimo ingenio, que no fue la mayor fineza de Cristo sacramentarse, sino quedar en el Sacramento sin uso de sentidos. Pruébalo con el lugar de Absalón, cuando vuedto de Gesur a la Corte y no entEramente reducido a la gracia de David, quería más la muerte que tan penosa ausencia. Allá verá V. md. en el sermón lo elegante de esta prueba; que a mí me importa, primero, averiguar la forma de este silogismo, y ver cómo arguye el Santo y cómo replica el autor.

El Santo dice: Sacramentarse fue la mayor fineza de Cristo. Replica el autor: No fue, sino quedar sin uso de sentidos en ese Sacramento. ¿Qué forma de argüir es ésta? El Santo propone en género; el autor responde en especie. Luego no vale el argumento. Si el Santo hablara de una de las especies infinitas de finezas que se encierran en aquel erario riquísimo del Divino Amor debajo de los accidentes de pan, fuera buena la oposición; pero si las comprende todas en la palabra Sacramentarse, ¿cómo le responde oponiéndole una de las mismas finezas que el Santo comprende?

Si uno dijese que la más noble categoría era la de substancia, y otro le replicase que no, sino el hombre, aunque para esto trajese muy elegantes pruebas (cuales son las que trae el autor) ¿no diríamos que no servían, porque era sofisticado el argumento y pecaba en la forma, pues el hombre es especie del género substancia y está comprendido debajo de ella? Claro está. Pues así juzgo yo éste, si

no es que me engaño: que bien podrá ser, pero lo que aseguro es que no será por pasión. Véalo V. md.; que yo me sujeto en esto (como en todo) a su corrección.

Paréceme que quitadas las primeras basas sobre que estribaba la proposición, cae en tierra el edificio de las pruebas: que cuanto eran más fuertes, tanto son más prontas al precipicio, saliendo flaco el fundamento.

Ya pienso que he satisfecho, en lo que toca a la defensa de Santo Tomás, cuya proposición abraza y comprende todas las finezas Sacramentales. Pero si yo hubiera de argüir de especie a especie con el autor dijera: que de las especies de fineza que Cristo obró en el Sacramento, no es la mayor el estar sin uso de sentidos, sino estar presente al desaire de las ofensas.

Porque privarse del uso de los sentidos, es sólo abstenerse de las delicias del amor, que es tormento negativo; pero ponerse presente a las ofensas, es no sólo buscar el positivo de los celos, pero (lo que más es) sufrir ultrajes en el respeto. Y es ésta tanto mayor fineza que aquélla, cuanto va de un amor agraviado a un amor reprimido; y lo que dista el dolor de un deleite que no se goza, a una ofensa que se tolera, dista el de privarse de los sentidos al de hacer cara a los agravios. No ver lo que da gusto, es dolor; pero mayor dolor es ver lo que da disgusto.

Venden a José sus hermanos en Egipto y privan a Jacob del deleite de su vista. Atrévase Rubén a violar el lecho de su padre. ¡Grandes delitos ambos! Pero veamos los castigos que Jacob les previene. A Rubén priva de la primogenitura, expresando por causal el agravio; maldícele y quiere que no crezca: Effusus es sicut aqua, non crescas; quia ascendisti cubile patris tui, et maculasti stratum eius. ¡Bien merecida pena a su culpa! Pero, veamos, ¿qué castigo asigna a los demás por haber vendido a José? Ninguno; ni vuelve a hacer mención de tal cosa.

Pues ¿cómo? ¿Un delito tan enorme se queda así? ¿Vender a su hermano, y a un hermano tal como José, delicias y consuelo de Jacob y después amparo de todos? ¿Y esto se olvida y a Rubén castigan? Sí, que en la venta de José privaron a Jacob sólo del deleite de su amor; pero Rubén ofendió su amor y su respeto. Y es menos dolor privarse del logro del amor, que sufrir agravios del amor y del respeto. Luego es en Cristo mayor fineza ésta que aquélla. Esto he dicho de paso, que ya digo que es argumento de especie a especie, que puede hacerse al autor, no al Santo.

Vamos a la tercera, que es de San Juan Crisóstomo. Dice el Santo: que la mayor fineza de Cristo fue lavar los pies a los discípulos. Dice el autor: que no fue la mayor fineza lavar los pies, sino la causa que le movió a lavarlos.

Otra tenemos, no muy diferente de la pasada: aquélla, de especie a género; ésta, de efecto a causa. ¡Válgame Dios! ¿Pudo pasarle por el pensamiento al divino Crisóstomo, que Cristo obró tal cosa sin causa, Y muy grande? Claro está que no pudo pensar tal cosa. Antes no sólo una causa sino muchas causas manifiesta en tan portentoso efecto como humillarse aquella Inmensa Majestad a los pies de los hombres. Éste es el efecto; y con su energía, el Crisóstomo quiere que infiramos de él lo grande de las causas, sin expresarlas, porque no pudo hallar más viva expresión que referir tan humilde ministerio en tanta soberanía, como diciendo: Mirad cómo nos amó Cristo, pues se humilló a lavarnos los pies; mirad lo que deseó enseñarnos con su ejemplo, pues se abatió hasta lavarnos los pies; mirad cuánto solicitó la conversión de Judas, pues llegó a lavarle los pies. Y otras muchas más causas que el Evangelio expresa y muchas más que calla, y que el Crisóstomo incluye en aquel: Lavó los pies a sus discípulos.

Pues si el motivo de lavar los pies y la ejecución de lavarlos se han como causa y efecto, y la causa y efecto son relativos, que aquí no pueden separarse, ¿dónde está esta mayoría que el autor halla entre lavar y la causa de lavar, si sólo su diferencia es ser generante la causa y el efecto engendrado? ¿Ni cuál es la mayor fineza que da a lo que el Santo dice? Pues al fin se refunde en que Cristo se abatió a los pies de Judas, cuyo corazón era trono de Satanás, y éste es el efecto que el Santo pondera y expresa; y que la causa fue reducirle, y ésta es la causa, o una de las causas, que el Santo incluyó, refiriendo el efecto, con más misteriosa ponderación que si las expresara.

Quiere el Evangelista San Juan dar pruebas del amor del Eterno Padre y lo prueba con el efecto: Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum Unigenitum daret. Amó Dios de manera al Mundo que le dio a su hijo. Luego el efecto es el que prueba la causa. Para encender nuestros deseos en los bienes eternos, se nos dice que ni ojos vieron, ni oídos oyeron, ni corazón humano puede comprender cómo es aquella felicidad eterna. Pues ¿no fuera mejor, para excitarnos el deseo, pintarnos la Gloria? No, que lo que no cabe en las voces queda más decente en el silencio; y expresa y da a entender más un: no se puede explicar cómo es la Gloria, que un: así es la

Gloria. Así el Crisóstomo: la obra, que es exterior, expresa; la causa, la supone, y como inexplicable la deja de decir.

Para dar mayor claridad a lo dicho y apoyar más la propiedad con que habló el Santo, apuremos qué cosa es fineza. ¿Es fineza, acaso, tener amor? No, por cierto, sino las demostraciones del amor: éstas se llaman finezas. Aquellos signos exteriores demostrativos, y acciones que ejercita el amante, siendo su causa motiva el amor, eso se llama fineza. Luego si el Santo está hablando de finezas y actos externos, con grandísima propiedad trae el Lavatorio, y no la causa: pues la causa es el amor, y el Santo no está hablando del amor, sino de la fineza, que es el signo exterior. Luego no hay para qué ni por qué argüirle, pues lleva el Santo supuesto lo que después le sacan como nuevo.

Ya hemos respondido por los tres Santos. Ahora vamos a lo más arduo, que es a la opinión que últimamente forma el autor: al Aquiles de su sermón; a la que, en su sentir, tiene por la mayor fineza de Cristo, y a la que dice que "ninguno le dará otra que le iguale", que es decir que "Cristo no quiso la correspondencia de su amor para sí, sino para los hombres, y que ésta fue la mayor fineza: amar sin correspondencia".

Pruébalo con aquellas palabras: Et vos debetis alter alterius lavare pedes. De donde infiere que Cristo no quiere que le correspondamos ni que le amemos, sino que nos amemos unos a otros; y dice que es la mayor fineza de Cristo ésta, porque es fineza sin interés de correspondencia. Para esto no trae pruebas de Sagrada Escritura, porque dice que la mayor prueba de esta fineza es el carecer de pruebas, porque es fineza sin ejemplar.

Conque bien mirada la proposición, tiene dos miembros a que responder. El uno es que Cristo no quiso nuestra correspondencia. El otro, que no tiene prueba esta fineza de Cristo. Conque serán dos las respuestas. Una, probar que no sólo no fue fineza la que el autor dice; pero que fue fineza lo contrario, que es que Cristo quiere nuestra correspondencia, y que ésta es la fineza. La otra, probar que cuando supusiéramos que era fineza la que dice el autor, no le faltaran pruebas en la Sagrada Escritura, ni ejemplares donde nada falta.

Vamos a lo primero, que es probar que no fue fineza la que dice el autor, ni Cristo la hizo. El probar que Cristo quiso nuestra correspondencia y no la renunció, sino que la solicitó, es tan fácil, que no se halla otra cosa en todas las Sagradas Letras que instancias y preceptos que nos mandan amar a Dios. Ya se ve que el

primer precepto es: Diliges dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex tota mente tua. Pues ¿cómo se puede entender que Cristo no quiere nuestra correspondencia cuando con tanto aprieto la encarga y manda? Claro está que el autor sabrá esto mejor que yo, sino que quiso hacer ostentación de su ingenio, no porque sintiese que lo podría probar; pues aunque en la cláusula: et vos debetis alter alterius lavare pedes, no se expresa el amor que nos pide Cristo para sí y se expresa el que nos manda tener al prójimo, se incluye y envuelve en ella misma el amor de Dios, aunque no se expresa con mayor eficacia que el del prójimo, que se manda.

Pruébolo por razón. Manda Dios amar al prójimo y quiere que lo hagamos porque él lo manda. Luego deja supuesto que debemos amar más a Dios, pues por su obediencia hemos de amar al prójimo. Cuando se hace, por respeto de alguno, alguna acción a favor de otro, más se aprecia aquél por cuya atención se hace, que al con quien se hace.

Quiere Dios destruir al pueblo por el pecado de la idolatría. Interpónese Moisés diciendo: "O perdónales o bórrame del Libro de la Vida". Perdona Dios a aquel pueblo ingrato por esta interposición. ¿Quién quedó aquí --pregunto-- más obligado a Dios, Moisés o el pueblo? Claro está que Moisés, pues aunque el beneficio resultó en bien del pueblo y quedó muy obligado a Dios, más lo quedó Moisés, pues lo hizo Dios por su respeto. Quiere Cristo que nos amemos, pero que nos amemos en él y por él. Luego su amor es primero. Y si no, veamos cómo lleva el que nos amemos sin su respeto. Manda Cristo amar a los padres: Honora patrem tuum; manda amar al prójimo: Diliges proximum tuum, sicut te ipsum. Bien, ¿pero cómo ha de ser este amor? Anteponiendo siempre el suyo no sólo a los amores prohibidos, no sólo a los viciosos, sino a los lícitos, a los obligatorios, a los que él mismo nos manda tener, como entre el padre y el hijo, entre la mujer y el marido. Y todos los demás que Su Majestad quiere, no los quiere en no siendo por su respeto; antes los aborrece y los separa. Y si no, véase el admirable orden con que en el Evangelio nos va enseñando el modo de cumplir y de practicar aquel primer precepto: Diliges Dominum Deum tuum, etc. Ha mandado Su Majestad amar a los padres: Honora patrem tuum. Y para que no pensemos que los podemos amar más que a Dios, dice: qui amat patrem, aut matrem plus quam me, non est me dignus. Y aquí parece que se contenta Dios sólo con que no amemos más a los padres que a su Majestad. Pues no; más adelante pasa la obligación, pues hasta ahora sólo

manda no amarlos más, pero después manda aborrecerlos si son estorbo de su servicio: Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, etc. He aquí que ya nos manda aborrecer a todos los propincuos. Pues todavía falta, que aún quedamos enteros, y ni aun a nuestros miembros hemos de perdonar si importa a su servicio: Si autem manus tua, vel pes tuus scandalizat te, abscide eum, et proiice abs te. En verdad que ya ni la mano, ni el pie, ni el ojo están exentos. Pero aún hay vida; pues no, ni ésta tampoco: Qui non odit patrem suum, et matrem suam, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. ¡Válgame Dios, qué apretado precepto que no reserva ni aun la vida! Pero aún nos queda el ser. ¿Cómo? ¡Ni el ser se reserva! Oigamos: Si quis vult post me venire, abneget semetipsum. Si alguno quiere seguirme, niéguese a sí mismo. Veis ahí como nada hay reservado en importando a su servicio. Pues ¿cómo hemos de pensar que no quiere nuestro amor para sí, si vemos que los más lícitos amores nos prohíbe cuando se oponen al suyo? Y no como quiera, sino que les hace guerra a sangre y fuego: ego veni ignem mittere in terram; y en otra parte: non veni mittere pacem in terram, sed gladium. Veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam, et nurum adversus socrum suam; et inimici hominis, domestici eius. En que es para mí muy notable la circunstancia de decir Cristo que viene a apartar la nuera de la suegra y a hacer a los criados enemigos de su dueño. Pues, Señor, ¿qué necesidad hay de que vos los apartéis y enemistéis? ¿Ellos no se están separados y enemistados? Apartar al padre del hijo y a la hija de la madre, al marido de la mujer, al hermano del hermano, bien está, porque todos éstos se aman; pero ¿a la nuera de la suegra, a los criados del amo? No lo entiendo; porque ¿qué nuera no aborrece a su suegra, qué criado No es necesario enemigo de su dueño? Pues ¿qué necesidad hay de separarlos si ellos lo están? Ése es el mayor aprieto del precepto: que habiendo tan pocas excepciones de buenos criados y nueras amantes de suegras, no obstante los comprende, porque los pocos que suele haber de esta línea no se tengan por exentos del precepto (que ya vimos un Eliezer fiel criado de Abraham y una Rut amante de su suegra Noemí), porque es Dios muy celoso de lo que toca a este punto de la primacía de su amor y así apenas se halla plana sagrada en que no le repita: Ego sum Dominus Deus tuus fortis, zelotes. Yo soy tu Señor y Dios fuerte y celoso. Y hace de manera ostentación de su amor en sus celos que, después de haber hecho varias amenazas a la Sinagoga por

sus maldades, la última y más terrible es: Auferam a te zelum meum. Como si le dijera: pues con tantos beneficios no te quieres reducir, ni con tantos castigos te quieres enmendar, yo ejecutaré en ti el mayor de todos. ¿Y cuál es, Señor? ¿Cuál? Auferam a te zelum meum: quitaré de ti mis celos, que es señal de que quito de ti mi amor.

Quiere Dios examinar la fe del patriarca Abraham y mándale sacrificar a Isaac, su hijo. Ahora reparo yo: ¿por qué es Isaac el señalado; no era hijo también Ismael?

Y si el sacrificio había de ser de un hijo, ¿no bastaba que fuese Ismael, o al menos que Dios le dijera: Sacríficame uno de tus hijos, sin señalar cuál, y dejar libre la elección a su padre? Pues ¿por qué nombra a Isaac? Atiéndase a las palabras: Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac, et sacrifica mihi illum, etc. ¿Así que el querido es Isaac? Pues sea Isaac el sacrificado; que parece que está Dios celoso de que sea Isaac tan amado de su padre, y quiere probar cuál amor puede más con Abraham, si el suyo o el del hijo.

Más. Bien sabemos que Dios sabía lo que Abraham había de hacer y que le amaba más a él que a Isaac; pues ¿para qué es este examen? Ya lo sabe, pero quiere que lo sepamos nosotros, porque es Dios tan celoso, que no sólo quiere ser amado y preferado a todas las cosas, pero quiere que esto conste y lo sepa todo el mundo; y para esto examina a Abraham. De todo esto juzgo que se puede conocer el grande aprieto con que Cristo pide nuestro amor y que cuando manda que nos amemos, es siendo su Majestad el medio de este amor. De manera que para amarnos unos a otros ha de ser Su Majestad el medio y la unión. Y nadie ignora que el medio que une dos términos, se une él más estrecha e inmediatamente con ellos, que a ellos entre sí. Cristo se pone por medio y unión: luego quiere que le amemos, cuando manda que amemos al prójimo.

Dice más Cristo: que su precepto es que amemos al prójimo como su Majestad nos ama: Hoc est praeceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos. Aquí sólo manda que nos amemos unos a otros. Pero para poder cumplir nosotros este precepto, ¿qué disposición hemos menester? El mismo Cristo la enseña: Qui diligit me, mandatum meum servabit; y el evangelista San Juan, en la Epístola I, capítulo 5, dice: Haec est enim charitas Dei, ut mandata eius custodiamus. Luego para cumplir el precepto de amar al prójimo hemos de amar primero a Dios. Si Cristo (como dice en otro sermón el mismo autor) se llama Vid y a nosotros Sarmientos:

Ego sum vitis, vos palmitis, y los sarmientos primero se unen a la vid que ellos entre sí; luego quiere Cristo, luego solicita Cristo, luego manda Cristo que le amemos.

Creo que me he alargado superfluamente en lo que por sí está tan claro; pero eso mismo causa el que ocurra tanto que decir en la materia, que se trabaja más en dejarlo que en ponerlo. De lo dicho juzgo que sale por legítima consecuencia que Cristo no hizo por nosotros la fineza que el autor supone de no querer correspondencia.

Podránme replicar que si hay fineza que sea digna de tal nombre que Cristo dejase de hacer por nosotros con su inmenso amor. Y diré yo que sí hay, porque hay finezas que les ocasiona a serlo nuestra limitada naturaleza; y éstas no hizo Cristo, porque no eran conformes a su perfección infinita, ni decentes a su inmensa Majestad, ni a la dignidad y soberanía suya. Verbi gratia: Los justos hacen por Cristo algunas finezas que Cristo no hizo por ellos, como es resistir tentaciones luchando con nuestra naturaleza, que coquinada con el pecado, está propensa al mal, y a más de esto, el temor y peligro de ser de ellas vencido y pelear con incertidumbre de la victoria o la pérdida. Ninguna de estas dos especies de finezas pudo hacer Cristo, pues ni pudo ser tentado ni menos temer peligros de pecar. Pues aunque su Majestad fue llevado al desierto, ut tentaretur a diabolo, bien saben los doctos cómo se entiende este lugar, y lo explica el glorioso doctor San Gregorio sobre el mismo, diciendo que la tentación es en tres maneras: por sugestión, delectación o consentimiento.

Del primer modo --dice-- solamente pudo Cristo ser tentado del Demonio. Porque nosotros, cuando somos tentados, las más veces caemos o en el consentimiento o en la delectación, o podemos, al menos, caer en una de las dos cosas o en ambas; porque como hijos de pecado y concebidos ef él, tenemos en nosotros mismos la semilla de la culpa, que es el fomes peccati que nos inclina a pecar. Pero Cristo, nacido de madre virgen y por concepción milagrosa, era impecable; por lo cual no pudo sentir en sí ninguna repugnancia ni contradicción al obrar bien, y así sólo pudo ser tentado por sugestión, que es una tentación extrínseca y que estaba muy lejos de su mente y no le podía inclinar, ni hacer guerra ninguna. Y no teniendo ni la lucha ni el riesgo, no pudo hacer la fineza de resistir ni temer el riesgo de pecar. Por lo cual dice el Apóstol: *adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea pro corpore eius, quod est Ecclesia.* ¿Pues cómo, si fue copiosa la Redención: *copiosa apud eum redemptio*, dice San Pablo que añade

o que llena la pasión de Cristo? ¿A la Pasión pudo faltarle algo? ¿Qué hizo San Pablo que no hizo Cristo? El mismo Apóstol lo dice: *Datus est mihi stimulus carnis meae angelus Satanae, qui me colaphizet*. Esto es lo que faltó a la pasión de Cristo: luchar con tentaciones y temer peligros de pecar; y esto es lo que dice San Pablo que llena la pasión de Cristo; y éstas son las finezas que no pudo hacer Cristo y podemos hacer nosotros.

Pues así, el no querer correspondencia fuera fineza en un amor humano, porque fuera desinterés; pero en el de Cristo no lo fuera, porque no tiene interés ninguno en nuestra correspondencia. Pruébolo. El amor humano halla en ser correspondido, algo que le faltara si no lo fuera, como el deleite, la utilidad, el aplauso, etc. Pero al de Cristo nada le falta aunque no le correspondamos. En sí y consigo se tiene todos sus deleites, todas sus riquezas y todos sus bienes. Luego nada renunciara si renunciara nuestra correspondencia, pues nada le añade; y el renunciar lo que era nada no era ninguna fineza; y como no era fineza en Cristo, por eso no la hace Cristo por nosotros. En el libro de Job, al capítulo XXXV, se lee, hablando de la soberanía con que Dios no nos ha menester: *Porro si iuste egeris, quid donabis ei, aut quid de manu tua accipiet? Homina, qui similis tui est, nocebit Impietas tua; et filium hominis adiuuabit iustitia tua*. De donde sale claro que nosotros necesitamos de correspondencias porque nos traen utilidades, y por tanto fuera fineza y muy grande el renunciarlas. Pero en Cristo que no le resulta ninguna de nuestra correspondencia, no fuera fineza el no quererla. Y por eso, como ya dije, no la hace Cristo por nosotros; y antes hace lo contrario, que es solicitar nuestra correspondencia sin haberla menester, y ésta es la fineza de Cristo.

Es el amor de Cristo muy al revés del de los hombres. Los hombres quieren la correspondencia porque es bien propio suyo; Cristo quiere esa misma correspondencia para bien ajeno, que es el de los propios hombres. A mi parecer el autor anduvo muy cerca de este punto, pero equivocólo y dijo lo contrario; porque, viendo a Cristo desinteresado, se persuadió a que no quería ser correspondido. Y es que no dio el autor distinción entre correspondencia y utilidad de la correspondencia. Y esto último es lo que Cristo renunció, no la correspondencia. Y así, la proposición del autor es que Cristo no quiso la correspondencia para sí sino para los hombres. La mía es que Cristo quiso la correspondencia para sí, pero la utilidad que resulta de esa correspondencia la quiso para los hombres.

Acá el amante hace la correspondencia medio para su bien; Cristo hace la correspondencia medio para bien de los hombres. De manera que divide la correspondencia y el fin de la correspondencia. La correspondencia reserva para sí. El fin de ella, que es la utilidad que de ella resulta, se lo deja a los hombres. Acá los amantes recíprocos quieren el bien de su amor para su amado, pero el bien del amor del amado para sí; Cristo, el bien del amor que tiene al hombre y el bien del amor que el hombre le tiene, todo quiere que sea para el hombre. Examina Cristo a Pedro de su amor y dícele: Petre, amas me? Responde Pedro con aquellas ardientes ponderaciones que brotaba su encendido corazón, que sí y que pondrá la vida por su amor. Veamos para qué es este examen tan apretado de Cristo. Sin duda que quiere que Pedro le haga algún gran servicio. Sí quiere. ¿Y cuál es? Pasce oves meas. Esto es lo que quiere Cristo: que el amor de Pedro sea suyo, pero que la utilidad resulte en las ovejas. Bien pudiera Cristo decirle a Pedro, y parece que era más congruente: Pedro, ¿amas a las ovejas? Pues apaciéntalas; y no dice sino: Pedro, ¿me amas a mí? Pues guarda mis ovejas. Luego quiere el amor para sí, y la utilidad para los hombres.

Pudiéranme, ahora, replicar diciendo: Si Cristo no ha menester el amor del hombre para bien suyo, sino para el bien del mismo hombre, y para este bien basta el amor de Cristo, que es quien nos ha de hacer el bien, ¿para qué solicita el amor del hombre, pues sin que el hombre le ame, puede Cristo hacerle bien?

Para responder a esta réplica es menester acordarnos que Dios dio al hombre libre albedrío con que puede querer y no querer obrar bien o mal, sin que para esto pueda padecer violencia, porque es homenaje que Dios le hizo y carta de libertad auténtica que le otorgó. Pues ahora, de la raíz de esta libertad nace que no basta que Dios quiera ser del hombre, si el hombre no quiere que Dios sea suyo. Y como el ser Dios del hombre es el sumo bien del hombre y esto no puede ser sin que el hombre quiera, por eso quiere Dios, solicita y manda al hombre que le ame, porque el amar a Dios es el bien del hombre. Dice el Real Profeta David que Dios es Dios y Señor porque no necesita de nuestros bienes: Dixi Domino: Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges. Aquí se conoce claro que Dios no necesita de nuestros bienes. Después, hablando en persona del mismo Señor dice, haciendo ostentación de su poder: "Yo no he menester vuestros sacrificios, ni vuestros holocaustos. Yo no recibo vuestros becerros ni vuestros hircos. Más son todas las aves que vuelan y las fieras que pacen; mía toda la abundancia que produce en sus

frutos la tierra; mía, en fin, toda la máquina del orbe. ¿Por ventura pensáis que me sustentan las carnes de los toros o que bebg la sangre vertida de los cabritos?" Pues, Señor Altísimo -- le pudiéramos responder--, si de nada necesitáis porque todo es vuestro; si desdeñáis todas las víctimas y no aceptáis los sacrificios; si sois todopoderoso e infinitamente rico, ¿qué podremos hacer en vuestro servicio, vuestras pobres criaturas? Ved que es desconsuelo nuestro el no poderos ofrecer nada, porque lo tenéis todo, cuando nos tenéis tan obligados con vuestros infinitos beneficios. Sí podéis --parece que nos responde al verso 14 del mismo salmo--: *Immola Deo sacrificium laudis; et redde Altissimo vota tua. Et invoca me in die tribulationis; eruam te, et honorificabis me.* Como si dijera: Hombre, ¿quieres corresponder a lo mucho que te he dado? Pues pídemme más, y eso recibo yo por paga. Llámame en tus trabajos para que te libre de ellos; que esa confianza tuya tengo yo por honra mía. ¡Oh primor del Divino Amor: decir que es honor suyo lo que es provecho nuestro! ¡Oh sabiduría de Dios! ¡Oh liberalidad de Dios! Y ¡oh finezas sólo de Dios y sólo dignas de Dios! Para esto quiere Dios nuestro amor: para nuestro bien, no para el suyo. Y esto fue el primor de su fineza: no el no querer nuestra correspondencia-- como quiere el autor--, sino el quererla para bien nuestro.

Ya queda probado que Cristo quiso nuestra correspondencia y que su fineza mayor fue el quererla. Falta ahora el probar lo que prometí, que es que, cuando supongamos que fuera fineza el no quererla, no le faltaran --como quiere el autor-- pruebas, ni ejemplares, a esa fineza en la Sagrada Escritura; aunque el autor la hace tan grande y tan sin ejemplar, que dice que no ha habido quien del amor que tiene quiera para otro la correspondencia. Veamos si yo hallo alguno que lo haya hecho. Mata Absalón a su hermano Amnón por el estupro de Tamar. ¿Y qué hace su padre, el rey David? Se indigna tanto que obliga a Absalón a salir, huyendo de la muerte, a Gesur; y permanece tan airado el rey, que aun Joab, su primer ministro, no se atreve a hablar en su perdón si no es por medio de la Tecuites; y aun después de todo no quiere David que Absalón le vea la cara. ¡Grande enojo! ¡Grande ira! Vuelve en fin Absalón a la gracia de su padre, y apenas se ve en ella, cuando, traidor y rebelde a su amor y a su corona, se hace aclamar rey en Hebrón; procura no sólo quitar a su padre el reino, pero la vida y la honra profanando públicamente sus lechos. ¡Oh qué ofensas! ¡Oh qué ingratitudes! ¡Oh qué ultrajes! ¡Qué tal podemos esperar que esté David de indignado, de ofendido, de airado contra tan mal hijo, contra tan traidor vasallo! ¿Desabrocha las Euménides irritadas de su

pecho? Poco falta para que lo veamos, que ya la fortuna de las armas está en favor de David y se podrá vengar a su satisfacción. Oigamos el orden que para esto da al general Joab: *Servate mihi puerum Absalom.* ¡Jesús! ¿Qué orden es ésta tan al revés de lo que se esperaba? Pues no para ahí. Quebranta Joab, inobediente, el orden; mata a Absalón. ¿Y qué hace David? ¿Qué? Lloro, y se vuelve toda la victoria en llanto; y no como quiera, sino que desea ser él el muerto, porque sea Absalón el vivo: *Fili mi Absalom, quis mihi det, ut ego moriar pro te?* ¿Qué es esto, David; así lloráis por un hijo tan enemigo; por un vasallo tan traidor? ¿Por quien os quería quitar la vida queréis vos dar la vuestra? Y ya que es tan grande vuestro amor que le queráis perdonar tan execrables maldades contra vos, ¿cómo cuando mató a su hermano Amnón, no mostrasteis esa ternura, sino que le queríais matar a él? Éste es el mismo Absalón: pues ¿cómo ahí estáis airado por la menor ofensa que fue matar a su hermano, y aquí, por la mayor que es quereros matar a vos, no sólo no estáis enojado, mas estáis tierno? ¿Más sentimiento hicisteis de que Absalón fuese cruel con Amnón, que no de que lo fuese con vos? ¿Más sentís que faltase Absalón al amor de Amnón que al vuestro? Sí, así pasó. Pues ahora, ¿para quién pedía David la correspondencia de su amor? Bien claro se ve que para Amnón y no para sí. Luego hay prueba y ejemplares de quien busca para otro la correspondencia que se le debe. Luego cuando fuera fineza en Cristo no buscar correspondencia, no carecería de prueba, como dijo el autor; que es la segunda parte a que prometí responder.

Con lo cual me parece que, aunque con mi rudeza, cortedad y poco estudio, he obedecido a V. md. en lo que me mandó. La demasiada prisa con que lo he escrito no ha dado lugar a pulir algo más el discurso, porque *festinans canis caecos parit catulos.* Remítote en embrión, como suele la osa parir sus informes cachorrillos; y así lleva este defecto más, entre los muchos que V. md. le reconocerá. Pero todos van a sus manos de V. md. Unos corregirá con discreción y otros suplirá con su amistad. El asunto también, con su dificultad, deja disculpado el no conseguirse; pues en blanco inaccesible no queda tan desairado el yerro del tiro como en los comunes, y basta para bizarría en los pigmeos atreverse a Hércules. A vista del elevado ingenio del autor aun los muy gigantes parecen enanos. ¿Pues qué hará una pobre mujer? Aunque ya se vio que una quitó la clava de las manos a Alcides, siendo uno de los tres imposibles que veneró la antigüedad. Y hablando más a lo cristiano, *quae stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes; et infirma*

mundi elegit Deus, ut confundat fortia; et ignobilia mundi et contemptibilia elegit Deus, et ea quae non sunt, ut ea quae sunt destrueret: ut non gloriatur omnis caro in conspectu eius. Creo cierto que si algo llevare de acierto este papel, no es obra de mi entendimiento, sino sólo que Dios quiere castigar con tan flaco instrumento la, al parecer, elación de aquella proposición: que no habría quien le diese otra fineza igual, con que cree el orador que puede aventajar su ingenio a los de los tres Santos Padres y no cree que puede haber quien le iguale. Y pensando que no se estrechó la mano de Dios a Augustino, Crisóstomo y Tomás, piensa que se abrevió a él para no poder criar quien le responda. Que cuando yo no haya conseguido más que el atreverme a hacerlo, fuera bastante mortificación para un varón tan de todas maneras insigne; que fo es ligero castigo a quien creYó que no habría hombre que se atreviese a responderle, ver que se atreve una mujer ignorante, en quien es tan ajeno este género de estudio, y tan distante de su sexo; pero también lo era de Judit el manejo de las armas y de Débora la judicatura. Y si con todo, pareciere en esto poco cuerda, con romper V. md. este papel quedará multado el error de haberlo escrito.

Finalmente, aunque este papel sea tan privado que sólo lo escribo porque V. md. lo manda y para que V. md. lo vea, lo sujeto en todo a la corrección de nuestra Santa Madre Iglesia Católica, y detesto y doy por nulo y por no dicho todo aquello que se apartare del común sentir suyo y de los Santos Padres. Vale.

Bien habrá V. md. creído, viéndome clausurar este discurso, que me he olvidado de esotro punto que V. md. me mandó que escribiese: Que cuál es, en mi sentir, la mayor fineza del Amor Divino. Lo cual me oyó V. md. discurrir en la misma conversación citada. Pues no ha sido olvido sino advertencia, porque allí, como era una conversación sucesiva, Fueron llamando unos discursos a otros, aunque no fuesen muy del caso, y aquí es necesario hacer separación de los que no lo son, para no confundir uno con otro. Explícome. Como hablamos de finezas, dije yo que la mayor fineza de Dios, en mi sentir, eran los beneficios negativos; esto es, los beneficios que nos deja de hacer porque sabe lo mal que los hemos de corresponder. Ahora, este modo de opinar tiene mucha disparidad con el del autor, porque él habla de finezas de Cristo, y hechas en el fin de su vida, y esta fineza que yo digo es fineza que hace Dios en cuanto Dios, y fineza continuada siempre; y así no fuera razón oponer ésta a las que el autor dice, antes bien fuera una muy viciosa argumentación y muy censurable; por lo cual me pareció separarla, y como discurso

suelto e independiente de lo demás, ponerlo aquí para que V. md. logre del todo el deseo, pues el mío es sólo obedecerle.

La mayor fineza del Divino Amor, en mi sentir, son los beneficios que nos deja de hacer por nuestra ingratitud. Pruébolo. Dios es infinita bondad y bien sumo, y como tal es de su propia naturaleza comunicable y deseoso de hacer bien a sus criaturas. Más, Dios tiene infinito amor a los hombres, luego siempre está pronto a hacerles infinitos bienes. Más, Dios es todopoderoso y puede hacerles a los hombres todos los bienes que quisiere, sin costarle trabajo, y su deseo es hacerlos. Luego Dios, cuando les hace bienes a los hombres, va con el corriente natural de su propia bondad, de su propio amor y de su propio poder, sin costarle nada. Claro está. Luego cuando Dios no le hace beneficios al hombre, porque los ha de convertir el hombre en su daño, reprime Dios los raudales de su inmensa liberalidad, detiene el mar de su infinito amor y estanca el curso de su absoluto poder. Luego, según nuestro modo de concebir, más le cuesta a Dios el no hacernos beneficios que no el hacérselos y, por consiguiente, mayor fineza es el suspenderlos que el ejecutarlos, pues deja Dios de ser liberal --que es propia condición suya--, porque nosotros No seamos ingratos-- que es propio retorno nuestro--; y quiere más parecer escaso, porque los hombres no sean peores, que ostentar su largueza con daño de los mismo beneficiados. Y siendo así que ésta es una como nota en la opinión de liberal, antepone el aprovechamiento de los hombres a su propia opinión y a su propio natural.

Predica el Redentor su milagrosa doctrina, y habiendo hecho en tantos lugares tantos milagros y maravillas, llega a su patria, que parece que debía ser preferida en el cariño, y apenas llega, cuando en vez de aplaudirle sus vecinos y compatriotas, empiezan a censurarle y a sacarle las que, a su parecer de ellos, eran faltas, diciendo: Nonne hic est fabri filius? Nonne mater eius dicitur Maria, et fratres eius, Iacobus, et Ioseph, et Simon, et Iudas: et sorores eius, nonne omnes apud nos sunt? Unde ergo huic omnia ista? Y prosigue el Evangelista: Non fecit ibi virtutes multas propter incredulitatem illorum. De manera que Cristo bien quería hacer milagros en su patria, bien quería hacerleS beneficios, pero mostraron ellos luego su dañado ánimo en la murmuración y el modo con que recibirían los favores de Cristo, y por eso se contuvo Cristo en hacerlos: por no darles ocasión de ser más malos, como lo expresa el Evangelista: que no hizo muchas maravillas por su incredulidad. Y bien sabía Cristo que también le habían ellos de murmurar el no hacerlas, y tener por

escaso y avaro, y así les adelantó él mismo lo que ellos habían de decir y les dijo: *Utique dicetis mihi hanc similitudinem: Medice, cura te ipsum: quanta audivimus facta in Capharnaum, fac et hic in patria tua.* Y para satisfacer a la calumnia antevista les dice que en tiempo de Elías había muchas viudas y sola una fue remediada, y que muchos leprosos había en tiempo de Eliseo y sólo curó a Naamán sirio, y que ningún profeta es acepto en su patria. Ellos, no entendiendo la satisfacción y prosiguiendo en la calumnia, le quisieron precipitar, confirmando con esta maldad el motivo por que Cristo no les hacía beneficios positivos, sino el neGativo de no darles ocasión de cometer mayor pecado. Y éste fue el mayor beneficio que pudo Cristo hacer por entonces a su ingrata patria, en que la prefirió a aquellas dos ciudades que el mismo Señor amenaza por haber sido ingratas a las maravillas que en ellas obró, diciendo: *Vae tibi Corozain, vae tibi Bethsaida: quia, si in Tyro et Sidone factae essent virtutes, quae factae sunt in vobis, olim in cilicio, et cinere poenitentiam egissent. Verumtamen dico vobis: Tyro et Sidoni remissius erit in die iudicii, quam vobis. ¡Ay de vosotras, que si en Tiro y Sidón se hubieran hecho las maravillas que se han hecho en vosotras, se hubieran ya convertido! Pero yo os aseguro que en el juicio tremendo serán ellas menos castigadas que vosotras.*

Luego de este mayor cargo excusa el Señor a Nazaret con no hacerle beneficios, y entonces es el mayor beneficio el no hacerlos, porque excusa el mayor cargo que de él le resultara. *Gravius -- dice el glorioso San Gregorio -- inde iudicemur, cum enim augentur dona, rationes etiam cRescunt donorum.* Mientras más es lo recibido más grave es el cargo de la cuenta. Luego es beneficio el no hacernos beneficios cuando hemos de usar mal de ellos.

Hizo Dios a Judas, fuera de los beneficios generales, muchos particulares, y llegando el caso de su sacrílega traición, lamentando Cristo, no su muerte, sino el daño del ingrato discípulo, dice: *Vae homini illi, per quem tradar ego, bonum erat ei, si natus non fuisset.* Con que parece que se arrepiente de haberle hecho el beneficio de la creación, porque le estuviera mejor el no haber nacido que nacer para ser tan malo. Más claro se da a entender esto cuando ofendido Dios de las maldades de los hombres determinó acabar el mundo por agua; pues, usando de las humanas locuciones, dice el texto que dijo: *Delebo, inquit, hominem, quem creavi a facie terrae, ab homine usque ad animantia, a reptili usque ad volucres coeli: poenitet enim me fecisse eos.*

De manera que se arrepiente Dios de haber hecho beneficios al hombre que han de ser para mayor daño del hombre. Luego es mayor beneficio el no hacerle beneficios. ¡Ah, Señor y Dios mío, qué torpes y ciegos andamos cuando no os reconocemos esta especie de beneficio negativo que nos hacéis!

Tiene el otro corta fortuna y, cuando mucho, dice que es castigo de Dios. Cuando sea castigo, el castigo también es beneficio, pues mira a nuestra enmienda, y Dios castiga a quien ama. Pero no es sólo el beneficio de castigarnos el que nos hace, sino el beneficio de exonerarnos de mayor cuenta. Tiene el otro poca salud y le parece que está Dios sordo, porque no oye sus lamentos. No está tal, sino haciéndoos el beneficio de no daros salud, porque la habéis de emplear mal. Envidiamos en nuestros prójimos los bienes de fortuna, los dotes naturales. ¡Oh, qué errado va el objeto de la envidia, pues sólo debía serlo de la lástima el gran cargo que tiene, de que ha de dar cuenta estrecha! Y ya que, queramos envidiar, no envidiemos las mercedes que Dios le hizo, sino lo bien que corresponde a ellas, que estg es lo que se debe envidiar, quE es lo que le da mérito; no el haberlas recibido, que eso es cargo. Estimemos el beneficio que Dios nos hace en no hacernos todos los beneficios que queremos, y los que también Su Majestad quiere hacernos y suspende por no darnos mayor cargo. Agradezcamos y ponderemos este primor del Divino Amor en quien el premiar es beneficio, el castigar es beneficio y el suspender los beneficios es el mayor beneficio, y el no hacer finezas la mayor fineza. Y si no, díganme: Dios, que dio al Mundo su Unigénito que encarnó y murió por el hombre, ¿qué podrá negar al hombre? Nada. Él mismo dice: *Quis est ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei? Aut si piscem petierit, numquid serpentem porriget ei? Si ergo vos, cum sitis mali, nostis bona dare filiis vestris: quanto magis Pater vester, qui in coelis est, dabit bona petentibus se?* Pues, Señor, ¿cómo la madre de los hijos del Zebedeo os pide las sillas y no se las dais? Porque no saben lo que se piden\$ y en Dios mayor beneficio es no dar, siendo su condición natural, porque no nos conviene, que dar siendo tan liberal y poderoso.

Y así juzgo ser ésta la mayor fineza que Dios hace por los hombres. Su Majestad nos dé gracia para conocerlas, correspondiéndolas, que es mejor conocimiento; y que el ponderar sus beneficios no se quede en discursos especulativos, sino que pase a servicios prácticos, para que sus beneficios negativos se pasen a positivos hallando en nosotros digna disposición que rompa la

presa a los estancados raudales de la liberalidad divina, que detiene y represa nuestra ingratitud.

Y a V. md. me guarde muchos años. Vuelvo a poner todo lo dicho debajo de la censura de nuestra Santa Madre Iglesia Católica, como su más obediente hija. Iterum vale.

ANEXO B – CARTA DE SOR FILOTEIA DE LA CRUZ A SOR JUANA DE LA CRUZ. ALONSO, Dámaso. *Sor Juana Inés de la Cruz: obras selectas*. Barcelona: Editorial Noguer, 1976, p. 764-768.

Señora mía: He visto la carta de V. md. en que impugna las finezas de Cristo que discurrió el Reverendo Padre Antonio de Vieira en el Sermón del Mandato con tal sutileza que a los más eruditos ha parecido que, como otra Águila del Apocalipsis, se había remontado este singular talento sobre sí mismo, siguiendo la planta que formó antes el Ilustrísimo César Meneses, ingenio de los primeros de Portugal; pero a mi juicio, quien leyere su apología de V. md. no podrá negar que cortó la pluma más delgada que ambos y que pudieran gloriarse de verse impugnados de una mujer que es honra de su sexo.

Yo, a lo menos, he admirado la viveza de los conceptos, la discreción de sus pruebas y la enérgica claridad con que convence el asunto, compañera inseparable de la sabiduría; que por eso la primera voz que pronunció la Divina fue luz, porque sin claridad no hay voz de sabiduría. Aun la de Cristo, cuando hablaba altísimos misterios entre los velos de las parábolas, no se tuvo por admirable en el mundo; y sólo cuando habló claro, mereció la aclamación de saberlo todo. éste es uno de los muchos beneficios que debe V. md. a Dios; porque la claridad no se adquiere con el trabajo e industria: es don que se infunde con el alma.

Para que V. md. se vea en este papel de mejor letra, le he impreso; y para que reconozca los tesoros que Dios despositó en su alma, y le sea, como más entendida, más agradecida: que la gratitud y el entendimiento nacieron siempre de un mismo parto. Y si como V. md. dice en su carta, quien más ha recibido de Dios está más obligado a la correspondencia, temo se halle V. md. alcanzada en la cuenta; pues pocas criaturas deben a Su Majestad mayores talentos en lo natural, con que ejecuta al agradecimiento, para que si hasta aquí los ha empleado bien (que así lo debo creer de quien profesa tal religión), en adelante sea mejor.

No es mi juicio tan austero censor que esté mal con los versos -en que V. md. se ha visto tan celebrada-, después que Santa Teresa, el Nacienceno y otros santos canonizaron con los suyos esta habilidad; pero deseara que les imitara, así como en el metro, también en la elección de los asuntos.

No apruebo la vulgaridad de los que reprueban en las mujeres el uso de las letras, pues tantas se aplicaron a este estudio, no sin alabanza de San Jerónimo. Es verdad que dice San Pablo que las mujeres no enseñen; pero no manda que las mujeres no estudien para saber; porque sólo quiso prevenir el riesgo de elación en nuestro sexo, propenso siempre a la vanidad. A Sarai le quitó una letra la Sabiduría Divina, y puso una más al nombre de Abram, no porque el varón ha de tener más letras que la mujer, como sienten muchos, sino porque la i añadida al nombre de Sara explicaba temor y dominación. Señora mía se interpreta Sarai; y no convenía que fuese en la casa de Abraham señora la que tenía empleo de súbdita.

Letras que engendran elación, no las quiere Dios en la mujer; pero no las reprueba el Apóstol cuando no sacan a la mujer del estado de obediente. Notorio es a todos que el estudio y saber han contenido a V. md. en el estado de súbdita, y que la han servido de perfeccionar primores de obediente; pues si las demás religiosas por la obediencia sacrifican la voluntad, V. md. cautiva el entendimiento, que es el más arduo y agradable holocausto que puede ofrecerse en las aras de la Religión.

No pretendo, según este dictamen, que V. md. mude el genio renunciando los libros, sino que le mejore, leyendo alguna vez el de Jesucristo. Ninguno de los evangelistas llamó libro a la genealogía de Cristo, si no es San Mateo, porque en su conversión no quiso este Señor mudarle la inclinación, sino mejorarla, para que si antes, cuando publicano, se ocupaba en libros de sus tratos e intereses, cuando apóstol mejorase el genio, mudando los libros de su ruina en el libro de Jesucristo. Mucho tiempo ha gastado V. md. en el estudio de filósofos y poetas; ya será razón que se perfeccionen los empleos y que se mejoren los libros.

¿Qué pueblo hubo más erudito que Egipto? En él empezaron las primeras letras del mundo, y se admiraron los jeroglíficos.

Por grande ponderación de la sabiduría de José, le llama la Sagrada Escritura consumado en la erudición de los egipcios. Y con todo eso, el Espíritu Santo dice abiertamente que el pueblo de los egipcios es bárbaro: porque toda su sabiduría, cuando más, penetraba los movimientos de las estrellas y cielos, pero no servía para enfrenar los desórdenes de las pasiones; toda su ciencia tenía por empleo perfeccionar al hombre en la vida política,

pero no ilustraba para conseguir la eterna. Y ciencia que no alumbra para salvarse, Dios, que todo lo sabe, la califica por necedad.

Así lo sintió Justo Lipsio (pasma de la erudición), estando vecino a la muerte y a la cuenta, cuando el entendimiento está más ilustrado; que consolándole sus amigos con los muchos libros que había escrito de erudición, dijo señalando a un santocristo: Ciencia que no es del Crucificado, es necedad y sólo vanidad.

No repruebo por esto la lección de estos autores; pero digo a V. md. lo que aconsejaba Gersón: Préstese V. md., no se venda, ni se deje robar de estos estudios. Esclavas son las letras humanas y suelen aprovechar a las divinas; pero deben reprobarse cuando roban la posesión del entendimiento humano a la Sabiduría Divina, haciéndose señoras las que se destinaron a la servidumbre. Comendables son, cuando el motivo de la curiosidad, que es vicio, se pasa a la studiosidad, que es virtud.

A San Jerónimo le azotaron los ángeles porque leía en Cicerón, arrastrado y no libre, prefiriendo el deleite de su elocuencia a la solidez de la Sagrada Escritura; pero loablemente se aprovechó este Santo Doctor de sus noticias y de la erudición profana que adquirió en semejantes autores.

No es poco el tiempo que ha empleado V. md. en estas ciencias curiosas; pase ya, como el gran Boecio, a las provechosas, juntando a las sutilezas de la natural, la utilidad de una filosofía moral.

Lástima es que un tan gran entendimiento, de tal manera se abata a las rateras noticias de la tierra, que no desee penetrar lo que pasa en el Cielo; y ya que se humille al suelo, que no baje más abajo, considerando lo que pasa en el Infierno. Y si gustare algunas veces de inteligencias dulces y tiernas, aplique su entendimiento al Monte Calvario, donde viendo finezas del Redentor e ingraticudes del redimido, hallará gran campo para ponderar excesos de un amor infinito y para formar apologías, no sin lágrimas contra una ingraticud que llega a lo sumo. O que útilmente, otras veces, se engolfara ese rico galeón de su ingenio de V. md. en la alta mar de las perfecciones divinas. No dudo que sucedería a V. md. lo que a Apeles, que copiando el retrato de Campaspe, cuantas líneas corría con el pincel por el lienzo, tantas heridas hacía en su corazón la saeta del amor, quedando al mismo tiempo perfeccionado el retrato y herido mortalmente de amor del original el corazón del pintor.

Estoy muy cierta y segura que si V. md., con los discursos vivos de su entendimiento, formase y pintase una idea de las perfecciones divinas (cual se permite entre las tinieblas de la fe), al mismo tiempo se vería ilustrada de luces su alma y abrasada su voluntad y dulcemente herida de amor de su Dios, para que este Señor, que ha llovido tan abundantemente beneficios positivos en lo natural sobre V. md., no se vea obligado a concederla beneficios solamente negativos en lo sobrenatural; que por más que la discreción de V. md. les llame finezas, yo les tengo por castigos: porque sólo es beneficio el que Dios hace al corazón humano previniéndole con su gracia para que le corresponda agradecido, disponiéndose con un beneficio reconocido, para que no represada, la liberalidad divina se los haga mayores.

Esto desea a V. md. quien, desde que la besó, muchos años ha, la mano, vive enamorada de su alma, sin que se haya entibiado este amor con la distancia ni el tiempo; porque el amor espiritual no padece achaques de mudanza, ni le reconoce el que es puro si no es hacia el crecimiento. Su Majestad oiga mis súplicas y haga a V. md. muy santa, y me la guarde en toda prosperidad.

De este Convento de la Santísima Trinidad, de la Puebla de los Ángeles, y noviembre 25 de 1690.

b. L. M. de V. md. su afecta servidora.

Filotea de la Cruz.

ANEXO C – RESPUESTA DE LA POETISA A LA MUY ILUSTRE SOR FILOTEA DE LA CRUZ. ALONSO, Dámaso. *Sor Juana Inés de la Cruz: obras selectas.* Barcelona: Editorial Noguer, 1976, p. 769-808.

MUY ILUSTRE Señora, mi Señora: No mi voluntad, mi poca salud y mi justo temor han suspendido tantos días mi respuesta. ¿Qué mucho si, al primer paso, encontraba para tropezar mi torpe pluma dos imposibles? El primero (y para mí el más riguroso) es saber responder a vuestra doctísima, discretísima, santísima y amorosísima carta. Y si veo que preguntado el Ángel de las Escuelas, Santo Tomás, de su silencio con Alberto Magno, su maestro, respondió que callaba porque nada sabía decir digno de Alberto, con cuánta mayor razón callaría, no como el Santo, de humildad, sino que en la realidad es no saber algo digno de vos. El segundo imposible es saber agradeceros tan excesivo como no esperado favor, de dar a las prensas mis borriones: merced tan sin medida que aun se le pasara por alto a la esperanza más ambiciosa y al deseo más fantástico; y que ni aun como ente de razón pudiera caber en mis pensamientos; y en fin, de tal magnitud que no sólo no se puede estrechar a lo limitado de las voces, pero excede a la capacidad del agradecimiento, tanto por grande como por no esperado, que es lo que dijo Quintiliano: *Minorem spei, maiorem benefacti gloriam pereunt.* Y tal que enmudecen al beneficiado.

Cuando la felizmente estéril para ser milagrosamente fecunda, madre del Bautista vio en su casa tan desproporcionada visita como la Madre del Verbo, se le entorpeció el entendimiento y se le suspendió el discurso; y así, en vez de agradecimientos, prorrumpió en dudas y preguntas: *Et unde hoc mihi?* ¿De dónde a mí viene tal cosa? Lo mismo sucedió a Saúl cuando se vio electo y ungido rey de Israel: *Numquid non filius Iemini ego sum de minima tribu Israel, et cognatio mea novissima inter omnes de tribu Benjamin? Quare igitur locutus es mihi sermonem istum?* Así yo diré: ¿de dónde, venerable Señora, de dónde a mí tanto favor? ¿Por ventura soy más que una pobre monja, la más mínima criatura del mundo y la más indigna de ocupar vuestra atención? ¿Pues *quare locutus es mihi sermonem istum?* ¿*Et unde hoc mihi?*

Ni al primer imposible tengo más que responder que no ser nada digno de vuestros ojos; ni al segundo más que admiraciones, en vez de gracias, diciendo que no soy capaz de agradeceros la más mínima parte de lo que os debo. No es

afectada modestia, Señora, sino ingenua verdad de toda mi alma, que al llegar a mis manos, impresa, la carta que vuestra propiedad llamó Atenagórica, prorrumplí (con no ser esto en mí muy fácil) en lágrimas de confusión, porque me pareció que vuestro favor no era más que una reconvención que Dios hace a lo mal que le correspondo; y que como a otros corrige con castigos, a mí me quiere reducir a fuerza de beneficios. Especial favor de que conozco ser su deudora, como de otros infinitos de su inmensa bondad; pero también especial modo de avergonzarme y confundirme: que es más primoroso medio de castigar hacer que yo misma, con mi conocimiento, sea el juez que me sentencie y condene mi ingratitud. Y así, cuando esto considero acá a mis solas, suelo decir: Bendito seáis vos, Señor, que no sólo no quisisteis en manos de otra criatura el juzgarme, y que ni aun en la mía lo pusisteis, sino que lo reservasteis a la vuestra, y me librateis a mí de mí y de la sentencia que yo misma me daría --que, forzada de mi propio conocimiento, no pudiera ser menos que de condenación--, y vos la reservasteis a vuestra misericordia, porque me amáis más de lo que yo me puedo amar.

Perdonad, Señora mía, la digresión que me arrebató la fuerza de la verdad; y si la he de confesar toda, también es buscar efugios para huir la dificultad de responder, y casi me he determinado a dejarlo al silencio; pero como éste es cosa negativa, aunque explica mucho con el énfasis de no explicar, es necesario ponerle algún breve rótulo para que se entienda lo que se pretende que el silencio diga; y si no, dirá nada el silencio, porque ése es su propio oficio: decir nada. Fue arrebatado el Sagrado Vaso de Elección al tercer Cielo, y habiendo visto los arcanos secretos de Dios dice: *Audivit arcana Dei, quae no licet homini loqui*. No dice lo que vio, pero dice que no lo puede decir; de manera que aquellas cosas que no se pueden decir, es menester decir siquiera que no se pueden decir, para que se entienda que el callar no es no haber qué decir, sino no caber en las voces lo mucho que hay que decir. Dice San Juan que si hubiera de escribir todas las maravillas que obró nuestro Redentor, no cupieran en todo el mundo los libros; y dice Vieyra, sobre este lugar, que en sola esta cláusula dijo más el Evangelista que en todo cuanto escribió; y dice muy bien el Fénix Lusitano (pero ¿cuándo no dice bien, aun cuando no dice bien?), porque aquí dice San Juan todo lo que dejó de decir y expresó lo que dejó de expresar. Así, yo, Señora mía, sólo responderé que no sé qué responder; sólo agradeceré diciendo que no soy capaz de agradeceros; y diré, por breve rótulo de lo que dejo al silencio, que sólo con la confianza de favorecida y con los valimientos de

honrada, me puedo atrever a hablar con vuestra grandeza. Si fuere necesidad, perdonadla, pues es alhaja de la dicha, y en ella ministraré yo más materia a vuestra benignidad y vos daréis mayor forma a mi reconocimiento.

No se hallaba digno Moisés, por balbuciente, para hablar con Faraón, y, después, el verse tan favorecido de Dios, le infunde tales alientos, que no sólo habla con el mismo Dios, sino que se atreve a pedirle imposibles: *Ostende mihi faciem tuam*. Pues así yo, Señora mía, ya no me parecen imposibles los que puse al principio, a vista de lo que me favorecéis; porque quien hizo imprimir la Carta tan sin noticia mía, quien la intituló, quien la costeó, quien la honró tanto (siendo de todo indigna por sí y por su autora), ¿qué no hará?, ¿qué no perdonará?, ¿qué dejará de hacer y qué dejará de perdonar? Y así, debajo del supuesto de que hablo con el salvoconducto de vuestros favores y debajo del seguro de vuestra benignidad, y de que me habéis, como otro Asuero, dado a besar la punta del cetro de oro de vuestro cariño en señal de concederme benévola licencia para hablar y proponer en vuestra venerable presencia, digo que recibo en mi alma vuestra santísima amonestación de aplicar el estudio a Libros Sagrados, que aunque viene en traje de consejo, tendrá para mí sustancia de precepto; con no pequeño consuelo de que aun antes parece que prevenía mi obediencia vuestra pastoral insinuación, como a vuestra dirección, inferido del asunto y pruebas de la misma Carta. Bien conozco que no cae sobre ella vuestra cuerdisima advertencia, sino sobre lo mucho que habréis visto de asuntos humanos que he escrito; y así, lo que he dicho no es más que satisfaceros con ella a la falta de aplicación que habréis inferido (con mucha razón) de otros escritos míos. Y hablando con más especialidad os confieso, con la ingenuidad que ante vos es debida y con la verdad y claridad que en mí siempre es natural y costumbre, que el no haber escrito mucho de asuntos sagrados no ha sido desafición, ni de aplicación la falta, sino sobra de temor y reverencia debida a aquellas Sagradas Letras, para cuya inteligencia yo me conozco tan incapaz y para cuyo manejo soy tan indigna; resonándome siempre en los oídos, con no pequeño horror, aquella amenaza y prohibición del Señor a los pecadores como yo: *Quare tu enarras iustitias meas, et assumis testamentum meum per os tuum?* Esta pregunta y el ver que aun a los varones doctos se prohibía el leer los Cantares hasta que pasaban de treinta años, y aun el Génesis: éste por su oscuridad, y aquéllos porque de la dulzura de aquellos epitalamios no tomase ocasión la imprudente juventud de mudar el sentido en carnales afectos. Compruébalo mi gran Padre San Jerónimo, mandando que sea

esto lo último que se estudie, por la misma razón: *Ad ultimum sine periculo discat Canticum Cantorum, ne si in exordio legerit, sub carnalibus verbis spiritualium nuptiarum Epithalamium non intelligens, vulneretur*; y Séneca dice: *Teneris in annis haut clara est fides*. Pues ¿cómo me atreviera yo a tomarlo en mis indignas manos, repugnándolo el sexo, la edad y sobre todo las costumbres? Y así confieso que muchas veces este temor me ha quitado la pluma de la mano y ha hecho retroceder los asuntos hacia el mismo entendimiento de quien querían brotar; el cual inconveniente no topaba en los asuntos profanos, pues una herejía contra el arte no la castiga el Santo Oficio, sino los discretos con risa y los críticos con censura; y ésta, *iusta vel iniusta, timenda non est*, pues deja comulgar y oír misa, por lo cual me da poco o ningún cuidado; porque, según la misma decisión de los que lo calumnian, ni tengo obligación para saber ni aptitud para acertar; luego, si lo yerro, ni es culpa ni es descrédito. No es culpa, porque no tengo obligación; no es descrédito, pues no tengo posibilidad de acertar, y *ad impossibilia nemo tenetur*. Y, a la verdad, yo nunca he escrito sino violentada y forzada y sólo por dar gusto a otros; no sólo sin complacencia, sino con positiva repugnancia, porque nunca he juzgado de mí que tenga el caudal de letras e ingenio que pide la obligación de quien escribe; y así, es la ordinaria respuesta a los que me instan, y más si es asunto sagrado: ¿Qué entendimiento tengo yo, qué estudio, qué materiales, ni qué noticias para eso, sino cuatro bachillerías superficiales? Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Oficio, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar. Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar (que fuera en mí desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos. Así lo respondo y así lo siento.

El escribir nunca ha sido dictamen propio, sino fuerza ajena; que les pudiera decir con verdad: *Vos me coegistis*. Lo que sí es verdad que no negaré (lo uno porque es notorio a todos, y lo otro porque, aunque sea contra mí, me ha hecho Dios la merced de darme grandísimo amor a la verdad) que desde que me rayó la primera luz de la razón, fue tan vehemente y poderosa la inclinación a las letras, que ni ajenas reprensiones --que he tenido muchas--, ni propias reflejas --que he hecho no pocas--, han bastado a que deje de seguir este natural impulso que Dios puso en mí: Su Majestad sabe por qué y para qué; y sabe que le he pedido que apague la luz de mi entendimiento dejando sólo lo que baste para guardar su Ley, pues lo demás sobra, según algunos, en una mujer; y aun hay quien diga que daña. Sabe también

Su Majestad que no consiguiendo esto, he intentado sepultar con mi nombre mi entendimiento, y sacrificársele sólo a quien me le dio; y que no otro motivo me entró en religión, no obstante que al desembarazo y quietud que pedía mi estudiosa intención eran repugnantes los ejercicios y compañía de una comunidad; y después, en ella, sabe el Señor, y lo sabe en el mundo quien sólo lo debió saber, lo que intenté en orden a esconder mi nombre, y que no me lo permitió, diciendo que era tentación; y sí sería. Si yo pudiera pagaros algo de lo que os debo, Señora mía, creo que sólo os pagara en contaros esto, pues no ha salido de mi boca jamás, excepto para quien debió salir. Pero quiero que con haberos franqueado de par en par las puertas de mi corazón, haciéndoos patentes sus más sellados secretos, conozcáis que no desdice de mi confianza lo que debo a vuestra venerable persona y excesivos favores.

Prosiguiendo en la narración de mi inclinación, de que os quiero dar entera noticia, digo que no había cumplido los tres años de mi edad cuando enviando mi madre a una hermana mía, mayor que yo, a que se enseñase a leer en una de las que llaman Amigas, me llevó a mí tras ella el cariño y la travesura; y viendo que la daban lección, me encendí yo de manera en el deseo de saber leer, que engañando, a mi parecer, a la maestra, la dije que mi madre ordenaba me diese lección. Ella no lo creyó, porque no era creíble; pero, por complacer al donaire, me la dio. Proseguí yo en ir y ella prosiguió en enseñarme, ya no de burlas, porque la desengañó la experiencia; y supe leer en tan breve tiempo, que ya sabía cuando lo supo mi madre, a quien la maestra lo ocultó por darle el gusto por entero y recibir el galardón por junto; y yo lo callé, creyendo que me azotarían por haberlo hecho sin orden. Aún vive la que me enseñó (Dios la guarde), y puede testificarlo.

Acuérdome que en estos tiempos, siendo mi golosina la que es ordinaria en aquella edad, me abstenía de comer queso, porque oí decir que hacía rudos, y podía conmigo más el deseo de saber que el de comer, siendo éste tan poderoso en los niños. Teniendo yo después como seis o siete años, y sabiendo ya leer y escribir, con todas las otras habilidades de labores y costuras que deprenden las mujeres, oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciencias, en Méjico; y apenas lo oí cuando empecé a matar a mi madre con instantes e importunos ruegos sobre que, mudándome el traje, me enviase a Méjico, en casa de unos deudos que tenía, para estudiar y cursar la Universidad; ella no lo quiso hacer, e hizo muy bien, pero yo despiqué el deseo en leer muchos libros varios que tenía

mi abuelo, sin que bastasen castigos ni reprensiones a estorbarlo; de manera que cuando vine a Méjico, se admiraban, no tanto del ingenio, cuanto de la memoria y noticias que tenía en edad que parecía que apenas había tenido tiempo para aprender a hablar.

Empecé a deprender gramática, en que creo no llegaron a veinte las lecciones que tomé; y era tan intenso mi cuidado, que siendo así que en las mujeres --y más en tan florida juventud-- es tan apreciable el adorno natural del cabello, yo me cortaba de él cuatro o seis dedos, midiendo hasta dónde llegaba antes, e imponiéndome ley de que si cuando volviese a crecer hasta allí no sabía tal o tal cosa que me había propuesto deprender en tanto que crecía, me lo había de volver a cortar en pena de la rudeza. Sucedió así que él crecía y yo no sabía lo propuesto, porque el pelo crecía aprisa y yo aprendía despacio, y con efecto le cortaba en pena de la rudeza: que no me parecía razón que estuviese vestida de cabellos cabeza que estaba tan desnuda de noticias, que era más apetecible adorno. Entréme religiosa, porque aunque conocía que tenía el estado cosas (de las accesorias hablo, no de las formales), muchas repugnantes a mi genio, con todo, para la total negación que tenía al matrimonio, era lo menos desproporcionado y lo más decente que podía elegir en materia de la seguridad que deseaba de mi salvación; a cuyo primer respeto (como al fin más importante) cedieron y sujetaron la cerviz todas las impertinencias de mi genio, que eran de querer vivir sola; de no querer tener ocupación obligatoria que embarazase la libertad de mi estudio, ni rumor de comunidad que impidiese el sosegado silencio de mis libros. Esto me hizo vacilar algo en la determinación, hasta que alumbrándome personas doctas de que era tentación, la vencí con el favor divino, y tomé el estado que tan indignamente tengo. Pensé yo que huía de mí misma, pero ¡miserable de mí! trájeme a mí conmigo y traje mi mayor enemigo en esta inclinación, que no sé determinar si por prenda o castigo me dio el Cielo, pues de apagarse o embarazarse con tanto ejercicio que la religión tiene, reventaba como pólvora, y se verificaba en mí el *privatio est causa appetitus*.

Volví (mal dije, pues nunca cesé); proseguí, digo, a la estudiosa tarea (que para mí era descanso en todos los ratos que sobraban a mi obligación) de leer y más leer, de estudiar y más estudiar, sin más maestro que los mismos libros. Ya se ve cuán duro es estudiar en aquellos caracteres sin alma, careciendo de la voz viva y explicación del maestro; pues todo este trabajo sufría yo muy gustosa por amor de las letras. ¡Oh, si hubiese sido por amor de Dios, que era lo acertado, cuánto hubiera

merecido! Bien que yo procuraba elevarlo cuanto podía y dirigirlo a su servicio, porque el fin a que aspiraba era a estudiar Teología, pareciéndome menguada inhabilidad, siendo católica, no saber todo lo que en esta vida se puede alcanzar, por medios naturales, de los divinos misterios; y que siendo monja y no seglar, debía, por el estado eclesiástico, profesar letras; y más siendo hija de un San Jerónimo y de una Santa Paula, que era degenerar de tan doctos padres ser idiota la hija. Esto me proponía yo de mí misma y me parecía razón; si no es que era (y eso es lo más cierto) lisonjear y aplaudir a mi propia inclinación, proponiéndola como obligatorio su propio gusto.

Con esto proseguí, dirigiendo siempre, como he dicho, los pasos de mi estudio a la cumbre de la Sagrada Teología; pareciéndome preciso, para llegar a ella, subir por los escalones de las ciencias y artes humanas; porque ¿cómo entenderá el estilo de la Reina de las Ciencias quien aun no sabe el de las ancilas? ¿Cómo sin Lógica sabría yo los métodos generales y particulares con que está escrita la Sagrada Escritura? ¿Cómo sin Retórica entendería sus figuras, tropos y locuciones? ¿Cómo sin Física, tantas cuestiones naturales de las naturalezas de los animales de los sacrificios, donde se simbolizan tantas cosas ya declaradas, y otras muchas que hay? ¿Cómo si el sanar Saúl al sonido del arpa de David fue virtud y fuerza natural de la música, o sobrenatural que Dios quiso poner en David? ¿Cómo sin Aritmética se podrán entender tantos cómputos de años, de días, de meses, de horas, de hebdómadas tan misteriosas como las de Daniel, y otras para cuya inteligencia es necesario saber las naturalezas, concordancias y propiedades de los números? ¿Cómo sin Geometría se podrán medir el Arca Santa del Testamento y la Ciudad Santa de Jerusalén, cuyas misteriosas mensuras hacen un cubo con todas sus dimensiones, y aquel repartimiento proporcional de todas sus partes tan maravilloso? ¿Cómo sin Arquitectura, el gran Templo de Salomón, donde fue el mismo Dios el artífice que dio la disposición y la traza, y el Sabio Rey sólo fue sobrestante que la ejecutó; donde no había basa sin misterio, columna sin símbolo, cornisa sin alusión, arquitecra sin significado; y así de otras sus partes, sin que el más mínimo filete estuviese sólo por el servicio y complemento del Arte, sino simbolizando cosas mayores? ¿Cómo sin grande conocimiento de reglas y partes de que consta la Historia se entenderán los libros historiales? Aquellas recapitulaciones en que muchas veces se pospone en la narración lo que en el hecho sucedió primero. ¿Cómo sin grande noticia de ambos Derechos podrán entenderse los libros

legales? ¿Cómo sin grande erudición tantas cosas de historias profanas, de que hace mención la Sagrada Escritura; tantas costumbres de gentiles, tantos ritos, tantas maneras de hablar? ¿Cómo sin muchas reglas y lección de Santos Padres se podrá entender la oscura locución de los Profetas? Pues sin ser muy perito en la Música, ¿cómo se entenderán aquellas proporciones musicales y sus primores que hay en tantos lugares, especialmente en aquellas peticiones que hizo a Dios Abraham, por las Ciudades, de que si perdonaría habiendo cincuenta justos, y de este número bajó a cuarenta y cinco, que es sesquinona y es como de mi a re; de aquí a cuarenta, que es sesquioctava y es como de re a mi; de aquí a treinta, que es sesquitercia, que es la del diatesarón; de aquí a veinte, que es la proporción sesquiáltera, que es la del diapente; de aquí a diez, que es la dupla, que es el diapasón; y como no hay más proporciones armónicas no pasó de ahí? Pues ¿cómo se podrá entender esto sin Música? Allá en el Libro de Job le dice Dios: *Numquid coniungere valebis micantes stellas Pleiadas, aut gyrum Arcturi poteris dissipare? Numquid producis Luciferum in tempore suo, et Vesperum super filios terrae consurgere facis?*, cuyos términos, sin noticia de Astrología, será imposible entender. Y no sólo estas nobles ciencias; pero no hay arte mecánica que no se mencione. Y en fin, cómo el Libro que comprende todos los libros, y la Ciencia en que se incluyen todas las ciencias, para cuya inteligencia todas sirven; y después de saberlas todas (que ya se ve que no es fácil, ni aun posible) pide otra circunstancia más que todo lo dicho, que es una continua oración y pureza de vida, para impetrar de Dios aquella purgación de ánimo e iluminación de mente que es menester para la inteligencia de cosas tan altas; y si esto falta, nada sirve de lo demás.

Del Angélico Doctor Santo Tomás dice la Iglesia estas palabras: *In difficultatibus locorum Sacrae Scripturae ad orationem ieiunium adhibebat. Quin etiam sodali suo Fratri Reginaldo dicere solebat, quidquid sciret, non tam studio, aut labore suo peperisse, quam divinitus traditum accepisse.* Pues yo, tan distante de la virtud y las letras, ¿cómo había de tener ánimo para escribir? Y así por tener algunos principios granjeados, estudiaba continuamente diversas cosas, sin tener para alguna particular inclinación, sino para todas en general; por lo cual, el haber estudiado en unas más que en otras, no ha sido en mí elección, sino que el acaso de haber topado más a mano libros de aquellas facultades les ha dado, sin arbitrio mío, la preferencia. Y como no tenía interés que me moviese, ni límite de tiempo que me estrechase el continuado estudio de una cosa por la necesidad de los grados,

casi a un tiempo estudiaba diversas cosas o dejaba unas por otras; bien que en eso observaba orden, porque a unas llamaba estudio y a otras diversión; y en éstas descansaba de las otras: de donde se sigue que he estudiado muchas cosas y nada sé, porque las unas han embarazado a las otras. Es verdad que esto digo de la parte práctica en las que la tienen, porque claro está que mientras se mueve la pluma descansa el compás y mientras se toca el arpa sosiega el órgano, *et sic de caeteris*; porque como es menester mucho uso corporal para adquirir hábito, nunca le puede tener perfecto quien se reparte en varios ejercicios; pero en lo formal y especulativo sucede al contrario, y quisiera yo persuadir a todos con mi experiencia a que no sólo no estorban, pero se ayudan dando luz y abriendo camino las unas para las otras, por variaciones y ocultos engarces —que para esta cadena universal les puso la sabiduría de su Autor—, de manera que parece se corresponden y están unidas con admirable trabazón y concierto. Es la cadena que fingieron los antiguos que salía de la boca de Júpiter, de donde pendían todas las cosas eslabonadas unas con otras. Así lo demuestra el R. P. Atanasio Quirqueiro en su curioso libro *De Magnete*. Todas las cosas salen de Dios, que es el centro a un tiempo y la circunferencia de donde salen y donde paran todas las líneas criadas.

Yo de mí puedo asegurar que lo que no entiendo en un autor de una facultad, lo suelo entender en otro de otra que parece muy distante; y esos propios, al explicarse, abren ejemplos metafóricos de otras artes: como cuando dicen los lógicos que el medio se ha con los términos como se ha una medida con dos cuerpos distantes, para conferir si son iguales o no; y que la oración del lógico anda como la línea recta, por el camino más breve, y la del retórico se mueve, como la corva, por el más largo, pero van a un mismo punto los dos; y cuando dicen que los expositores son como la mano abierta y los escolásticos como el puño cerrado. Y así no es disculpa, ni por tal la doy, el haber estudiado diversas cosas, pues éstas antes se ayudan, sino que el no haber aprovechado ha sido ineptitud mía y debilidad de mi entendimiento, no culpa de la variedad. Lo que sí pudiera ser descargo mío es el sumo trabajo no sólo en carecer de maestro, sino de condiscípulos con quienes conferir y ejercitar lo estudiado, teniendo sólo por maestro un libro mudo, por condiscípulo un tintero insensible; y en vez de explicación y ejercicio muchos estorbos, no sólo los de mis religiosas obligaciones (que éstas ya se sabe cuán útil y provechosamente gastan el tiempo) sino de aquellas cosas accesorias de una comunidad: como estar yo leyendo y antojárseles en la celda vecina tocar y cantar;

estar yo estudiando y pelear dos criadas y venirme a constituir juez de su pendencia; estar yo escribiendo y venir una amiga a visitarme, haciéndome muy mala obra con muy buena voluntad, donde es preciso no sólo admitir el embarazo, pero quedar agradecida del perjuicio. Y esto es continuamente, porque como los ratos que destino a mi estudio son los que sobran de lo regular de la comunidad, esos mismos les sobran a las otras para venirme a estorbar; y sólo saben cuánta verdad es ésta los que tienen experiencia de vida común, donde sólo la fuerza de la vocación puede hacer que mi natural esté gustoso, y el mucho amor que hay entre mí y mis amadas hermanas, que como el amor es unión, no hay para él extremos distantes.

En esto sí confieso que ha sido inexplicable mi trabajo; y así no puedo decir lo que con envidia oigo a otros: que no les ha costado afán el saber. ¡Dichosos ellos! A mí, no el saber (que aún no sé), sólo el desear saber me le ha costado tan grande que pudiera decir con mi Padre San Jerónimo (aunque no con su aprovechamiento): *Quid ibi laboris insumpserim, quid sustinuerim difficultatis, quoties desperaverim, quotiesque cessaverim et contentione discendi rursus inceperim; testis est conscientia, tam mea, qui passus sum, quam eorum qui mecum duxerunt vitam.* Menos los compañeros y testigos (que aun de ese alivio he carecido), lo demás bien puedo asegurar con verdad. ¡Y que haya sido tal esta mi negra inclinación, que todo lo haya vencido!

Solía sucederme que, como entre otros beneficios, debo a Dios un natural tan blando y tan afable y las religiosas me aman mucho por él (sin reparar, como buenas, en mis faltas) y con esto gustan mucho de mi compañía, conociendo esto y movida del grande amor que las tengo, con mayor motivo que ellas a mí, gusto más de la suya: así, me solía ir los ratos que a unas y a otras nos sobraban, a consolarlas y recrearme con su conversación. Reparé que en este tiempo hacía falta a mi estudio, y hacía voto de no entrar en celda alguna si no me obligase a ello la obediencia o la caridad: porque, sin este freno tan duro, al de sólo propósito le rompiera el amor; y este voto (conociendo mi fragilidad) le hacía por un mes o por quince días; y dando cuando se cumplía, un día o dos de treguas, lo volvía a renovar, sirviendo este día, no tanto a mi descanso (pues nunca lo ha sido para mí el no estudiar) cuanto a que no me tuviesen por áspera, retirada e ingrata al no merecido cariño de mis carísimas hermanas.

Bien se deja en esto conocer cuál es la fuerza de mi inclinación. Bendito sea Dios que quiso fuese hacia las letras y no hacia otro vicio, que fuera en mí casi

insuperable; y bien se infiere también cuán contra la corriente han navegado (o por mejor decir, han naufragado) mis pobres estudios. Pues aún falta por referir lo más arduo de las dificultades; que las de hasta aquí sólo han sido estorbos obligatorios y casuales, que indirectamente lo son; y faltan los positivos que directamente han tirado a estorbar y prohibir el ejercicio. ¿Quién no creerá, viendo tan generales aplausos, que he navegado viento en popa y mar en leche, sobre las palmas de las aclamaciones comunes? Pues Dios sabe que no ha sido muy así, porque entre las flores de esas mismas aclamaciones se han levantado y despertado tales áspides de emulaciones y persecuciones, cuantas no podré contar, y los que más nocivos y sensibles para mí han sido, no son aquéllos que con declarado odio y malevolencia me han perseguido, sino los que amándome y deseando mi bien (y por ventura, mereciendo mucho con Dios por la buena intención), me han mortificado y atormentado más que los otros, con aquel: "No conviene a la santa ignorancia que deben, este estudio; se ha de perder, se ha de desvanecer en tanta altura con su misma perspicacia y agudeza". ¿Qué me habrá costado resistir esto? ¡Rara especie de martirio donde yo era el mártir y me era el verdugo!

Pues por la --en mí dos veces infeliz-- habilidad de hacer versos, aunque fuesen sagrados, ¿qué pesadumbres no me han dado o cuáles no me han dejado de dar? Cierto, señora mía, que algunas veces me pongo a considerar que el que se señala --o le señala Dios, que es quien sólo lo puede hacer-- es recibido como enemigo común, porque parece a algunos que usurpa los aplausos que ellos merecen o que hace estanque de las admiraciones a que aspiraban, y así le persiguen.

Aquella ley políticamente bárbara de Atenas, por la cual salía desterrado de su república el que se señalaba en prendas y virtudes porque no tiranizase con ellas la libertad pública, todavía dura, todavía se observa en nuestros tiempos, aunque no hay ya aquel motivo de los atenienses; pero hay otro, no menos eficaz aunque no tan bien fundado, pues parece máxima del impío Maquiavelo: que es aborrecer al que se señala porque desluzca a otros. Así sucede y así sucedió siempre.

Y si no, ¿cuál fue la causa de aquel rabioso odio de los fariseos contra Cristo, habiendo tantas razones para lo contrario? Porque si miramos su presencia, ¿cuál prenda más amable que aquella divina hermosura? ¿Cuál más poderosa para arrebatarse los corazones? Si cualquiera belleza humana tiene jurisdicción sobre los albedríos y con blanda y apetecida violencia los sabe sujetar, ¿qué haría aquélla con

tantas prerrogativas y dotes soberanos? ¿Qué haría, qué movería y qué no haría y qué no movería aquella incomprendible beldad, por cuyo hermoso rostro, como por un terso cristal, se estaban transparentando los rayos de la Divinidad? ¿Qué no movería aquel semblante, que sobre incomparables perfecciones en lo humano, señalaba iluminaciones de divino? Si el de Moisés, de sólo la conversación con Dios, era intolerable a la flaqueza de la vista humana, ¿qué sería el del mismo Dios humanado? Pues si vamos a las demás prendas, ¿cuál más amable que aquella celestial modestia, que aquella suavidad y blandura derramando misericordias en todos sus movimientos, aquella profunda humildad y mansedumbre, aquellas palabras de vida eterna y eterna sabiduría? Pues ¿cómo es posible que esto no les arrebatara las almas, que no fuesen enamorados y elevados tras él?

Dice la Santa Madre y madre mía Teresa, que después que vio la hermosura de Cristo quedó libre de poderse inclinar a criatura alguna, porque ninguna cosa veía que no fuese fealdad, comparada con aquella hermosura. Pues ¿cómo en los hombres hizo tan contrarios efectos? Y ya que como toscos y viles no tuvieran conocimiento ni estimación de sus perfecciones, siquiera como interesables ¿no les moviera sus propias conveniencias y utilidades en tantos beneficios como les hacía, sanando los enfermos, resucitando los muertos, curando los endemoniados? Pues ¿cómo no le amaban? ¡Ay Dios, que por eso mismo no le amaban, por eso mismo le aborrecían! Así lo testificaron ellos mismos.

Júntanse en su concilio y dicen: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* ¿Hay tal causa? Si dijeran: éste es un malhechor, un transgresor de la ley, un alborotador que con engaños alborota el pueblo, mintieran, como mintieron cuando lo decían; pero eran causales más congruentes a lo que solicitaban, que era quitarle la vida; mas dar por causal que hace cosas señaladas, no parece de hombres doctos, cuales eran los fariseos. Pues así es, que cuando se apasionan los hombres doctos prorrumpen en semejantes inconsecuencias. En verdad que sólo por eso salió determinado que Cristo muriese. Hombres, si es que así se os puede llamar, siendo tan brutos, ¿por qué es esa tan cruel determinación? No responden más sino que *multa signa facit*. ¡Válgame Dios, que el hacer cosas señaladas es causa para que uno muera! Haciendo reclamo este *multa signa facit* a aquel: *radix lesse, qui stat in signum populorum*, y al otro: *in signum cui contradicetur*. ¿Por signo? ¡Pues muera! ¿Señalado? ¡Pues padezca, que eso es el premio de quien se señala!

Suelen en la eminencia de los templos colocarse por adorno unas figuras de los Vientos y de la Fama, y por defenderlas de las aves, las llenan todas de púas; defensa parece y no es sino propiedad forzosa: no puede estar sin púas que la puncen quien está en alto. Allí está la ojeriza del aire; allí es el rigor de los elementos; allí despican la cólera los rayos; allí es el blanco de piedras y flechas. ¡Oh infeliz altura, expuesta a tantos riesgos! ¡Oh signo que te ponen por blanco de la envidia y por objeto de la contradicción! Cualquiera eminencia, ya sea de dignidad, ya de nobleza, ya de riqueza, ya de hermosura, ya de ciencia, padece esta pensión; pero la que con más rigor la experimenta es la del entendimiento. Lo primero, porque es el más indefenso, pues la riqueza y el poder castigan a quien se les atreve, y el entendimiento no, pues mientras es mayor es más modesto y sufrido y se defiende menos. Lo segundo es porque, como dijo doctamente Gracián, las ventajas en el entendimiento lo son en el ser. No por otra razón es el ángel más que el hombre que porque entiende más; no es otro el exceso que el hombre hace al bruto, sino solo entender; y así como ninguno quiere ser menos que otro, así ninguno confiesa que otro entiende más, porque es consecuencia del ser más. Sufrirá uno y confesará que otro es más noble que él, que es más rico, que es más hermoso y aun que es más docto; pero que es más entendido apenas habrá quien lo confiese: *Rarus est, qui velit cedere ingenio*. Por eso es tan eficaz la batería contra esta prenda.

Cuando los soldados hicieron burla, entretenimiento y diversión de Nuestro Señor Jesucristo, trajeron una púrpura vieja y una caña hueca y una corona de espinas para coronarle por rey de burlas. Pues ahora, la caña y la púrpura eran afrentosas, pero no dolorosas; pues ¿por qué sólo la corona es dolorosa? ¿No basta que, como las demás insignias, fuese de escarnio e ignominia, pues ése era el fin? No, porque la sagrada cabeza de Cristo y aquel divino cerebro eran depósito de la sabiduría; y cerebro sabio en el mundo no basta que esté escarnecido, ha de estar también lastimado y maltratado; cabeza que es erario de sabiduría no espere otra corona que de espinas. ¿Cuál guirnalda espera la sabiduría humana si ve la que obtuvo la divina? Coronaba la soberbia romana las diversas hazañas de sus capitanes también con diversas coronas: ya con la cívica al que defendía al ciudadano; ya con la castrense al que entraba en los reales enemigos; ya con la mural al que escalaba el muro; ya con la obsidional al que libraba la ciudad cercada o el ejército sitiado o el campo o en los reales; ya con la naval, ya con la oval, ya con la triunfal otras hazañas, según refieren Plinio y Aulo Gelio; mas viendo yo tantas

diferencias de coronas, dudaba de cuál especie sería la de Cristo, y me parece que fue obsidional, que (como sabéis, señora) era la más honrosa y se llamaba obsidional de obsidio, que quiere decir cerco; la cual no se hacía de oro ni de plata, sino de la misma grama o yerba que cría el campo en que se hacía la empresa. Y como la hazaña de Cristo fue hacer levantar el cerco al Príncipe de las Tinieblas, el cual tenía sitiada toda la tierra, como lo dice en el libro de Job: *Circuivi terram et ambulavi per eam* y de él dice San Pedro: *Circuit, quaerens quem devoret*; y vino nuestro caudillo y le hizo levantar el cerco: *nunc princeps huius mundi eiicietur foras*, así los soldados le coronaron no con oro ni plata, sino con el fruto natural que producía el mundo que fue el campo de la lid, el cual, después de la maldición, *spinas et tribulos germinabit tibi*, no producía otra cosa que espinas; y así fue propísima corona de ellas en el valeroso y sabio vencedor con que le coronó su madre la Sinagoga; saliendo a ver el doloroso triunfo, como al del otro Salomón festivas, a éste llorosas las hijas de Sión, porque es el triunfo de sabio obtenido con dolor y celebrado con llanto, que es el modo de triunfar la sabiduría; siendo Cristo, como rey de ella, quien estrenó la corona, porque santificada en sus sienes, se quite el horror a los otros sabios y entiendan que no han de aspirar a otro honor.

Quiso la misma Vida ir a dar la vida a Lázaro difunto; ignoraban los discípulos el intento y le replicaron: *Rabbi, nunc quaerebant te Iudaei lapidare, et iterum vadis illuc?* Satisfizo el Redentor el temor: *Nonne duodecim sunt horae diei?* Hasta aquí, parece que temían porque tenían el antecedente de quererle apedrear porque les había reprendido llamándoles ladrones y no pastores de las ovejas. Y así, temían que si iba a lo mismo (como las reprensiones, aunque sean tan justas, suelen ser mal reconocidas), corriese peligro su vida; pero ya desengañados y enterados de que va a dar vida a Lázaro, ¿cuál es la razón que pudo mover a Tomás para que tomando aquí los alientos que en el huerto Pedro: *Eamus et nos, ut moriamur cum eo*. ¿Qué dices, apóstol santo? A morir no va el Señor, ¿de qué es el recelo? Porque a lo que Cristo va no es a reprender, sino a hacer una obra de piedad, y por esto no le pueden hacer mal. Los mismos judíos os podían haber asegurado, pues cuando los reconvinó, queriéndole apedrear: *Multa bona opera ostendi vobis ex Patre meo, propter quod eorum opus me lapidatis?*, le respondieron: *De bono opere non lapidamus te, sed de blasphemia*. Pues si ellos dicen que no le quieren apedrear por las buenas obras y ahora va a hacer una tan buena como dar la vida a Lázaro, ¿de qué es el recelo o por qué? ¿No fuera mejor decir: Vamos a gozar el fruto del

agradecimiento de la buena obra que va a hacer nuestro Maestro; a verle aplaudir y rendir gracias al beneficio; a ver las admiraciones que hacen del milagro? Y no decir, al parecer una cosa tan fuera del caso como es: *Eamus et nos, ut moriamur cum eo*. Mas ¡ay! que el Santo temió como discreto y habló como apóstol. ¿No va Cristo a hacer un milagro? Pues ¿qué mayor peligro? Menos intolerable es para la soberbia oír las reprensiones, que para la envidia ver los milagros. En todo lo dicho, venerable señora, no quiero (ni tal desatino cupiera en mí) decir que me han perseguido por saber, sino sólo porque he tenido amor a la sabiduría y a las letras, no porque haya conseguido ni uno ni otro.

Hallábase el Príncipe de los Apóstoles, en un tiempo, tan distante de la sabiduría como pondera aquel enfático: *Petrus vero sequebatur eum a longe*; tan lejos de los aplausos de docto quien tenía el título de indiscreto: *Nesciens quid diceret*, y aun examinado del conocimiento de la sabiduría dijo él mismo que no había alcanzado la menor noticia: *Mulier, nescio quid dicis. Mulier, non novi illum*. Y ¿qué le sucede? Que teniendo estos créditos de ignorante, no tuvo la fortuna, sí las aflicciones, de sabio. ¿Por qué? No se dio otra causal sino: *Et hic cum illo erat*. Era afecto a la sabiduría, llevábale el corazón, andábase tras ella, preciábase de seguidor y amoroso de la sabiduría; y aunque era tan *a longe* que no le comprendía ni alcanzaba, bastó para incurrir sus tormentos. Ni faltó soldado de fuera que no le afligiese, ni mujer doméstica que no le aquejase. Yo confieso que me hallo muy distante de los términos de la sabiduría y que la he deseado seguir, aunque *a longe*. Pero todo ha sido acercarme más al fuego de la persecución, al crisol del tormento; y ha sido con tal extremo que han llegado a solicitar que se me prohíba el estudio.

Una vez lo consiguieron una prelada muy santa y muy cándida que creyó que el estudio era cosa de Inquisición y me mandó que no estudiase. Yo la obedecí (unos tres meses que duró el poder ella mandar) en cuanto a no tomar libro, que en cuanto a no estudiar absolutamente, como no cae debajo de mi potestad, no lo pude hacer, porque aunque no estudiaba en los libros, estudiaba en todas las cosas que Dios crió, sirviéndome ellas de letras, y de libro toda esta máquina universal. Nada veía sin refleja; nada oía sin consideración, aun en las cosas más menudas y materiales; porque como no hay criatura, por baja que sea, en que no se conozca el *me fecit Deus*, no hay alguna que no pame el entendimiento, si se considera como se debe. Así yo, vuelvo a decir, las miraba y admiraba todas; de tal manera que de las mismas personas con quienes hablaba, y de lo que me decían, me estaban

resaltando mil consideraciones: ¿De dónde emanaría aquella variedad de genios e ingenios, siendo todos de una especie? ¿Cuáles serían los temperamentos y ocultas cualidades que lo ocasionaban? Si veía una figura, estaba combinando la proporción de sus líneas y mediándola con el entendimiento y reduciéndola a otras diferentes. Paseábame algunas veces en el testero de un dormitorio nuestro (que es una pieza muy capaz) y estaba observando que siendo las líneas de sus dos lados paralelas y su techo a nivel, la vista fingía que sus líneas se inclinaban una a otra y que su techo estaba más bajo en lo distante que en lo próximo: de donde infería que las líneas visuales corren rectas, pero no paralelas, sino que van a formar una figura piramidal. Y discurría si sería ésta la razón que obligó a los antiguos a dudar si el mundo era esférico o no. Porque, aunque lo parece, podía ser engaño de la vista, demostrando concavidades donde pudiera no haberlas.

Este modo de reparos en todo me sucedía y sucede siempre, sin tener yo arbitrio en ello, que antes me suelo enfadar porque me cansa la cabeza; y yo creía que a todos sucedía esto mismo y el hacer versos, hasta que la experiencia me ha mostrado lo contrario; y es de tal manera esta naturaleza o costumbre, que nada veo sin segunda consideración. Estaban en mi presencia dos niñas jugando con un trompo, y apenas yo vi el movimiento y la figura, cuando empecé, con esta mi locura, a considerar el fácil moto de la forma esférica, y cómo duraba el impulso ya impreso e independiente de su causa, pues distante la mano de la niña, que era la causa motiva, bailaba el trompillo; y no contenta con esto, hice traer harina y cernerla para que, en bailando el trompo encima, se conociese si eran círculos perfectos o no los que describía con su movimiento; y hallé que no eran sino unas líneas espirales que iban perdiendo lo circular cuanto se iba remitiendo el impulso. Jugaban otras a los alfileres (que es el más frívolo juego que usa la puerilidad); yo me llegaba a contemplar las figuras que formaban; y viendo que acaso se pusieron tres en triángulo, me ponía a enlazar uno en otro, acordándome de que aquélla era la figura que dicen tenía el misterioso anillo de Salomón, en que había unas lejanas luces y representaciones de la Santísima Trinidad, en virtud de lo cual obraba tantos prodigios y maravillas; y la misma que dicen tuvo el arpa de David, y que por eso sanaba Saúl a su sonido; y casi la misma conservan las arpas en nuestros tiempos.

Pues ¿qué os pudiera contar, Señora, de los secretos naturales que he descubierto estando guisando? Veo que un huevo se une y fríe en la manteca o aceite y, por contrario, se despedaza en el almíbar; ver que para que el azúcar se

conserva fluida basta echarle una muy mínima parte de agua en que haya estado membrillo u otra fruta agria; ver que la yema y clara de un mismo huevo son tan contrarias, que en los unos, que sirven para el azúcar, sirve cada una de por sí y juntos no. Por no cansaros con tales frialdades, que sólo refiero por daros entera noticia de mi natural y creo que os causará risa; pero, señora, ¿qué podemos saber las mujeres sino filosofías de cocina? Bien dijo Lupercio Leonardo, que bien se puede filosofar y aderezar la cena. Y yo suelo decir viendo estas cosillas: Si Aristóteles hubiera guisado, mucho más hubiera escrito. Y prosiguiendo en mi modo de cogitaciones, digo que esto es tan continuo en mí, que no necesito de libros; y en una ocasión que, por un grave accidente de estómago, me prohibieron los médicos el estudio, pasé así algunos días, y luego les propuse que era menos dañoso el concedérmelos, porque eran tan fuertes y vehementes mis cogitaciones, que consumían más espíritus en un cuarto de hora que el estudio de los libros en cuatro días; y así se redujeron a concederme que leyese; y más, Señora mía, que ni aun el sueño se libró de este continuo movimiento de mi imaginativa; antes suele obrar en él más libre y desembarazada, confiriendo con mayor claridad y sosiego las especies que ha conservado del día, arguyendo, haciendo versos, de que os pudiera hacer un catálogo muy grande, y de algunas razones y delgadezas que he alcanzado dormida mejor que despierta, y las dejo por no cansaros, pues basta lo dicho para que vuestra discreción y transcendencia penetre y se entere perfectamente en todo mi natural y del principio, medios y estado de mis estudios.

Si éstos, Señora, fueran méritos (como los veo por tales celebrar en los hombres), no lo hubieran sido en mí, porque obro necesariamente. Si son culpa, por la misma razón creo que no la he tenido; mas, con todo, vivo siempre tan desconfiada de mí, que ni en esto ni en otra cosa me fío de mi juicio; y así remito la decisión a ese soberano talento, sometiéndome luego a lo que sentenciare, sin contradicción ni repugnancia, pues esto no ha sido más de una simple narración de mi inclinación a las letras.

Confieso también que con ser esto verdad tal que, como he dicho, no necesitaba de ejemplares, con todo no me han dejado de ayudar los muchos que he leído, así en divinas como en humanas letras. Porque veo a una Débora dando leyes, así en lo militar como en lo político, y gobernando el pueblo donde había tantos varones doctos. Veo una sapientísima reina de Sabá, tan docta que se atreve a tentar con enigmas la sabiduría del mayor de los sabios, sin ser por ello

reprendida, antes por ello será juez de los incrédulos. Veo tantas y tan insignes mujeres: unas adornadas del don de profecía, como una Abigaíl; otras de persuasión, como Ester; otras, de piedad, como Rahab; otras de perseverancia, como Ana, madre de Samuel; y otras infinitas, en otras especies de prendas y virtudes.

Si revuelvo a los gentiles, lo primero que encuentro es con las Sibilas, elegidas de Dios para profetizar los principales misterios de nuestra Fe; y en tan doctos y elegantes versos que suspenden la admiración. Veo adorar por diosa de las ciencias a una mujer como Minerva, hija del primer Júpiter y maestra de toda la sabiduría de Atenas. Veo una Pola Argentaria, que ayudó a Lucano, su marido, a escribir la gran Batalla Farsálica. Veo a la hija del divino Tiresias, más docta que su padre. Veo a una Cenobia, reina de los Palmirenos, tan sabia como valerosa. A una Arete, hija de Aristipo, doctísima. A una Nicostrata, inventora de las letras latinas y eruditísima en las griegas. A una Aspasia Milesia que enseñó filosofía y retórica y fue maestra del filósofo Pericles. A una Hipasia que enseñó astrología y leyó mucho tiempo en Alejandría. A una Leoncia, griega, que escribió contra el filósofo Teofrasto y le convenció. A una Jucia, a una Corina, a una Cornelia; y en fin a toda la gran turba de las que merecieron nombres, ya de griegas, ya de musas, ya de pitonisas; pues todas no fueron más que mujeres doctas, tenidas y celebradas y también veneradas de la antigüedad por tales. Sin otras infinitas, de que están los libros llenos, pues veo aquella egipciaca Catarina, leyendo y convenciendo todas las sabidurías de los sabios de Egipto. Veo una Gertrudis leer, escribir y enseñar. Y para no buscar ejemplos fuera de casa, veo una santísima madre mía, Paula, docta en las lenguas hebrea, griega y latina y aptísima para interpretar las Escrituras. ¿Y qué más que siendo su cronista un Máximo Jerónimo, apenas se hallaba el Santo digno de serlo, pues con aquella viva ponderación y enérgica eficacia con que sabe explicarse dice: Si todos los miembros de mi cuerpo fuesen lenguas, no bastarían a publicar la sabiduría y virtud de Paula. Las mismas alabanzas le mereció Blesila, viuda; y las mismas la esclarecida virgen Eustoquio, hijas ambas de la misma Santa; y la segunda, tal, que por su ciencia era llamada Prodigio del Mundo. Fabiola, romana, fue también doctísima en la Sagrada Escritura. Proba Falconia, mujer romana, escribió un elegante libro con centones de Virgilio, de los misterios de Nuestra Santa Fe. Nuestra reina Doña Isabel, mujer del décimo Alfonso, es corriente que escribió de astrología. Sin otras que omito por no trasladar lo que otros han

dicho (que es vicio que siempre he abominado), pues en nuestros tiempos está floreciendo la gran Cristina Alejandra, Reina de Suecia, tan docta como valerosa y magnánima, y las Excelentísimas señoras Duquesa de Aveyro y Condesa de Villaumbrosa.

El venerable Doctor Arce (digno profesor de Escritura por su virtud y letras), en su Studioso Bibliorum excita esta cuestión: *An liceat foeminis sacrorum Bibliorum studio incumbere? eaque interpretari?* Y trae por la parte contraria muchas sentencias de santos, en especial aquello del Apóstol: *Mulieres in Ecclesiis taceant, non enim permittitur eis loqui*, etc. Trae después otras sentencias, y del mismo Apóstol aquel lugar ad Titum: *Anus similiter in habitu sancto, bene docentes*, con interpretaciones de los Santos Padres; y al fin resuelve, con su prudencia, que el leer públicamente en las cátedras y predicar en los púlpitos, no es lícito a las mujeres; pero que el estudiar, escribir y enseñar privadamente, no sólo les es lícito, pero muy provechoso y útil; claro está que esto no se debe entender con todas, sino con aquellas a quienes hubiere Dios dotado de especial virtud y prudencia y que fueren muy provecas y eruditas y tuvieren el talento y requisitos necesarios para tan sagrado empleo. Y esto es tan justo que no sólo a las mujeres, que por tan ineptas están tenidas, sino a los hombres, que con sólo serlo piensan que son sabios, se había de prohibir la interpretación de las Sagradas Letras, en no siendo muy doctos y virtuosos y de ingenios dóciles y bien inclinados; porque de lo contrario creo yo que han salido tantos sectarios y que ha sido la raíz de tantas herejías; porque hay muchos que estudian para ignorar, especialmente los que son de ánimos arrogantes, inquietos y soberbios, amigos de novedades en la Ley (que es quien las rehusa); y así hasta que por decir lo que nadie ha dicho dicen una herejía, no están contentos. De éstos dice el Espíritu Santo: *In malevolam animam non introibit sapientia*. A éstos, más daño les hace el saber que les hiciera el ignorar. Dijo un discreto que no es necio entero el que no sabe latín, pero el que lo sabe está calificado. Y añadido yo que le perfecciona (si es perfección la necedad) el haber estudiado su poco de filosofía y teología y el tener alguna noticia de lenguas, que con eso es necio en muchas ciencias y lenguas: porque un necio grande no cabe en sólo la lengua materna.

A éstos, vuelvo a decir, hace daño el estudiar, porque es poner espada en manos del furioso; que siendo instrumento nobilísimo para la defensa, en sus manos es muerte suya y de muchos. Tales fueron las Divinas Letras en poder del malvado

Pelagio y del protervo Arrio, del malvado Lutero y de los demás heresiarcas, como lo fue nuestro Doctor (nunca fue nuestro ni doctor) Cazalla; a los cuales hizo daño la sabiduría porque, aunque es el mejor alimento y vida del alma, a la manera que en el estómago mal acomplejado y de viciado calor, mientras mejores los alimentos que recibe, más áridos, fermentados y perversos son los humores que cría, así estos malévolos, mientras más estudian, peores opiniones engendran; obstrúyeseles el entendimiento con lo mismo que había de alimentarse, y es que estudian mucho y digieren poco, sin proporcionarse al vaso limitado de sus entendimientos. A esto dice el Apóstol: *Dico enim per gratiam quae data est mihi, omnibus qui sunt inter vos: Non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem: et unicuique sicut Deus divisit mensuram fidei.* Y en verdad no lo dijo el Apóstol a las mujeres, sino a los hombres; y que no es sólo para ellas el *taceant*, sino para todos los que no fueren muy aptos. Querer yo saber tanto o más que Aristóteles o que San Agustín, si no tengo la aptitud de San Agustín o de Aristóteles, aunque estudie más que los dos, no sólo no lo conseguiré sino que debilitaré y entorpeceré la operación de mi flaco entendimiento con la desproporción del objeto.

¡Oh si todos --y yo la primera, que soy una ignorante-- nos tomásemos la medida al talento antes de estudiar, y lo peor es, de escribir con ambiciosa codicia de igualar y aun de exceder a otros, qué poco ánimo nos quedara y de cuántos errores nos excusáramos y cuántas torcidas inteligencias que andan por ahí no anduvieran! Y pongo las mías en primer lugar, pues si conociera, como debo, esto mismo no escribiera. Y protesto que sólo lo hago por obedeceros; con tanto recelo, que me debéis más en tomar la pluma con este temor, que me debiéades si os remitiera más perfectas obras. Pero, bien que va a vuestra corrección; borradlo, rompedlo y reprendedme, que eso apreciaré yo más que todo cuanto vano aplauso me pueden otros dar: *Corripiet me iustus in misericordia, et increpabit: oleum autem peccatoris non impinguet caput meum.*

Y volviendo a nuestro Arce, digo que trae en confirmación de su sentir aquellas palabras de mi Padre San Jerónimo (*ad Laetam, de institutione filiae*), donde dice: *Adhuc tenera lingua psalmis dulcibus imbuatur. Ipsa nomina per quae consuescit paulatim verba contexere; non sint fortuita, sed certa, et coacervata de industria. Prophetarum videlicet, atque Apostolorum, et omnis ab Adam Patriarcharum series, de Matthaeo, Lucaque descendat, ut dum aliud agit, futurae memoriae praeparetur. Reddat tibi pensum quotidie, de Scripturarum floribus*

carptum. Pues si así quería el Santo que se educase una niña que apenas empezaba a hablar, ¿qué querrá en sus monjas y en sus hijas espirituales? Bien se conoce en las referidas Eustoquio y Fabiola y en Marcela, su hermana Pacátula y otras a quienes el Santo honra en sus epístolas, exhortándolas a este sagrado ejercicio, como se conoce en la citada epístola donde noté yo aquel *reddat tibi pensum*, que es reclamo y concordante del *bene docentes* de San Pablo; pues el *reddat tibi* de mi gran Padre da a entender que la maestra de la niña ha de ser la misma Leta su madre.

¡Oh cuántos daños se excusaran en nuestra república si las ancianas fueran doctas como Leta, y que supieran enseñar como manda San Pablo y mi Padre San Jerónimo! Y no que por defecto de esto y la suma flojedad en que han dado en dejar a las pobres mujeres, si algunos padres desean doctrinar más de lo ordinario a sus hijas, les fuerza la necesidad y falta de ancianas sabias, a llevar maestros hombres a enseñar a leer, escribir y contar, a tocar y otras habilidades, de que no pocos daños resultan, como se experimentan cada día en lastimosos ejemplos de desiguales consorcios, porque con la inmediatez del trato y la comunicación del tiempo, suele hacerse fácil lo que no se pensó ser posible. Por lo cual, muchos quieren más dejar bárbaras e incultas a sus hijas que no exponerlas a tan notorio peligro como la familiaridad con los hombres, lo cual se excusara si hubiera ancianas doctas, como quiere San Pablo, y de unas en otras fuese sucediendo el magisterio como sucede en el de hacer labores y lo demás que es costumbre.

Porque ¿qué inconveniente tiene que una mujer anciana, docta en letras y de santa conversación y costumbres, tuviese a su cargo la educación de las doncellas? Y no que éstas o se pierden por falta de doctrina o por querérsela aplicar por tan peligrosos medios cuales son los maestros hombres, que cuando no hubiera más riesgo que la indecencia de sentarse al lado de una mujer verecunda (que aun se sonrosea de que la mire a la cara su propio padre) un hombre tan extraño, a tratarla con casera familiaridad y a tratarla con magistral llaneza, el pudor del trato con los hombres y de su conversación basta para que no se permitiese. Y no hallo yo que este modo de enseñar de hombres a mujeres pueda ser sin peligro, si no es en el severo tribunal de un confesonario o en la distante docencia de los púlpitos o en el remoto conocimiento de los libros, pero no en el manoseo de la inmediatez. Y todos conocen que esto es verdad; y con todo, se permite sólo por el defecto de no haber ancianas sabias; luego es grande daño el no haberlas. Esto debían considerar los

que atados al *Mulieres in Ecclesia taceant*, blasfeman de que las mujeres sepan y enseñen; como que no fuera el mismo Apóstol el que dijo: *bene docentes*. Demás de que aquella prohibición cayó sobre lo historial que refiere Eusebio, y es que en la Iglesia primitiva se ponían las mujeres a enseñar las doctrinas unas a otras en los templos; y este rumor confundía cuando predicaban los apóstoles y por eso se les mandó callar; como ahora sucede, que mientras predica el predicador no se reza en alta voz.

No hay duda de que para inteligencia de muchos lugares es menester mucha historia, costumbres, ceremonias, proverbios y aun maneras de hablar de aquellos tiempos en que se escribieron, para saber sobre qué caen y a qué aluden algunas locuciones de las divinas letras. *Scindite corda vestra, et non vestimenta vestra*, ¿no es alusión a la ceremonia que tenían los hebreos de rasgar los vestidos, en señal de dolor, como lo hizo el mal pontífice cuando dijo que Cristo había blasfemado? Muchos lugares del Apóstol sobre el socorro de las viudas ¿no miraban también a las costumbres de aquellos tiempos? Aquel lugar de la mujer fuerte: *Nobilis in portis vir eius* ¿no alude a la costumbre de estar los tribunales de los jueces en las puertas de las ciudades? El *dare terram Deo* ¿no significaba hacer algún voto? *Hiemantes* ¿no se llamaban los pecadores públicos, porque hacían penitencia a cielo abierto, a diferencia de los otros que la hacían en un portal? Aquella queja de Cristo al fariseo de la falta del ósculo y lavatorio de pies ¿no se fundó en la costumbre que de hacer estas cosas tenían los judíos? Y otros infinitos lugares no sólo de las letras divinas sino también de las humanas, que se topan a cada paso, como el *adorate purpuram*, que significaba obedecer al rey; el *manumittere eum*, que significa dar libertad, aludiendo a la costumbre y ceremonia de dar una bofetada al esclavo para darle libertad. Aquel *intonuit coelum*, de Virgilio, que alude al agüero de tronar hacia occidente, que se tenía por bueno. Aquel *tu nunquam leporem edisti*, de Marcial, que no sólo tiene el donaire de equívoco en el *leporem*, sino la alusión a la propiedad que decían tener la liebre. Aquel proverbio: *Maleam legens, quae sunt domi obliviscere*, que alude al gran peligro del promontorio de Laconia. Aquella respuesta de la casta matrona al pretensor molesto, de: "por mí no se untarán los quicios, ni arderán las teas", para decir que no quería casarse, aludiendo a la ceremonia de untar las puertas con manteca y encender las teas nupciales en los matrimonios; como si ahora dijéramos: por mí no se gastarán arras ni echará bendiciones el cura. Y así hay tanto comento de Virgilio y de Homero y de todos los poetas y oradores.

Pues fuera de esto, ¿qué dificultades no se hallan en los lugares sagrados, aun en lo gramatical, de ponerse el plural por singular, de pasar de segunda a tercera persona, como aquello de los Cantares: *osculetur me osculo oris sui: quia meliora sunt ubera tua vino?* Aquel poner los adjetivos en genitivo, en vez de acusativo, como *Calicem salutaris accipiam?* Aquel poner el femenino por masculino; y, al contrario, llamar adulterio a cualquier pecado?

Todo esto pide más lección de lo que piensan algunos que, de meros gramáticos, o cuando mucho con cuatro términos de Súmeras, quieren interpretar las Escrituras y se aferran del *Mulieres in Ecclesiis taceant*, sin saber cómo se ha de entender. Y de otro lugar: *Mulier in silentio discat*; siendo este lugar más en favor que en contra de las mujeres, pues manda que aprendan, y mientras aprenden claro está que es necesario que callen. Y también está escrito: *Audi Israel, et tace*; donde se habla con toda la colección de los hombres y mujeres, y a todos se manda callar, porque quien oye y aprende es mucha razón que atienda y calle. Y si no, yo quisiera que estos intérpretes y expositores de San Pablo me explicaran cómo entienden aquel lugar: *Mulieres in Ecclesia taceant*. Porque o lo han de entender de lo material de los púlpitos y cátedras, o de lo formal de la universalidad de los fieles, que es la Iglesia. Si lo entienden de lo primero (que es, en mi sentir, su verdadero sentido, pues vemos que, con efecto, no se permite en la Iglesia que las mujeres lean públicamente ni prediquen), ¿por qué reprenden a las que privadamente estudian? Y si lo entienden de lo segundo y quieren que la prohibición del Apóstol sea trascendentalmente, que ni en lo secreto se permita escribir ni estudiar a las mujeres, ¿cómo vemos que la Iglesia ha permitido que escriba una Gertrudis, una Teresa, una Brígida, la monja de Ágreda y otras muchas? Y si me dicen que éstas eran santas, es verdad, pero no obsta a mi argumento; lo primero, porque la proposición de San Pablo es absoluta y comprende a todas las mujeres sin excepción de santas, pues también en su tiempo lo eran Marta y María, Marcela, María madre de Jacob, y Salomé, y otras muchas que había en el fervor de la primitiva Iglesia, y no las exceptúa; y ahora vemos que la Iglesia permite escribir a las mujeres santas y no santas, pues la de Ágreda y María de la Antigua no están canonizadas y corren sus escritos; y ni cuando Santa Teresa y las demás escribieron, lo estaban: luego la prohibición de San Pablo sólo miró a la publicidad de los púlpitos, pues si el Apóstol prohibiera el escribir, no lo permitiera la Iglesia. Pues ahora, yo no me atrevo a enseñar --que fuera en mí muy desmedida

presunción--; y el escribir, mayor talento que el mío requiere y muy grande consideración. Así lo dice San Cipriano: *Gravi consideratione indigent, quae scribimus*. Lo que sólo he deseado es estudiar para ignorar menos: que, según San Agustín, unas cosas se aprenden para hacer y otras para sólo saber: *Discimus quaedam, ut sciamus; quaedam, ut faciamus*. Pues ¿en qué ha estado el delito, si aun lo que es lícito a las mujeres, que es enseñar escribiendo, no hago yo porque conozco que no tengo caudal para ello, siguiendo el consejo de Quintiliano: *Noscat quisque, et non tantum ex alienis praeceptis, sed ex natura sua capiat consilium?*

Si el crimen está en la Carta Atenagórica, ¿fue aquélla más que referir sencillamente mi sentir con todas las venias que debo a nuestra Santa Madre Iglesia? Pues si ella, con su santísima autoridad, no me lo prohíbe, ¿por qué me lo han de prohibir otros? ¿Llevar una opinión contraria de Vieyra fue en mí atrevimiento, y no lo fue en su Paternidad llevarla contra los tres Santos Padres de la Iglesia? Mi entendimiento tal cual ¿no es tan libre como el suyo, pues viene de un solar? ¿Es alguno de los principios de la Santa Fe, revelados, su opinión, para que la hayamos de creer a ojos cerrados? Demás que yo ni falté al decoro que a tanto varón se debe, como acá ha faltado su defensor, olvidado de la sentencia de Tito Lucio: *Artes committatur decor*; ni toqué a la Sagrada Compañía en el pelo de la ropa; ni escribí más que para el juicio de quien me lo insinuó; y según Plinio, *non similis est conditio publicantis, et nominatim dicentis*. Que si creyera se había de publicar, no fuera con tanto desaliño como fue. Si es, como dice el censor, herética, ¿por qué no la delata? y con eso él quedará vengado y yo contenta, que aprecio, como debo, más el nombre de católica y de obediente hija de mi Santa Madre Iglesia, que todos los aplausos de docta. Si está bárbara --que en eso dice bien--, ríase, aunque sea con la risa que dicen del conejo, que yo no le digo que me aplauda, pues como yo fui libre para disentir de Vieyra, lo será cualquiera para disentir de mi dictamen.

Pero ¿dónde voy, Señora mía? Que esto no es de aquí, ni es para vuestros oídos, sino que como voy tratando de mis impugnadores, me acordé de las cláusulas de uno que ha salido ahora, e insensiblemente se deslizó la pluma a quererle responder en particular, siendo mi intento hablar en general. Y así, volviendo a nuestro Arce, dice que conoció en esta ciudad dos monjas: la una en el convento de Regina, que tenía el Breviario de tal manera en la memoria, que aplicaba con grandísima prontitud y propiedad sus versos, salmos y sentencias de

homilias de los santos, en las conversaciones. La otra, en el convento de la Concepción, tan acostumbrada a leer las Epístolas de mi Padre San Jerónimo, y locuciones del Santo, de tal manera que dice Arce: *Hieronymum ipsum hispane loquentem audire me existimarem*. Y de ésta dice que supo, después de su muerte, había traducido dichas Epístolas en romance; y se duele de que tales talentos no se hubieran empleado en mayores estudios con principios científicos, sin decir los nombres de la una ni de la otra, aunque las trae para confirmación de su sentencia, que es que no sólo es lícito, pero utilísimo y necesario a las mujeres el estudio de las sagradas letras, y mucho más a las monjas, que es lo mismo a que vuestra discreción me exhorta y a que concurren tantas razones.

Pues si vuelvo los ojos a la tan perseguida habilidad de hacer versos —que en mí es tan natural, que aun me violento para que esta carta no lo sean, y pudiera decir aquello de *Quidquid conabar dicere, versus erat*—, viéndola condenar a tantos tanto y acriminar, he buscado muy de propósito cuál sea el daño que puedan tener, y no le he hallado; antes sí los veo aplaudidos en las bocas de las Sibilas; santificados en las plumas de los Profetas, especialmente del Rey David, de quien dice el gran expositor y amado Padre mío, dando razón de las mensuras de sus metros: *In morem Flacci et Pindari nunc iambo currit, nunc alcaico personat, nunc sapphico tumet, nunc semipede ingreditur*. Los más de los libros sagrados están en metro, como el Cántico de Moisés; y los de Job, dice San Isidoro, en sus Etimologías, que están en verso heroico. En los Epitalamios los escribió Salomón; en los Trenos, Jeremías. Y así dice Casiodoro: *Omnis poetica locutio a Divinis scripturis sumpsit exordium*. Pues nuestra Iglesia Católica no sólo no los desdeña, mas los usa en sus Himnos y recita los de San Ambrosio, Santo Tomás, de San Isidoro y otros. San Buenaventura les tuvo tal afecto que apenas hay plana suya sin versos. San Pablo bien se ve que los había estudiado, pues los cita, y traduce el de Arato: *In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus, y alega el otro de Parménides: Cretenses semper mendaces, malae bestiae, pigri*. San Gregorio Nacianceno disputa en elegantes versos las cuestiones de Matrimonio y la de la Virginidad. Y ¿qué me canso? La Reina de la Sabiduría y Señora nuestra, con sus sagrados labios, entonó el Cántico de la *Magnificat*; y habiéndola traído por ejemplar, agravio fuera traer ejemplos profanos, aunque sean de varones gravísimos y doctísimos, pues esto sobra para prueba; y el ver que, aunque como la elegancia hebrea no se pudo estrechar a la mensura latina, a cuya causa el traductor sagrado, más atento a

lo importante del sentido, omitió el verso, con todo, retienen los Salmos el nombre y divisiones de versos; pues ¿cuál es el daño que pueden tener ellos en sí? Porque el mal uso no es culpa del arte, sino del mal profesor que los vicia, haciendo de ellos lazos del demonio; y esto en todas las facultades y ciencias sucede.

Pues si está el mal en que los use una mujer, ya se ve cuántas los han usado loablemente; pues ¿en qué está el serlo yo? Confieso desde luego mi ruindad y vileza; pero no juzgo que se habrá visto una copla mía indecente. Demás, que yo nunca he escrito cosa alguna por mi voluntad, sino por ruegos y preceptos ajenos; de tal manera, que no me acuerdo haber escrito por mi gusto sino es un papelillo que llaman El Sueño. Esa carta que vos, Señora mía, honrasteis tanto, la escribí con más repugnancia que otra cosa; y así porque era de cosas sagradas a quienes (como he dicho) tengo reverente temor, como porque parecía querer impugnar, cosa a que tengo aversión natural. Y creo que si pudiera haber prevenido el dichoso destino a que nacía --pues, como a otro Moisés, la arrojé expósita a las aguas del Nilo del silencio, donde la halló y acarició una princesa como vos--; creo, vuelvo a decir, que si yo tal pensara, la ahogara antes entre las mismas manos en que nacía, de miedo de que pareciesen a la luz de vuestro saber los torpes borrones de mi ignorancia. De donde se conoce la grandeza de vuestra bondad, pues está aplaudiendo vuestra voluntad lo que precisamente ha de estar repugnando vuestro clarísimo entendimiento. Pero ya que su ventura la arrojó a vuestras puertas, tan expósita y huérfana que hasta el nombre le pusisteis vos, pésame que, entre más deformidades, llevase también los defectos de la prisa; porque así por la poca salud que continuamente tengo, como por la sobra de ocupaciones en que me pone la obediencia, y carecer de quien me ayude a escribir, y estar necesitada a que todo sea de mi mano y porque, como iba contra mi genio y no quería más que cumplir con la palabra a quien no podía desobedecer, no veía la hora de acabar; y así dejé de poner discursos enteros y muchas pruebas que se me ofrecían, y las dejé por no escribir más; que, a saber que se había de imprimir, no las hubiera dejado, siquiera por dejar satisfechas algunas objeciones que se han excitado, y pudiera remitir, pero no seré tan desatenta que ponga tan indecentes objetos a la pureza de vuestros ojos, pues basta que los ofenda con mis ignorancias, sin que los remita a ajenos atrevimientos. Si ellos por sí volaren por allá (que son tan livianos que sí harán), me ordenaréis lo que debo hacer; que, si no es interviniendo vuestros preceptos, lo que es por mi defensa nunca tomaré la pluma, porque me parece que no necesita de que

otro le responda, quien en lo mismo que se oculta conoce su error, pues, como dice mi Padre San Jerónimo, *bonus sermo secreta non quaerit*, y San Ambrosio: *latere crimosae est conscientiae*. Ni yo me tengo por impugnada, pues dice una regla del Derecho: *Accusatio non tenetur si non curat de persona, quae produxerit illam*. Lo que sí es de ponderar es el trabajo que le ha costado el andar haciendo traslados. ¡Rara demencia: cansarse más en quitarse el crédito que pudiera en granjearlo! Yo, Señora mía, no he querido responder; aunque otros lo han hecho, sin saberlo yo: basta que he visto algunos papeles, y entre ellos uno que por docto os remito y porque el leerle os desquite parte del tiempo que os he malgastado en lo que yo escribo. Si vos, Señora, gustáredes de que yo haga lo contrario de lo que tenía propuesto a vuestro juicio y sentir, al menor movimiento de vuestro gusto cederá, como es razón, mi dictamen que, como os he dicho, era de callar, porque aunque dice San Juan Crisóstomo: *calumniatores convincere oportet, interrogatores docere*, veo que también dice San Gregorio: *Victoria non minor est, hostes tolerare, quam hostes vincere*; y que la paciencia vence tolerando y triunfa sufriendo. Y si entre los gentiles romanos era costumbre, en la más alta cumbre de la gloria de sus capitanes --cuando entraban triunfando de las naciones, vestidos de púrpura y coronados de laurel, tirando el carro, en vez de brutos, coronadas frentes de vencidos reyes, acompañados de los despojos de las riquezas de todo el mundo y adornada la milicia vencedora de las insignias de sus hazañas, oyendo los aplausos populares en tan honrosos títulos y renombres como llamarlos Padres de la Patria, Columnas del Imperio, Muros de Roma, Amparos de la República y otros nombres gloriosos--, que en este supremo auge de la gloria y felicidad humana fuese un soldado, en voz alta diciendo al vencedor, como con sentimiento suyo y orden del Senado: Mira que eres mortal; mira que tienes tal y tal defecto; sin perdonar los más vergonzosos, como sucedió en el triunfo de César, que voceaban los más viles soldados a sus oídos: *Cavete romani, adducimus vobis adulterum calvum*. Lo cual se hacía porque en medio de tanta honra no se desvaneciese el vencedor, y porque el lastre de estas afrentas hiciese contrapeso a las velas de tantos aplausos, para que no peligrase la nave del juicio entre los vientos de las aclamaciones. Si esto, digo, hacían unos gentiles, con sola la luz de la Ley Natural, nosotros, católicos, con un precepto de amar a los enemigos, ¿qué mucho haremos en tolerarlos? Yo de mí puedo asegurar que las calumnias algunas veces me han mortificado, pero nunca me han hecho daño, porque yo tengo por muy necio al que teniendo ocasión de merecer, pasa el

trabajo y pierde el mérito, que es como los que no quieren conformarse al morir y al fin mueren sin servir su resistencia de excusar la muerte, sino de quitarles el mérito de la conformidad, y de hacer mala muerte la muerte que podía ser bien. Y así, Señora mía, estas cosas creo que aprovechan más que dañan, y tengo por mayor el riesgo de los aplausos en la flaqueza humana, que suelen apropiarse lo que no es suyo, y es menester estar con mucho cuidado y tener escritas en el corazón aquellas palabras del Apóstol: *Quid autem habes quod non accepisti? Si autem accepisti, quid gloriaris quasi non acceperis?*, para que sirvan de escudo que resista las puntas de las alabanzas, que son lanzas que, en no atribuyéndose a Dios, cuyas son, nos quitan la vida y nos hacen ser ladrones de la honra de Dios y usurpadores de los talentos que nos entregó y de los dones que nos prestó y de que hemos de dar estrechísima cuenta. Y así, Señora, yo temo más esto que aquello; porque aquello, con sólo un acto sencillo de paciencia, está convertido en provecho; y esto, son menester muchos actos reflexos de humildad y propio conocimiento para que no sea daño. Y así, de mí lo conozco y reconozco que es especial favor de Dios el conocerlo, para saberme portar en uno y en otro con aquella sentencia de San Agustín: *Amico laudanti credendum non est, sicut nec inimico detrahenti*. Aunque yo soy tal que las más veces lo debo de echar a perder o mezclarlo con tales defectos e imperfecciones, que vicio lo que de suyo fuera bueno. Y así, en lo poco que se ha impreso mío, no sólo mi nombre, pero ni el consentimiento para la impresión ha sido dictamen propio, sino libertad ajena que no cae debajo de mi dominio, como lo fue la impresión de la Carta Atenagórica; de suerte que solamente unos Ejercicios de la Encarnación y unos Ofrecimientos de los Dolores, se imprimieron con gusto mío por la pública devoción, pero sin mi nombre; de los cuales remito algunas copias, porque (si os parece) los repartáis entre nuestras hermanas las religiosas de esa santa comunidad y demás de esa ciudad. De los Dolores va sólo uno porque se han consumido ya y no pude hallar más. Hícelos sólo por la devoción de mis hermanas, años ha, y después se divulgaron; cuyos asuntos son tan improporcionados a mi tibieza como a mi ignorancia, y sólo me ayudó en ellos ser cosas de nuestra gran Reina: que no sé qué se tiene el que en tratando de María Santísima se enciende el corazón más helado. Yo quisiera, venerable Señora mía, remitiros obras dignas de vuestra virtud y sabiduría; pero como dijo el Poeta:

Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas: hac ego contentos, auguror esse Deos.

Si algunas otras cosillas escribiere, siempre irán a buscar el sagrado de vuestras plantas y el seguro de vuestra corrección, pues no tengo otra alhaja con que pagaros, y en sentir de Séneca, el que empezó a hacer beneficios se obligó a continuarlos; y así os pagaré a vos vuestra propia liberalidad, que sólo así puedo yo quedar dignamente desempeñada, sin que caiga en mí aquello del mismo Séneca: *Turpe est beneficiis vinci*. Que es bizarría del acreedor generoso dar al deudor pobre, con que pueda satisfacer la deuda. Así lo hizo Dios con el mundo imposibilitado de pagar: diole a su Hijo propio para que se le ofreciese por digna satisfacción.

Si el estilo, venerable Señora mía, de esta carta, no hubiere sido como a vos es debido, os pido perdón de la casera familiaridad o menos autoridad de que tratándoos como a una religiosa de velo, hermana mía, se me ha olvidado la distancia de vuestra ilustrísima persona, que a veros yo sin velo, no sucediera así; pero vos, con vuestra cordura y benignidad, supliréis o enmendaréis los términos, y si os pareciere incongruo el Vos de que yo he usado por parecerme que para la reverencia que os debo es muy poca reverencia la Reverencia, mudadlo en el que os pareciere decente a lo que vos merecéis, que yo no me he atrevido a exceder de los límites de vuestro estilo ni a romper el margen de vuestra modestia.

Y mantenedme en vuestra gracia, para impetrarme la divina, de que os conceda el Señor muchos aumentos y os guarde, como le suplico y he menester. De este convento de N. Padre San Jerónimo de Méjico, a primero día del mes de marzo de mil seiscientos y noventa y un años. B. V. M. vuestra más favorecida Juana Inés de la Cruz.

ANEXO D – En perseguirme, Mundo, ¿Qué interesas? PLANCARTE, Alfonso Méndez. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz: Lirica Personal*. Mexico: Fondo de cultura economica, 1988, v. I. p. 277-278, soneto 146.

En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?

En perseguirme, Mundo, ¿qué interesas?
¿En qué te ofendo, cuando sólo intento
poner bellezas en mi entendimiento
y no mi entendimiento en las bellezas?

Yo no estimo tesoros ni riquezas;
y así, siempre me causa más contento
poner riquezas en mi pensamiento
que no mi pensamiento en las riquezas.

Y no estimo hermosura que, vencida,
es despojo civil de las edades,
ni riqueza me agrada fementida,

teniendo por mejor, en mis verdades,
consumir vanidades de la vida
que consumir la vida en vanidades.

ANEXO E – ¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama. ALONSO, Dámaso (Org.). *Sor Juana Inés de la Cruz: obras selectas*. Barcelona: Editorial Noguer, 1976, p. 630-631, soneto 153.

¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama,

¡Oh famosa Lucrecia, gentil dama,
de cuyo ensangrentado noble pecho
salió la sangre que extinguió a despecho
del rey injusto la lasciva llama!

¡Oh, con cuánta razón el mundo aclama
tu virtud, pues por premio de tal hecho
aún es para tus sienes cerco estrecho
la amplísima corona de tu fama!

Pero si el modo de tu fin violento
puedes borrar del tiempo y sus anales,
quita la punta del puñal sangriento

con que pusiste fin a tantos males;
que es mengua de tu honrado sentimiento
decir que te ayudaste de puñales

ANEXO F – Hombres necios que acusáis. BARRETO, Tereza C. *Letras sobre o espelho*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 210-215.

Hombres necios que acusáis

Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:

 si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?

 Combatís su resistencia
y luego, con gravedad,
decís que liviandad
lo que hizo la diligencia.

 Parecer quiere el denuedo
de vuestro parecer loco,
al niño que pone el coco
y luego le tiene miedo.

 Queréis, con presunción necia,
Hallar a la que buscáis,
para pretendida, Thais,
y en la posesión, Lucrecia.

 ¿Qué humor puede ser más raro
que el que, falto de consejo,
él mismo empaña el espejo,
y siente que no esté claro?

 Con el favor y el desdén
tenéis condición igual,
quejándoos, si os tratan mal,
burlándoos, si os quieren bien.

 Opinión, ninguna gana;
pues la que más se recata,
si no os admite, es ingrata,
y si os admite, es liviana.

 Siempre tan necios andáis
Que, con desigual nivel,
A una culpáis por cruel
y a otra por fácil culpáis.

¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata, ofende,
y la que es fácil, enfada?

Mas, entre el enfado y pena
que vuestro gusto refiere,
bien haya la que no os quiere
y quejaos en hora buena.

Dan vuestras amantes penas,
a sus libertades alas,
y después de hacerlas malas
las queréis hallar muy buenas.

¿Cuál mayor culpa ha tenido
en una pasión errada:
la que cae de rogada,
o el que ruega de caído?

¿O cuál es más de culpar,
Aunque cualquiera mal haga:
la que peca por la paga,
o el que paga por pecar?

Pues ¿para qué os espantáis?
de la culpa que tenéis?
Queredlas cual las hacéis
o hacedlas cual las buscáis.

Dejad de solicitar,
y después, con más razón,
acusaréis la afición
de la que os fuere a rogar.

Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogancia,
pues en promesa e instancia
juntáis diablo, carne y mundo.

ANEXO G – ¡Válgame Dios! ¿Quién pensara. ALONSO, Dámaso (Org.). *Sor Juana Inés de la Cruz*. obras seleccionadas. Barcelona: Noguer, 1976, p. 455-461.

Habiendo el doctor don Josef de Vega y Vique, asesor general del Excmo. Señor Marqués de la Laguna, escrito unos versos en alabanza a otros de la poetisa, le escribe este romance.

¡Válgame Dios! ¿Quién pensara
que un pobre romance mío
que para salir de madre
hubo menester padrino,

merecía aquella ofensa
que me hacéis, pues imagino
que es vituperio, y no elogio,
la alabanza en el indigno?

Que a los defectos por sí,
cuando carecen de aliño,
el mirarlos como malos
los hace desatendidos:

que como en la inadvertencia
está el reparo dormido,
tiene de no censurados
lo que de no conocidos;

pero si exterior adorno
es de la vista atractivo,
lo que buscó para aplauso
suele halla para castigo.

Cuando el rozagante traje
adorna al disforme jimio,
tanto está más fiero cuanto
provoca más a ser visto⁸²

La oposición, nadie ignora
cuánto refuerza los brios,
y que un contrario se alienta
a vista de su enemigo.

Cuando el frio y el calor
llegan a verse vecinos,
está más ardiente el fuego,
está más helado el frío.

⁸² Que El mono vestido de hombre luce todavía más animal.

Quando destierran la noche
del sol los dorados rizos,
parece ella más oscura
y él parece más lucido.

Pues siendo esto así, señor,
decidme: ¿con qué motivo
me hicisteis aquel agravio
con capa de beneficio?

¿No veis que es querer que, juntos
vuestros versos a los míos,
hagan vuestras perfecciones
más disformes mis delirios?

¿Vos ocupado en mi elogio,
cuando a ser asunto digno
vuestro, es poco el movimiento
de los celestiales giros?

¿Cuándo diera el sol sus rayos
a que os sirvieran de estilos
y os ministraran los cielos
los azules pergaminos

¿Cuándo, si que lo alabais
pensara o prado florido,
hicierais costa a las flores
de buscar nuevos aliños?

¿Cuándo, a temer que haríais vos
de sus versos escrutinio,
mandara con más razón
quemar la *Eneida* Virgilio?

¿Cuándo, si os viera maestro
de su Alejandro, Filipo,
con más justa causa hiciera
a sus dioses sacrificio;

y si el Macedón, vivir
viera en los preservativos
aromas vuestros, sus glorias
a los venideros siglos,

no tuviera, al contemplar
los hechos de los argivos,
ni a Aquiles por tan dichoso
ni a Homero por tan divino?

¿Cuándo, si César gozara
vuestro numen descriptivo,
solicitará, en sus hechos,
aumentarlos, no escribirlos?

¿Vos, a quien por Tolomeo
veneraran los egipcios,
por Solón los atenienses,
los romanos por Pompilio,

los árcades por Apolo,
por Fidón los de Corinto,
los magnesios por Platón
y los cretenses por Minos?

Porque ¿qué Dracón, qué Eaco,
qué Mercurio Trismegisto,
qué Deucalión, qué Licurgo,
qué Belo, qué Tulo Hostilio,

qué Saturno, qué Carondas,
qué Filolao, qué Anicio,
qué Samolio, qué Seleuco,
qué Rómulo, qué Tranquilo

llegaron a vuestras letras,
cuando todos los antiguos
legisladores apenas
os pueden servir de tipos?

Pues a faltar todos ellos,
pudiera vuestro juicio
substituir ventajoso
por sus inmensos escritos;

y así, la naturaleza,
como envidiosa, previno
las ciencias, por excusar
el que les dierais principio.

Mas ¿qué importó, si en el modo
de estudio tan exquisito,
pues las sabéis como nadie,
las deprendéis de vos mismo?

Sois un código animado,
Pues si a *colligo*⁸³ se dijo

⁸³ Dos posibles etimología de código: *Colligo* (recojo) o *cogo* (fuerzo).

código, ¿quién como vos
las leyes ha recogido?

Y si se dijo a *cogendo*,
¿quién como vos ha sabido
al imperio de las leyes
sujetar los albedríos?

Que el triplicado *Digesto*⁸⁴
tenéis ya tan digerido,
que aún tenéis calor para otros
quincuagenarios de libros.

*Pandectas*⁸⁵ mejores sois,
que si esto suena lo mismo
que *comprehender*, vos más que ellas
lo habéis todo comprendido.

En fin, no hay constituciones,
institutas, ni concilios,
ni extravagantes, de quien
no sepáis vos el camino.

Y esto, ¡ aun vaya con Dios, que es
profesión que habéis seguido,
y aunque ser en ella docto
es mérito, no es prodigio!

Mas que también seáis poeta
es cosa que, al referirlo,
han de perder los ingenios
el juicio que no han tenido,

cuando tan graves negocios
dependen de vuestro arbitrio,
descansando en vuestros hombros
el americano Olimpo.

¿Quién no quedará admirado
de que allá, en vuestros retiros,
juntéis el *juris privado*⁸⁶
con el *Calescimus illo*;

y que, sin dejar de Astrea
el siempre igual equilibrio,
junto a lo *Juris-prudente*⁸⁷

⁸⁴ *Digesto*: recopilación en 50 libros Del derecho romano.

⁸⁵ *Pandectas*: recopilaciones más comprensivas.

⁸⁶ La combinación de jurisprudencia y poesía.

⁸⁷ Idem.

tengáis lo *Musae-perito*;

y que no esté en el Parnaso
sin vuestra fe de registro,
ni la obscuridad de Persio
ni la claridad de Ovidio?

Pues no igualan vuestros versos
un Homero, un Vario Livio,
un Andronio y un Lucano,
un Marcio, un Montano Emilio,

un Licofronte, un Alceo,
un Nevio, un Sexto Turpilio,
un Filoxeno, un Terpandro,
un Sófocles, un Esquilo,

un Cornelio Galo, Un Accio,
un Tito Valgio, un Atilio,
un Sexto Aurelio Prospercio,
un Lucio y Clodio Sabino.

Tanto, que pudierais ser
(si hubierais antes nacido)
para Escipión un Ennio,
para Alejandro un Querilo,

un Virgilio para Augusto,
para Domiciano un Sirio,
para Graciano un Ausonio,
y un Menandro al rey de Egipto.

Pues ya, si fuera el asunto
la alabanza de una Clío,
de una Erina, de una Safo,
de una Artemia, de una Fito;

de Corina, o de Minerva,
o de Cenobia, que hizo
con su pluma más ilustres
los hechos alejandrinos;

de la hija de Tiresias,
o hermana de Cornificio,
de la mujer de Lucano
o la madre de Aristipo;

de aquel délfico milagro
o de aquel espanto libio,
de aquel itálico pasmo

o de aquel asombro frigio;

o de la excelsa duquesa
de Aveiro, de nuestro siglo
honra y corona, y gloriosa
afrenta de los antiguos:

en cuya divina pluma,
en cuyo altos escritos,
España goza mejores
oráculos sibilinos,

fuera digno asunto vuestro.
Pero alabar versos míos,
bien pudo ser alabanza,
pero pareció capricho

por descansar del ahogo
de los estudios prolijos
(que hasta el saber cansa, cuando
Es el saber por oficio),

bien como se divertían
de más molesto ejercicio,
con un mosquito, Marón⁸⁸,
y con una pulga, Ovidio.

Quien viere vuestro romance,
podrá decir lo que a Egipto,
que una pirámide tal
erigió para un mosquito,

y... Mas hételo a Guevara⁸⁹,
que ya llega muy preciso
por el romance, y me quita
lo que iba a decir, del pico.

⁸⁸ *Marón*: Virgilio.

⁸⁹ *Guevara*: recadero de La Corte.